predilecção pelos jesuitas desenfreados, não poderia quebrar o proposito necessario de livrar-se uma vez para sempre, de corja tão perniciosa de regicidas, rebeldes, desmoralisadores e hereges que viviam neste reino tão flagellado e á borda da ruina completa e que nem se deixava ganhar por palavras pacificas ou amedrontar por ameaças nem resistencias.

CAPITULO XIV.

Transporte de Jesuitas á Italia

Era finalmente tempo de decidir sobre o que convinha fazer com os padres incriminados. A resolução de exterminal-os fôra tomada, mas sobre o modo, Carvalho já não era mais da opinião antiga. Para onde quer que os banisse, para a Africa ou para as ilhas mais desertas do dominio portuguez, devia o fisco sustental-os, e seria despeza não pequena para o ministro economico arranjar-lhes nova morada e depois munil-os annualmente do necessario. Julgou ser melhor enviar a todos para o Estado Pontificio fazendo delles um presente ao Santo Padre e deixando a sua sustentação aos cuidados do Geral dos jesuitas. Este plano offerecia-lhe duas vantagens. Poupava consideravel gasto ao thesouro real e muitos incommodos a si mesmo. Em segundo lugar envergonharia a Santa Sé e della se vingaria por ter negado a suspensão dos religiosos em Roma, em imitação do exemplo de Portugal. Talvez intencionasse ferir o P. Geral, obrigando-o a arcar com a difficuldade de agazalhar e sustentar tantos subditos, cousa impossivel sem o empobrecimento da Ordem toda. Desta intenção dá testemunho o facto de procurar conseguir das côrtes européas rejeitassem os sacerdotes expatriados, estando, por conseguinte, certo de serem todos forçados a buscar o Estado Pontificio.

Surgiu, porém, um obstaculo, e não pequeno. Despachar todos os membros de menor idade, ainda não professos, mal parecia realizavel. Eram muitos e escolhidos; todos de boa capacidade, indole e conducta, aptos para servir á Egreja e á patria; do outro lado eram jesuitas tambem elles e a roupeta os condemnava igualmente á proscripção. Como retêl-os, comtudo, no reino? O longo encerramento e provação ainda não surdira o effeito desejado. Ninguem se queixava, ninguem pedia demissão da Ordem; todos ficavam inabalaveis na vo-

cação, e probabilissimamente fical-o-iam até a morte. Solver-lhes os votos, obrigal-os á força a abraçar o estado civil, seria violencia (como as até agora praticadas) sem exemplo, que em terra catholica onde é honrada a fé e reconhecida a Egreja, causaria escandalo sem nome. Offerecer-lhes a demissão, sem previo pedido, seria uma vergonha. Afinal decidiu como, por graça especial de el-rei e só por compaixão, não deverem ser exilados. Nestes apuros, recorreu a seu meio costumado, a inverdades, as quaes não enunciou elle mesmo, mas ficavam á conta do cardeal visitador, que agiu da maneira seguinte:

A 8 de Agosto de 1759 elaborou um decreto dirigido ás casas dos jesuitas, censurando-os energicamente, como se até o actual momento houvessem impedido os subditos de se dirigirem a elle, como ao mais alto chefe da Ordem em Portugal. Isto assentando d'antemão, admoestou aos superiores, sob as penas mais rigorosas, a se absterem no futuro de semelhante arrojo. Em seguida incitou-os a lhe escreverem de quanto succedia, promettendo recepção paternal e realisação dos desejos, se possivel fosse. Para attrahir os animos ainda mais, deu-lhes ensejo de poderem, dahi em diante, relatar por escripto o que quizessem, affirmando haver obtido do soberano, por intercessão pessoal, o favor de serem as cartas remettidas pelos senadores e officiaes da guarda dos collegios, já inteirados da ordem do throno. Que a resposta ás missivas não tardaria. — Quanto á correspondencia, era prohibida e a prohibição observada com tanto rigor que num collegio fôra arrebatado todo o necessario para escrever e num outro o official da guarda não acceitou de forma nenhuma a carta de um sacerdote dirigida ao cardeal.

Admiraram-se os superiores não pouco de censura tão inesperada e immerecida, e muito mais ao serem inteirados do facto de haver sido impresso o decreto e affixado nas portas das egrejas da Companhia. Reconheceram logo a mão de Carvalho, activo para com a reprehensão publicada tirar aos jesuitas o louvor da resignação e humildade espiritual universalmente admirada, pois notorios eram os inexprimiveis soffrimentos e a recusa de qualquer pedido. Procurava outrotanto abrir assim caminho a offertas com que esperava seduzir os mais jovens afim de solicitarem demissão.

A' vituperação injusta ajuntaram-se as offertas illusorias. Viu-se logo que visavam exclusivamente abalar a firmeza dos mais jovens, afim de abandonarem o estado de vida, sob a falsa presupposição de possuir o cardeal a faculdade de desligal-os dos votos. Experimentaram sua bondade muito em breve duas victimas do golpe, moradores do collegio de

Santo Antão, a saber: o P. José Lopez e o P. Luiz Alberto, curiosos de provar a liberalidade de Saldanha. Apresentaram por escripto seu miseravel estado de saude, pedindo com instancia permissão de ir a certos banhos, a elles muito uteis, segundo o julgar dos medicos. Accrescentaram o certificado do facultativo, para mostrar que não lhes restava outro meio que a frequencia desses banhos. Qual foi o resultado? O cardeal nem lhes respondeu, elle que antes os admoestára a lhe patentearem, sem reserva, as necessidades; sim, que com expressões repassadas de amor, traduzia desejo sincero de soccorrel-os, mostrou-se surdo e insensivel a supplica tão sensata. Não só não os attendeu, mas entregando a missiva ao ministro, este ordenou fossem os dous padres coxos internados nos carceres de Azeitão, onde pouco tempo depois pereceram de miseria. Bem differente se mostrou o delegado apostolico aos poucos que pediam licença de abandonar a Ordem. Só estes, conforme veremos, acharam melhor acolhimento. Exhibiu-se, portanto (visto gloriar-se do cargo de superior dos jesuitas), como pae para a ruina e não para o amparo dos filhos na desgraça.

O decreto do banimento ainda não estava assignado; foi subscripto só aos 3 de Setembro de 1759, e Carvalho já preparava a execução. Já em Maio encommendára um navio, sem participar ao capitão o fim da viagem. Soube-o apenas quando devia zarpar e os padres se acotovelavam nos compartimentos da embarcação. Obteve o chefe ordem de não deixar ninguem entrar no navio, sem aviso previo do ministro, e estar, ao primeiro signal, prompto para partir. Durante a espera no porto, recebia uma determinada somma, e isto desde Maio até 17 de Setembro. Entrementes mandou preparar no navio 150 colchões, e baixando pelo mesmo tempo ordem de trazer os jesuitas de Elvas e Faro a Evora e de lá a Lisbôa, ninguem mais duvidava de que a não arrancaria a Portugal os benemeritos ministros de Deus. O lugar do destino ficava envolto em segredo, quando em fins de Agosto fervilhou na capital o boato de que seriam exilados para a Africa, e á mesa do ministro se falava muito nas ilhas de Cabo Verde, São Thomé e Terceira. O mysterio guardava-o para si, sem explicar-se. Ninguem pensava na Italia, por pessoas sensatas commentarem que seria, mau grado seu, obrigado a recebel-os novamente caso os principes do Lacio os regeitassem. Não obstante Sebastião confiava firmemente na bondade do Soberano Pontifice, julgando que este os acolheria com certeza.

A 1.º de Setembro de 1759 o governador de Elvas, em cumprimento da ordem vinda do ministro, avisou os jesuitas do collegio d'alli, afim de estarem preparados para partir

quanto antes, sem communicar-lhes o termo da jornada. Estavam já em companhia delles os de Portalegre e Villaviçosa, de sorte que com os irmãos coadjutores, orçavam por 34. Pela tarde do mesmo dia, appareceu á porta o governador, capitaneando meio regimento de cavallaria. Repartidos os padres dois a dois pelas caleças, e montando os irmãos a cavallo, deu signal de partida. Abriam marcha o tenente José Silveira e a vanguarda a cavallo, vinham logo, os vehiculos ladeados cada qual de dois cavalleiros e em seguida os irmãos. Entre o corpo da guarda estava o governador em pessôa. Embora ser noite, multidões de povo enchiam as ruas e, no meio de gritos e choros os acompanhavam. Tres dias de viagem difficultosa devido á falta de comida, de repouso e estalagens, e eil-os entrados em Evora, bondosamente recebidos pelo senador Novajo e confiados ao P. Reitor. Da mesma maneira foi annunciada a partida aos jesuitas de Faro, sendo conduzidos ao centro mencionado, onde chegaram um pouco mais tarde.

O collegio de Evora em si já muito numeroso, por ser estabelecimento de ensino, e consequentemente apinhado de estudantes, mal agazalhava tantos hospedes. Aos 10 de Setembro, depois de separados os professos dos mais moços, disse Novajo aos primeiros, em numero de 69, que apromptassem suas malas e estivessem preparados para a noite do dia subsequente. Do fim da viagem, nem palavra. Este particular calaram-no os senadores todos das casas restantes. Aos não-professos nada foi dito porque, quanto a elles, havia mais esperança de induzil-os, uma vez ausentes os padres, a jogarem ás urtigas a roupeta ecclesiastica. A' tarde do dia immediato pararam ante a porta 35 caleças com uma multidão de praças e officiaes a cavallo. Para evitar qualquer desordem, ordenou o senador que cada qual escolhesse para si um companheiro e depositasse a trouxa na parte posterior da sége. Cumprida a vontade, deu signal do desfile. Impossivel é descrever cabalmente o carinho da despedida entre os padres e a multidão de estudantes religiosos, estes, orphãos desamparados, sem os professores, superiores e guias espirituaes, não sabendo onde ir, como passariam, ou se neste mundo tornariam a vêr os entes queridos. Dor e tristeza se viam pintadas em todos os rostos e tão copioso era o pranto que enterneceu até ás lagrimas os officiaes e soldados. Mais um cordeal abraço, e eil-os separados, os jovens que ficam e os padres que partem, tres horas após o pôr do sol; estavam rodeados de praças a cavallo. A longa fila de 35 vehiculos encerrou-a um senador com o official de estado-maior e os cavalleiros. A jornada era muito fatigante, por falta do alimento necessario, pela estreiteza de estalagens, e por serem escolhidos caminhos pouco

andados, virando e estragando-se não pouco os carros. E tudo por ordem de Carvalho. Vencidos quatro dias de viagem em extremo difficultosa arribaram emfim ao Tejo. Embarcados em quatro barcos, subiram no dia seguinte, 16 de Setembro, a bordo do navio marcado para transportal-os á Italia. Entraram quasi ao mesmo tempo os do collegio de Santarem, no total de 24 pessoas.

Formavam, pois, o conjuncto de 93 jesuitas, e dando a embarcação lugar a muito mais, foram reunidos no mesmo dia ainda os das tres casas da capital, subindo a cifra a 123: todos padres professos, exclusive alguns, tidos por engano em conta de taes, e a maior parte bastante adiantada em annos. Foram excluidos do numero dos banidos alguns membros de estirpe fidalga. Julgava o ministro, sem assomo de respeito á virtude, instrucção, santidade e vida gasta em serviço do publico, ser necessario honrar a nobreza, a qual não é o maior brilho num religioso. No mesmo dia, tanto é certo, mandou uma diligencia ás tres casas de Lisbôa, para receber o P. Felix da Veiga, P. João de Noronha, filho do conde de Arcos, P. Diogo da Camara, tio do conde de Ribeira, P. Nuno da Cunha, irmão do conde de Povolide, P. Joaquim Xavier Barruncho e Francisco de Portugal, irmão do conde de Valença. Apezar de preparados como os demais para marchar ao exilio, supplicaram com instancia não fossem separados dos confrades, affirmando não serem mais innocentes que estes, tiveram, não obstante, de tomar caminho para outros mosteiros.

Quando os determinados para a viagem se acharam a bordo, appareceram tres senadores com um notario, assentando os nomes na pôpa da embarcação. Só agora souberam que seguiriam á Italia, mostrando, consequentemente, grande alegria e contentamento, e só agora, conscio do caso, Carvalho notou haver-se enganado na determinação. Na verdade, não parecia grande castigo trocar Portugal pela Italia, certos de encontrarem na segunda patria quanto deixavam na primeira, excepto os parentes. Para os italianos em todo o caso não era nenhum castigo, e por isso, aos muitos delles encontrados nas missões da Africa e America, reteve em Portugal.

José Seabra, o senador incumbido de arranjar o indispensavel para a viagem apresentou uma lista da provisão feita, e quiz que os padres a lessem mesmos. Embora notassem grande falta, em especial no tocante á baixella, não abriram a bocca. A agua e os biscoitos estavam quasi estragados; toalhas de mesa não havia, nem guardanapos, nem facas, garfos ou copos, etc. Cada um recebeu uma colher de pau tão larga, que com ella não se podia comer commodamente. Os pratos tão poucos, obrigavam-nos a se servirem seis de um só, particu-

laridade destoante da decencia peculiar aos religiosos. Vendo tratamento tão descortez, o proprio capitão do navio, José Olderchevich, confessou francamente que se o sultão de Marrocos mandasse para o degredo os mais vis dos seus subditos, não os trataria tão duramente. Mesmo os officiaes e soldados falavam com ares de indignação, a ponto de ser o senador levado a fornecer quanto antes mais uns copos e mais louça de barro. Carvalho sentiu vergonha disto, e prescreveu mais urbanidade nos proximos transportes. Zarpou o navio a 17 de Setembro de 1759. Ia na frente um vaso de guerra, o qual, chegado ao estreito, regressou ao porto, tendo o seu capitão, Antonio Brito Freire, a gentileza de remetter-lhes um pequeno barril de vinho excellente, assucar, chá e um cesto de fructas frescas. No estreito, cessado o vento favoravel e prevendo elles que a viagem levaria bastante tempo, pediram ao capitão licença de descer num porto hespanhol, afim de angariar novas provisões, sem as quaes, succumbiriam de fome. Mas o dono mostrou-lhes um escripto no qual Sebastião lhe prohibia, sob diminuição de 400 escudos duros, lançar ferros em parte alguma, salvo o caso de necessidade extrema. Affirmaram os desterrados estarem em tal caso, prometteram não desembarcar e o levaram a ancorar, a dois de Outubro, em frente de Alicante. Immediatamente compareceu, numa barca, a policia de saude do porto com o intuito de examinar a nau, e notando estar repleta de padres, permittiram que um sacerdote só desembarcasse para ajuntar provisões. Sendo marcado o P. João de Soares, este encaminhou-se directamente ao collegio de Alicante, explicando aos padres o estado lastimavel dos co-irmãos portuguezes e pedindo ajuda.

Auxilio immediato, liberal e generoso ultrapassou a espectativa, vindo ao navio legumes, carne e toda a casta de fructas, em superabundancia.

A cidade inteira andava em reboliço para vêr os degredados, querendo muitos dos mais illustres desembarcassem e entrassem em suas casas, mas ouvindo do P. João de Soares a impossibilidade de tal proceder, deram ricas esmolas, motivo porque o nome da cidade ficará gravada para sempre na memoria dos jesuitas portuguezes.

Levantadas as ancoras, o navio continuou na rota, mas chegando ao golfo de Lyão, formidavel tempestade jogou-o até Corsega, errando depois pelas aguas, não sem grande perigo e perda de tempo. Escasseando novamente os mantimentos, entrou aos 11 de Outubro em Spezia, porto genovez. Como por esta quadra do anno muitos senhores de Genova alli passassem o outomno, em geral amicissimos da Companhia, subiram a bordo e expressando aos padres sua franca

amizade e mais profunda compaixão, presentearam-nos com ricos refrescos e provisões, de sorte que todos sãos arribaram a 24 de Outubro a Civitá Vecchia.

Por cartas recebidas da Hespanha já se sabia em Roma a proxima chegada dos religiosos, e o P. Geral já determinára alguem para preparar uma bôa recepção aos numerosos hospedes. Mal entrada em Roma a noticia da vinda, o Geral despediu immediatamente o P. Delci, vice-superior da casa professa, para saudal-os em seu nome, e conduzil-os, quanto antes, a Frascati, á chacara do collegio romano. Emquanto durava a installação, foram recolhidos em diversos conventos de dominicanos, franciscanos e por illustres leigos, e sustentados com toda a boa vontade e signaes de alto apreço. A 6 de Novembro seguiram, finalmente, a Frascati.

E' tempo de voltar a Portugal. No dia subsequente á partida do navio, a saber, 18 de Setembro, sahiu em Lisbôa um edicto geral banindo todos os jesuitas. Trazia a assignatura de el-rei com a data de 3 de Setembro, na forma de lei irrevogavel de Sua Majestade. Desnaturalisava e proscrevia os religiosos da Companhia sob pena de morte de todos os dominios sujeitos á corôa portugueza. Abrangia outrosim o castigo os portuguezes que no futuro fomentassem relações com os banidos. Para justificar modo tão severo de agir, amontoou o escripto as mais diversas especies de inculpações que andaram já publicadas: a guerra do Paraguay, as sublevações no Maranhão, a usurpação das Provincias no Brasil, a mercatura, conjuração, os erros impios e sediciosos. Até os proprios jesuitas romanos não ficaram immunes, sendo exhibidos como os mais culpados nesses crimes, por haverem, sem excepção, assoalhado calumnias horrorosas contra a mais alta dignidade de Portugal: Sua Majestade, El-Rei Fidelissimo e seu ministro. Remata o edital, declarando a Companhia totalmente decahida do santo instituto, contaminada na raiz, incuravel, por consequencia, incapaz de reformação, corrupção essa provinda de longa data, como o demonstra a patria por triste experiencia, soffrendo seu influxo pernicioso por mais de duzentos annos.

Com esta asserção offendeu á honra e memoria tanto dos soberanos anteriores que nunca haviam notado as maldades condemnadas, mas sempre louvado e favorecido os religiosos, quanto á nação em peso que sempre formára o mais elevado conceito a respeito delles. Por ultimo, suppondo poder existir entre os não-professos de tenra edade um ou outro, talvez innocente, dos quaes se compadece, assegurava que a magnanimidade do monarcha permittia ficar no reino aos que fossem tidos por inculpados, uma vez que pedissem ao cardeal visitador

sua demissão da Ordem. Presuppunha, pois, faculdade de solver os votos no cardeal, embora não a tivesse, nem pudesse imaginar possuil-a em virtude do Breve da visitação.

Edicto tão hediondo não produziu admiração, porque realisava a espectativa do povo nascida ao apparecer do primeiro Manifesto de Pombal, no qual só se fala das guerras e rebelliões americanas. Tanto maior foi a admiração causada pelo que disse dos jesuitas romanos. Era como se Carvalho quizesse, de certo modo, processar igualmente os jesuitas de outros principios, e arruinal-os no mundo inteiro, e isso talvez por haver alguns delles proferido alguma queixa contra Pombal; claro: todas as calumnias da invenção do ministro espalhadas pelos jesuitas contra o rei, não têm outro fim que a destruição completa de toda a Ordem. Os jesuitas de Roma, sei-o com certeza, imitados pelos demais falaram sempre com reverencia do rei de Portugal, por bem saberem ter a desgraça origem, não no rei, mas unicamente no ministro, que o embaira a ponto de concordar em tudo.

A affirmação parecia exaggerada, e muito. Facilmente podia imaginar que, visto haver perpetrado tantas injustiças para com os religiosos de sua proximidade, os mais afastados não deixariam de collocal-os na luz devida, para salvar a honra da Companhia. Se não fizeram mais que levantar uma queixa, não deve ser ella levada a mal, nem ser tida em conta de crime. Mas que humilhação para Carvalho ser mais tarde forçado a desmentir por factos quanto irreflectidamente inventára no edicto!! Havendo declarado solemnemente que só a compaixão de el-rei permittia aos jesuitas de menor idade ficar na patria, entrou na necessidade de empregar esforços de todo o genero, mesmo rogos para ficarem, e não regeitarem sua mercê, a qual segundo o edicto queria conceder a um ou outro unicamente.

Apenas terminado o primeiro transporte, apressou o preparo do segundo. Tinha especialmente em vista esvaziar todas as casas, a começar com as da capital. Relegados os moradores dellas, mandou leval-os a uma aldeia denominada Azeitão, e encerral-os numa chacara do executado duque de Aveiro. Em toda parte recebiam inesperadamente a ordem da partida, sem a determinação da nova residencia. E então, rodeados por praças promptas para servil-os, em tudo quanto possivel, viajavam em altas horas da noite por caminhos ermos, para a vista de gente tão impia, como Carvalho dizia, não contaminar os bons portuguezes, ou antes, por bem saber como o povo acompanhava com lagrimas os infelizes e amaldiçoava o autor do degredo.

Quantas privações por causa do mau tempo, por falta do necessario, e mais por ser a maioria já encanecida, incapazes quasi pela fraqueza de ficar em pé, sujeitos a tão penosa viagem! O mais doloroso foi o lugar aonde chegaram: fechados todos numa vastissima sala com janellas tapadas, allumiada por resteas de luz que vinham de cima! A tantos soffrimentos accrescia o apertamento dos presos devido ao grande numero.

Os primeiros alli chegados não dispunham nem de camas, nem de palha nem de traste algum. Assentados no soalho serviam-se todos de um grande prato, privados de baixella. Faltaram-lhes as commodidades mais necessarias; abstenho-me de falar do cheiro insupportavel, do calor anormal e de outros incommodos do horrivel calabouço, impossiveis de descrever sem faltar á decencia. Qual não foi o prazer de Sebastião ao ter agora em estado tão miseravel os jesuitas, annos atraz tão honrados, e poder espesinhar a quem antes prestára homenagens, procurando attrahir a benevolencia?

Cumpre, porém, por amor á verdade, registrar a pequena melhora soffrida com o correr do tempo. Chefiava primitivamente a inspecção dos reclusos o senador Lobro, governador de Santarem. Homem de boa alma, sentia compaixão com os affligidos, sem entretanto, poder valer-lhes. Succedeu-lhe o senador Novajo, incumbido, como vimos, da guarda do collegio de Evora. Apezar de dotado de indole severa, e nada propenso aos religiosos, alcançou comtudo que fosse abrandada a estreiteza da prisão, e que os padres, cujo numero augmentava sempre, não morassem tão incommodamente, que recebessem camas, algumas cadeiras, baixella e vasos,trazidos dos collegios; conseguiu tambem que um dos presos celebrasse em lugar adequado, diariamente, uma missa, assistida pelos companheiros, favor antes impossivel de se fazer. No mais tratava-os com brutalidade, e recebendo elle mesmo o dinheiro destinado ao sustento diario dos encarcerados e fornecendo tudo, dava um jantar, por via de regra, miseravel, mal chegando para conservar a vida. Não raro não havia ceia, porquanto allegava haver o jantar consumido a pensão inteira. Fel-o, conforme suspeito, a conselho do despota que talvez esperava domal-os, mormente aos moços e movel-os a solicitarem demissão do sacro Instituto. Baldadas esperanças, pois justamente os mais jovens foram os que zombavam delle. Conhecendo o lado fraco do bom do senhor Novajo, i. é, o prazer em ouvir elogios de sua pessoa, começaram a cumulal-o com os mais bellos encomios. E com effeito, o louvor tecido arrastou o funccionario publico a entregar-lhes a administração do dinheiro. Obteve igualmente um accrescimo para os doentes. Dahi em diante, compravam mesmos os viveres, e as cousas

corriam menos mal, mas nunca bem, principalmente para os que por espaço de dois longos annos, a partir de meados de Setembro de 1759 gemeram nas horriveis e estreitas prisões.

Ao passo que os carceres de Azeitão se atulhavam de religiosos, occorreu a 7 de Outubro o segundo embarque para a Italia. Constava a expedição de duas naus, uma com 58 e a outra com 59 passageiros, a primeira com os de Coimbra todos professos, porque eram retidos os mais jovens, a exemplo de Evora, a segunda com os das masmorras de Azeitão. Em comparação ao primeiro transporte, registravam-se melhoras na provisão de mantimentos e serviço de mesa, tirados dos estabelecimentos dos proscriptos. Tinham, porém, os capitães dos navios ordem de Carvalho de logo ao desembarque exigir e trazer tudo de volta. Desta vez o transporte não era para Civitá Vechia, mas para Genova. Qual a razão? Talvez tencionaria envergonhar os senhores genovezes por não haverem tolerado a propaganda dos pasquins forgicados em Roma? Talvez vêr se acolhiam os desterrados, para então tomar vindicta dos negociantes genovezes residentes em Portugal? — Seja qual fôr o motivo, parece indubitavel haver tido certeza de que afinal aportariam no Tibre.

Soffridos diversos incidentes e uma demora de varios dias em Marselha, eil-os alfim em Genova, onde o senado, depois de permittir aos jesuitas da cidade a recepção dos co-irmãos, mudou inesperadamente, prohibindo o desembarque. Um unico sacerdote da Provincia allemã, imiscuido por engano entre os portuguezes, poude sahir e regressar á sua Provincia. Não obstante, numerosos fidalgos subiram a bordo, presenteando-os com variados comestiveis. Venceram, porém, a todos os signaes de affeição e amor dos jesuitas italianos a seus irmãos do occidente. Não lhes sendo permittido hospedal-os em casa, quizeram sustental-os á sua custa, mandando-lhes, durante os dez dias da espera no caes, o jantar e a ceia, entre mil outras demonstrações de benevolencia.

No emtanto os capitães das embarcações contratadas só até alli, recusaram continuar sem novo ajuste. Tinham razão; mas quem havia de fazel-o? Não restava outro expediente que o de reconduzil-os á patria. A idéa esbarrou com a opposição dos jesuitas contentes de terem evadido á tyrannia do seu algoz. Em tal situação mandou o senado, embarcal-os num navio e por uma somma de dinheiro, que seria paga pelos jesuitas genovezes fossem levados a Civita Vecchia. Concordou o capitão; este carregava muita bagagem para o porto de Livorno e notaram com isto os padres ser necessario para o termo da viagem mais tempo. Chegados aos 19 de Novembro a Livorno, pediram instantemente permissão de descer e entrar

pelo menos no hospital. Debalde! O governador, imitando o exemplo dos collegas de Genova, não quiz permittil-o; deixou pisar em terra tão somente um enfermo, com o companheiro que o tratava, e os quaes se dirigiram ao collegio da Companhia. Pedindo ao capitão apressasse a partida, este abriu finalmente pannos aos 16 de Dezembro, com grande incommodo de todos por estarem em navio tão pouco espaçoso para tantos.

Mal sahidos de Livorno, medonha borrasca os forçou a buscar refugio em Porto Longono, onde os banidos tiveram a satisfacção de saltar pela primeira vez em litoral deshabitado, embora passassem uns dias de duras provações. Zarpando de lá aos 28 de Dezembro, nova tempestade os obrigou a se recolherem em Porto Ercole. Assim, decorridos noventa dias desde a despedida da patria, arribaram alfim em Civita Vecchia a 4 de Janeiro de 1760. Alquebrados por viagem tão longa e difficultosa e semi-mortos de cansaço, moveram geral enternecimento. Felizmente a providencia do P. Geral e dos amaveis habitantes de Civita Vecchia forneceu o necessario para o restabelecimento das forças, e então, embarcados em carros, seguiram a Roma e de lá a Castel Gandolfo, residencia marcada para elles.

CAPITULO XV.

Heroica fidelidade na vocação

Nesta quadra de tempo Carvalho envidava todos os esforços para levar os jovens aspirantes aos ultimos votos, a deixarem a libré jesuitica. Quasi toda a mocidade da Provincia portugueza estava reunida nos dois collegios de Evora e Coimbra, e constava dos estudantes de rhetorica, philosophia, theologia e dos mestres das escolas inferiores. Sendo a casa dos noviços em Lisbôa utilisada para um hospital ou conservatorio de musica, elles tambem tinham sido empurrados para Coimbra. O cuidado do collegio de Evora passára, havia pouco, do conselheiro Novajo, inspector dos carceres de Azeitão, ao senador Jeronymo Monteiro, estando o de Coimbra sob os auspicios do senador Castro.. Arrancando a ambos os estabelecimentos os professos, esperavam os inimigos alcançar mais facilmente o desideratum em relação aos jovens, privados da direcção dos mais velhos: a demissão da Ordem.

Mas debalde! Em breve succedeu algo de extraordinario, despertando a admiração dos officiaes e soldados da guarda.

Retirados embora, como dissemos, os padres mais velhos, e abandonados os jovens á propria discreção, sem o governo dos superiores, de quem costumavam depender em tudo, o modo de viver não registrou a mais insignificante innovação. Tendo ficado alguns sacerdotes que cursavam o quarto anno de theologia, escolheram um delles para o cargo de superior, o qual distribuiu os demais empregos necessarios, e elevou os mais competentes a professores, afim de todos poderem proseguir nos estudos. Desta maneira, ambas as communidades continuaram, pacatas, no cumprimento das obrigações, apezar da ausencia dos professos. Repercutida a nova pela cidade, era commentada como gesto de extraordinaria edificação. O algoz de tantos ministros de Deus imaginava ser facil induzir os jovens a deixarem a Ordem, mas vendo que depois da publicação do edicto do banimento ninguem queria experimentar a compaixão do throno, ninguem apparecia para sollicitar demissão, mandou offerecel-a pelo cardeal visitador mesmo, porque tencionava conservar ao reino uma parte util da nação portugueza.

Cumpriu Saldanha o mandato elaborando um escripto entregue aos jovens, mas que não surtiu outro effeito além de se escandalizarem ainda mais do reformador o qual, em vez de animal-os á firmeza na vocação, realizava tentativas de reconduzil-os á liberdade mundana. Fracassado o plano, Carvalho enviou aos senadores encarregados ordens diametralmente oppostas ás anteriores. Antes estava prohibida qualquer comunicação oral com gente de fóra, agora concedia liberdade plena de falar á vontade, mesmo com senhoras no templo do Senhor, mandar e receber cartas, etc., etc. Em vão! Excepto uns poucos, mais fracos e menos escrupulosos na disciplina religiosa, que comtudo cedo ou tarde haveriam de ser demittidos, todos rechassaram o violento ataque. A's replicas promptas, decididas de muitos ninguem ousava objectar palavra. Uns ouviam a offerta, mas logo voltavam as costas, outros queimavam as cartas, sem dignal-as de um olhar, pois facilmente podiam adivinhar o conteudo.

Conscio do resultado e notando que as cousas não corriam tão bem como imaginára, o ministro houve por bem escrever pessoalmente uma carta aos dois senadores para ser transmittida aos heroes. Explicou que el-rei, bem sabendo serem innocentes os mais jovens da Companhia, (e comtudo constituiam uma parcella do corpo infeccionado, totalmente corrompido) os isentára da pena infligida aos outros, sim até declarava estar preparado para tomar todos debaixo da regia protecção, sob a condição de acceitarem a demissão offerecida pelo cardeal. Os senadores incumbidos de lêr a carta em pre-

sença das communidades e trazer de todos resposta escripta, falaram em publico e com cada qual em particular empregaram toda eloquencia afim de persuadil-os, mas inutil! Uma unica foi a replica geral por escripto: antes morrer que abandonar a Ordem. Em vez de resposta, alguns escreveram com seu sangue a formula dos votos e a assignavam; nada mais! Remettidos os papeis ao ministro, este ficou enfurecido pela opposição, sem comtudo largar a esperança de subjugal-os ao seu capricho. Armou nova emboscada que produziu effeito bem diverso, servindo unicamente para robustecer a coragem, a fidelidade á vocação.

Imaginava ficarem muitos inabalaveis por temerem a pobreza, caso abjurassem ao Instituto. Para evitar esta pedra de tropeço, intimou a Saldanha escrevesse aos senadores, annunciando que alcançára da magnanimidade do monarca que a todos quantos desertassem da Companhia fosse paga pela thesouraria regia a pensão vitalicia de 1 tostão diario, sendo mister tão somente (nota bene) demonstrar ao juiz verdadeiro estado precario de finanças. Uma segunda carta com assignatura de el-rei, obteve Cordeiro, prescrevendo o pagamento do premio conforme as condições indicadas pelo cardeal. Uma terceira dirigiu Carvalho mesmo aos senadores exhortando-os emphaticamente a envidarem o possivel para alliciar os jovens; pintassem o prazer do soberano, prometessem em nome do potentado quanto sollicitassem, e caso alguem se rendesse, o mandassem incontinenti com todas as honras a um certo e determinado hospicio. Os funccionarios desempenharam o encargo com maestria. Congregados todos, mandaram lêr as cartas, secundando-as com vigorosas advertencias. Facil é de conceber o descontentamento dos religiosos com a offerta infame de uma ridicula diaria, e esta sob uma condição tal que muitos dos mais briosos retorquiram: „Não merece resposta.“ Todos englobadamente rejeitaram a proposta, affirmando não collocarem a vocação em plano tão baixo para vendel-a por um tostão de cada dia.

Baldadas as tentativas de submetter a vontade dos pequenos heroes, rumorejou aqui e acolá o boato de que os ligados por votos seriam proscriptos e os noviços despojados do habito. Assim já se procedera com os noviços das Provincias ultramarinas, e não duvido que esta tinha sido a intenção do conde de Oeyras. Na patria, porém, envergonhava-se de recorrer a violencias tão escandalosas; podia ser tambem que não estivesse por isto el-rei. Quiz entretanto que se tivesse nova entrevista, mormente com os noviços, e baixou ao conselheiro Castro de Coimbra o secreto mandato de effectual-a. Obedecendo o senhor, mandou a 4 de Outubro publicar no

collegio que viria pela manhã seguinte para trazer ordens de Sua Majestade aos noviços, os quaes se reunissem na sala da bibliotheca.

Chegada a hora, entrou e vendo ante si em pé a longa fila de jovens, nenhum muito acima de 16 annos, olhos fitos no chão e rosto alegre, quasi ficou commovido. Começou pois, a dizer que viera por ordem de el-rei para aconselhar-lhes o abandono da Companhia e o regresso ao lar paterno, ficando cheios de confiança na bondade do soberano; do contrario, teimando em ficar na roupeta jesuitica, seriam desnaturalisados, banidos, sem esperança de revêr a patria e os parentes idolatrados.

Todos responderam em côro já haver reflectido, exterio-risaram a dôr profunda de viver na desgraça do throno, e confessaram não guardar lembrança de crime perpetrado contra el-rei, que não devia levar a mal o continuarem na Ordem um dia escolhida.

Finda a visita, retirou-se envergonhado, inteirando o ministro do occorrido. Agastado pela franqueza de um pequeno noviço que pediu ao P. Ministro licença de vêl-o, como se a do legado não bastasse, perguntou quem era esse P. Ministro e o citou perante Carvalho como seductor, que com suas bacharelices enfeitiçava e infundia ideas de pertinacia á desgraçada mocidade. Ouvir o nome do religioso e dar voz de prisão ao fanatico (assim o denominou), foi cousa de um momento. Era o dito sacerdote homem das melhores qualidades, chamado José de Carvalho que após a partida dos professos foi eleito, pelos demais, superior da casa, afim de vigiar a ordem e disciplina domesticas. Nada evitou para inflammar de coragem os inferiores, no intuito de permanecerem inabalaveis no estado. Escreveu até ao cardeal visitador uma carta humilde mas bastante decidida, supplicando a Sua Eminencia deixasse de seduzir os jovens a deixar o sacro Instituto. E Saldanha que admoestára todos a escreverem francamente quanto quizessem, devia pelo menos encobrir a missiva; mas não; segundo seu costume, mostrou-a logo ao ministro que explodiu de colera, e sobrevindo a noticia do senador, mandou encarcerar o odiado autor. Reputou-se feliz José Carvalho, a ponto de no acto do aprisionamento presentear o official da execução com quanto havia de mais grato: um relicario. Antes de partir obteve permissão de abraçar os companheiros debulhados em pranto, e aproveitou o ensejo derradeiro para animal-os.

Convencido por ultimo da impossibilidade de abater a fortaleza dos jovens, o inimigo tomou finalmente a resolução de arremessal-os ao desterro. Começou com os de Coimbra.

A 20 de Outubro introduziu-se o senador Castro no collegio, reuniu a communidade e mandou lêr em voz alta o decreto do banimento a par do edicto do visitador a aconselhar aos noviços o abandono da Ordem. Rematou a ceremonia um escripto do conde de Oeyras endereçada ao senador, em que expressava sua admiração sobre o facto de terem em tão pouca conta a graça de el-rei, que por isso os advertisse e explicasse não soffrerem pela fé, nem, como talvez imaginassem, serem martyres. A' allocução respondeu em nome de todos o superior, P. Francisco Xavier Taveira, ainda não professo, affirmando sentirem muito por não se poderem render aos esforços do cardeal visitador e do ministro, experimentarem o pezar do abandono da patria, mas não verem razão sufficiente para deixar uma Ordem a que se tinham votado para sempre, e estarem promptos para ir ao exilio. Em seguida notificou-lhes o senador estivessem preparados para partir no dia 24 de Outubro, com destino não á Italia, mas a ilhas e plagas desertas da Africa, para onde a justiça de el-rei os expulsava. As ultimas palavras, foram qual raio tombado no coração dos jovens desejosos de reencontrar os paes em Christo, e dois dos mais fracos resolveram ceder, e cedendo sem o conhecimento dos collegas, voltaram ás suas familias, não olhando para a demissão offerecida por Saldanha.

Tanto mais brilhou a coragem dos outros a se prepararem alegres para a viagem. Havia entre elles doentios que succumbiram a caminho ou logo depois da chegada á Italia. Estes pediram ao medico desse ao senador um attestado de serem capazes de supportar a jornada. Quando pela alvorada de 24 de Outubro correu pela cidade a nova da evacuação do estabelecimento, a affluencia das pessoas foi immensa. Desceram á egreja repleta de povo a chorar de commoção e receberam o pão dos fortes. Entrementes concorreu a cidade em peso ás proximidades da casa, para assistir a um espectaculo, ao vêr della, uma das maiores desgraças de Portugal. Como ia anoitecendo, vieram o senador de Castro, dois notarios e uma companhia de soldados que formou em frente do edificio. O senador juntamente com os notarios passou revista aos quartos, tomou os nomes dos proscriptos e annunciou-lhes a partida, lembrando, porém, mais uma vez de que ainda era tempo de abjurarem ao jesuitismo, e que um unico instante podia agora livral-os de innumeras calamidades. Debalde! Todos desceram á galeria do primeiro andar, e obtida a licença de visitar o Santissimo, passaram, no total de 145, pela porta do collegio.

Ao vel-os, o povo prorompeu em altas lamentações e choros. Muitos invejavam-lhes a firmeza, outros amaldiçoa-

vam a crueldade do perseguidor de tantos innocentes, outros ainda lastimavam a infelicidade da terra privada dos ecclesiasticos, pregadores e mestres. Na rua aguardavam 16 caleças e 1 liteira para os fracos e doentes. Todos os restantes montavam a cavallo. Como já ia pela meia noite, começou a marcha em boa ordem, formando a vanguarda um official com alguns cavalleiros. Vinham em seguida os carros e a liteira, cada qual ladeado de dois cavalleiros, vinham dois a dois os montados a cavallo, e atraz de cada quarto par novamente cavalleiros portadores de fachos; constituiam a retaguarda dois scenadores numa caleça, o official commandante da cavallaria com 4 cavalleiros e emfim os carros das bagagens. Estava prohibida aos soldados qualquer communicação com os expatriados, mas não obstante fallaram e onde possivel, os serviam com carinho e respeito como nem era de esperar. Sahidos de Coimbra ouviram que a meta era a cidade de Porto, onde se effectuaria o embarque. Devia a jornada durar dois dias somente, mas devido á multidão de viajantes, prolongou-se por quatro. Deixo de lado os padecimentos nas pessimas estalagens, a falta de viveres, ou intemperies da estação, o frio e a chuva incessantes. A's estradas percorridas affluiam massas compactas de espectadores. Recebidos em toda parte com lagrimas e despedidos com benção, entraram a horas mortas da noite de 28 de Outubro no Porto, sendo encerrados no collegio.

Depois delles, chegaram tambem 16 companheiros de Bragança e 40 de Braga, de sorte que a casa, que apenas dava espaço para 30, acolhia 230 jesuitas.

Aos de Bragança conduzia o senador Raymundo Coelho e Mello, homem duro que tencionando propocionar uma alegria a Carvalho e quiçá ao bispo de Miranda, tocou as raias da dureza e barbaridade. Embora só 16, rodeou-os por 60 cavalleiros, com ordem de em todas as povoações fazer retumbar a trombeta, como se conduzissem um bando de ladrões e assassinos. Aos incommodos do caminho montanhoso, accresceu a deshumanidade, a ponto de o P. José Mesquita, derrubado da liteira e nos humbraes da morte ficar privado de um collega para ajudal-o nas derradeiras preces. Apenas chegado ao Porto, recebeu a extrema uncção, expirando durante a ceremonia, em consequencia das inclemencias indiscriptiveis do trajecto.

Mais felizes foram os de Braga durante a sua estada no collegio. Inspeccionava-o Antonio Leite Campo, homem muito sabio e discreto, cumpridor das ordens do ministro, sem todavia mostrar injustiça ou dureza. Consta-me que desapprovou a leviandade de um joven lente de grammatica, que ao ser lido

o edicto do exilio, se declarou prompto para abandonar a Companhia. Mas infelizmente não coube a senhor tão distincto acompanhar os padres na peregrinação ao desterro. Para este fim, vieram de Porto dois outros senadores de bem outra tempera, a saber Fernando Leite Lobo e Antonio Rogueira, ambos caracteres asperos, culpados pelas muitas privações da breve viagem. Quando ao partir de Braga, Lobo presenciou as demonstrações de affecto e dôr do povo affeiçoado aos padres, mandou aos soldados dispersar a multidão de espadas desembainhadas, sendo feridos não poucos, e dirigir as carabinas contra as janellas, onde choravam, mormente mulheres, que se recommendavam ás orações dos religiosos.

Quanto aos jesuitas relegados anteriormente de Lisbôa e Maranhão para os collegios de Braga e Bragança, estes não foram transportados para a Italia, mas encerrados nas fortalezas de Almeida e S. Julião, ficando ambos os pios estabelecimentos totalmente vasios.

E ali, no collegio do Porto realisaram-se as ultimas tentativas de arrastar os não-professos ao abandono da Ordem. O resultado final constituiu a queda de tres somente. Tambem aos professos foi da parte do cardeal visitador offerecida a licença de abraçar outra Ordem ou voltar ao mundo. Inutil intento! Todos regeitaram indignados a offerta vergonhosa.

O senador Miranda, guarda do domicilio, lembrou em 5 de Novembro á numerosa communidade que na noite immediata estivesse prompta para a partida, sem indicar-lhes a meta. Rejubilando pela communicação, e empacotada a pouca roupa, cantaram na egreja o „Te Deum", em agradecimento pelas calamidades e pedindo força nellas. Finda a revista do funccionario publico, puzeram-se a caminho, horas mortas da noite, entre uma multidão de soldados a pé em direcção ao Douro, no total de 216, dos quaes só 22 sacerdotes, e embarcaram em tres pequenas e traiçoeiras tartanas. Chegadas á foz do rio, encontraram o oceano tão encapellado que não puderam avançar, obrigados a uma espera de oito dias. Na parte inferior das embarcações padeciam os jesuitas, deitados uns sobre os outros devido á estreiteza do espaço, emquanto na superior folgavam officiaes e praças. Colchões e baixella não havia, e os viveres presentes eram escassos e miseraveis. Julga-se que Carvalho o fez de proposito a vêr se as provações extremas não despedaçavam a constancia dos jovens intrepidos, a quem até agora procurára, mas debalde, seduzir com boas palavras. Tanto é certo que nem era mister atormental-os assim, porque pouco antes já viera o navio que segundo voz geral receberia os jesuitas, mas Miranda não quiz concordar, e o despachou vasio.

Vendo-se em estado tão critico, e não sabendo por quanto tempo duraria a espera enviaram ao presidente do conselho do Porto um Memorial, supplicando quizesse compadecer-se e os deixasse desembarcar na costa, até que as aguas possibilitassem a continuação da rota. Os rogos não obtiveram resposta. Quando finalmente começaram a adoecer tambem os soldados, expostos a chuvas ininterruptas, ordenou Almada, governador da bahia, que no silencio da noite as portas da fortaleza proxima se abrissem aos jesuitas das tartanas. O alojamento durante dez dias nas masmorras não superou em boas qualidades á permanencia nas tartanas, attendendo á estreiteza dos carceres, ao grande numero de presos num compartimento e á alimentação deficiente. Alfim a 22 de Novembro, saltaram numa galé e entraram após quarenta e oito horas de penosa viagem nas aguas do Tejo, onde estava sobre ferro um navio dinamarquez encommendado para transportal-os a Genova, que os acolheu sem demora. No intervallo, quando passavam com canoas da galé ao navio, o inimigo armou um ardil, isolando á praia um joven e despojando-o do seu habito, a despeito de lagrimas e pedidos de poder navegar com os outros ao exilio, sendo por ultimo entregue aos parentes, que instantemente o reclamavam. Ainda não parecendo repleta a nau, apezar dos 215 jesuitas, das prisões de Azeitão vieram ainda mais oito, de sorte que a 20 de Novembro os desterrados, no total de 223, zarparam com destino a Genova.

O trajecto soffria grandes perigos devido a tempestades que por dez dias jogavam os mareantes pelo golfo de Lyão. Falleceu, nesta altura, conforme elle mesmo predissera, João Morris, já mal de saude antes de encetar a peregrinação. Levado á egreja, os religiosos cantaram o officio dos defunctos e o submergiram na branca espuma do Mediterraneo.

Embora protestante, o capitão do navio não os impediu nas devoções e todos os dias, se o tempo o permittia, celebravam os padres uma missa em altar decente. No mais, observavam o horario costumado. Com grande solemnidade transcorreu a festa de S. Francisco Xavier e do Natal. Desta maneira, fundearam em 31 de Dezembro no golfo genovez. Porque recebera o navio uma visita de inglezes e como sabiam já que um dos passageiros morrera durante a viagem tiveram os padres de fazer quarentena por quinze dias. Entrementes succumbiu outro jesuita: Luiz Ribeiro, alvo de estima universal, em attenção ás suas qualidades excepcionaes; prendado de grande saber, entendia grego, hebraico e latim, falava italiano, francez e hespanhol tão bem como o portuguez. Levado com licença do senado á terra, o corpo recebeu as derradeiras honras em solo extrangeiro. Estando terminada a quarentena e espe-

rando os padres pela permissão de desembarcar, chegou um jesuita portador da noticia de que por motivos graves o governo não satisfazia o desejo dos viajantes. Quanto isto os magoou, facil é de entender; resignaram-se, porem, excepto o capitão dinamarquez que agora percebeu o logro degradante do ministro e se queixou em voz alta. Dirigindo-se ao consul portuguez residente em Genova, exigiu, em virtude do contracto concluido em Lisbôa, o aluguel do navio. Este, recusou pagal-o antes de effectuado o transporte até Civitá Vecchia. Metteu-se, então, de permeio, para dar uma solução ao caso, o senado, pedindo ao consul portuguez, que augmentasse o preço combinado da travessia e que pagasse os viveres necessarios. Feito isto partiram.

Como todavia os viveres fossem bastante escassos, tanto maior liberalidade manifestaram os jesuitas de Genova, estendendo a mão aos collegas innocentes lançados em innumeras provações. O mesmo lhes aconteceu da parte dos fidalgos que, como as damas, subiram em grande numero a bordo, externando a maior compaixão, e dando muitos dinheiro e comestiveis. Agradecidos pela cortezia dos italianos do Norte, deixaram a 18 de Janeiro o porto, ficando no noviciado alguns doentes afim de convalescerem, e com vento em popa continuaram a boiar em demanda do Tibre, mas pouco depois violenta tempestade os arremessou contra a ilha Gorgona e contra Livorno, chegando afinal só a 7 de Fevereiro a Civitá Vecchia, onde os aguardava a caridade costumada. Passados poucos dias de repouso, seguiram a Roma, e de lá a Tivoli, proseguindo seus estudos em parte no seminario romano, parte na chacara do noviciado romano, até serem revocados á capital e internados num edificio do collegio inglez arrumado para este fim.

No dia anterior já ancorára em Civitá Vecchia o quarto transporte, os eborenses, bem que zarpados muito mais tarde.

Os restantes do Porto ficaram inabalaveis aos ataques das bajulações e ameaças. O senador Jeronymo Lemo Monteiro, successor do conselheiro Novajo no collegio de Evora, publicou-lhes, é verdade, as cartas de Saldanha e Carvalho, conforme o mandato, mas, homem sensato, louvou a resolução de antes se sepultarem no exilio que abandonar a Companhia. Deu-se-lhes a entender por meio dos officiaes e soldados que quasi a totalidade dos não-professos, i. é, 39, em Coimbra haviam sahido da Ordem. Este boato falso sobresaltou-os não pouco, mas sem enfraquecel-os no proposito. Como, pois nenhuma tentativa lograsse effeito, receberam a 22 de Dezembro de 1759 a noticia do degredo. E de facto, 98 sahiram de Evora, entre os quaes só tres sacerdotes. Até a metropole, tudo corria bem. Viajavam em 49 caleças, sendo por um contingente de soldados

não tanto vigiados como servidos. Os conselheiros José Rosa Gujano e José Ignacio Brito, homens justos, aos quaes estavam confiados, trataram-nos com a maior cortezia. Em Monte Maior, onde pararam um pouco, deu-lhes demonstrações inequivocas de sympathia e consideração um dos personagens mais conspicuos da cidade: Martinho José Liboreiro.

Chegados a Lisbôa, foram levados a bordo do navio que os transplantaria á Italia, em companhia de mais 19 presos dos ergastulos de Azeitão. Formavam, portanto, o total de 117 e largaram velas a 12 de Janeiro, necessitando de 11 dias para vencer as aguas do Tejo. A todo instante a nau lançava ferros, não tanto por necessidade, como muito mais para offerecer aos jovens occasião de apostatar. O conselheiro Seabra que os patrulhou até o mar, requintou amabilidades, conquistando um religioso até então inabalavel na vocação. Reconduziu-o em triumpho á capital, ao passo que outros riam á sua custa. Era de admirar a firmeza do P. Aloysio Vasconcellos, ancião enfermo e homem emerito, isento por el-rei da pena da expatriação, podendo ficar com seu habito num collegio á sua escolha, offerta essa regeitada para não deixar o tenro rebanho, que o honrava e amava como pastor e com elle peregrinar ao exilio. Em fins de Janeiro ancoráram em Genova e alvos da maior caridade da nobreza e dos irmãos, seguiram rumo de Civitá Vecchia, ondo como já referimos, arribaram a 6 de Fevereiro.

De lá, subiram a Roma, sendo repartidos pelo collegio e noviciado. Neste interim foi arranjado o palacio de Sora para os que de ambas as Indias portuguezas e das ilhas se esperavam. Partido o quarto transporte, Portugal estava limpo dos jesuitas, pois embora alguns houvessem ficado nas casas e nas masmorras, não podiam apparecer em publico, nem receber visita alguma. Ideas do ministro e ninguem sabia se os maiores criminosos os encarcerados ou os proscriptos. Elle mesmo nem era capaz de dar resposta neste ponto; com certeza, porém, não pudera allegar outro motivo que a fidelidade inconcussa delles á vocação. No emtanto folgava immensamente, sentindo saciada a vingança; sim, pavoneava-se ao applauso dos aduladores por haver alfim effectivado empreza tão difficultosa: a expulsão dos jesuitas de Portugal, obra ao vêr de todos os outros irrealisavel. E comtudo relegar com força armada uma multidão de desarmados, sem sombra de resistencia quão facil era para elle que tinha nas mãos o poder de um monarca e gozava da confiança de seu senhor, para elle que junto ao rei assacava aos mais innocentes os crimes mais horriveis, e lhes cortava todos os caminhos para a justificação! Quão facil para elle que tudo

podia no reino e com dinheiro comprava amigos a rôdo que em face do coroado confirmassem as inculpações! E os portuguezes, os bons dos portuguezes acautelavam-se de proferir em publico o seu juizo, porque a menor palavra contra o ministro era considerada e punida como crime de lesa majestade.

CAPITULO XVI.

Destruição das missões

Os jesuitas activos nas missões das Indias Orientaes e Occidentaes não eram todos portuguezes; muitos delles (ou a maioria talvez) provinha da Italia, Flandres, Allemanha, Polonia e Inglaterra. Incitados pelo santo enthusiasmo de propagar a fé e quiçá morrer morte gloriosa, a revocação á Europa, não era para estes, humanamente falando, nenhum castigo, mas só favor. Notou-o Carvalho e já lhe bastou isto para tomar contra os extrangeiros outras medidas e os tratar de modo differente. Mandou trazel-os todos a Lisbôa, arruinando desta feita as pobres missões, e em vez de embarcal-os com os demais para a Italia, os guardou encerrados nos estreitos carceres de Portugal, interceptando quaesquer communicações entre elles e o povo. Qual a razão de tratamento tão desigual? Onde buscar a causa? Na indole feroz do ministro? Haviam talvez os extrangeiros perpetrado crimes maiores que os portuguezes? Não, certamente. A seu modo de vêr para estes era um castigo e para aquelles uma graça, e eis o motivo de proceder tão diverso. Entretanto captiveiro é sempre captiveiro e muito peior que o desterro; demais quem dá ao conde de Oeyras o direito de tratar assim extrangeiros e subditos de outros potentados?

Podia, querendo expulsar os jesuitas dos dominios portuguezes, expellil-os do Brasil e Maranhão e permittir se dirigissem a outra parte e trabalhassem nas visinhas missões hespanholas; podia relegal-os de Goa e outros pontos das Indias Orientaes sujeitas á corôa lusitana mas deixar que fossem a Maduré, Malabar, ás terras dos mongóes e de outros principes pagãos e ajudar seus confrades na conversão dos infieis. Teria com isto poupado avultadas despezas; teria até feito um beneficio ás missões asiaticas, fornecendo de uma vez numerosos obreiros. Mas Carvalho, que com os jesuitas queria a ruina das missões da Companhia, exigiu o regresso a Portugal, e em opposição aos reis anteriores que haviam

empregado sommas consideraveis a fim de ajudar os jesuitas a transplantar a fé em Christo para essas terras remotas, não fez caso de esbanjar quasi outro tanto com a destruição. Sendo impossivel enviar seus alguazis á China, Cochinchina, Tonkin, Maduré, Malabar e outros imperios, para de lá varrer os religiosos odiados, quiz pelo menos ter a consolação de não poderem ali prestar auxilios aos pobres pagãos. Baixou, pois, a todos os bispos dessas nações (nomeados e sustentados por Portugal) ordem de suspender os jesuitas das suas dioceses da pregação e confissão, sob pena de perderem a congrua. Eis á quanto pode chegar quem cede á violenta paixão; eis a quanto pode levar o espirito de vingança.

Vejamos agora como se effectuou o transporte dos religiosos de tantos, tão diversos e tão remotos lugares para a metropole e de lá para Roma. Os moveis foram vendidos e sequestrados os immoveis. Aberta a diaria de um tostão, receberam a noticia do banimento. Não obstante, foi offerecida a todos, mormente aos mais jovens, a graça do throno, de poderem ficar, se acceitassem do cardeal visitador a demissão e espezinhassem o sacro Instituto. Tudo isso se extende a todas as casas, collegios e residencias dos jesuitas portuguezes espalhados pelo vasto orbe terraqueo.

Em Mazagan, fortaleza lusitana na Africa, reinava desde longo tempo o costume de ali residirem constantemente dois jesuitas para conforto espiritual dos soldados e ensino da lingua latina aos filhos destes, sustentados de egual maneira como as praças. Já estavam o P. Bento Motta e P. Thomaz desempenhando o santo ministerio, com grande difficuldade, em prol da guarnição, quando de subito o commandante do forte, José da Cunha, irmão do secretario de Estado Luiz da Cunha os trancou em sua residencia, postando uma sentinella em frente. Ainda não recebera semelhante mandato da côrte, mas estando a par das occurrencias em Lisbôa, e querendo attrahir o agrado de Carvalho, antecipou-o. Oxalá que estivesse satisfeito com a imitação do exemplo lisboeta! Mas não! Tomou-lhes a subvenção costumada, e teriam succumbido de fome, se D. Diogo de Mendonça, antigo secretario de Estado, perseguido pelo ministro e refugiado nesse porto não os amparasse ás escondidas. Passados varios mezes, obteve o chefe a ordem de no primeiro ensejo remetter os presos á capital. Mostrando sua indole má, embarcou-os num pequeno batel, não querendo nem pagar a viagem, nem fornecer provisões. O trajecto podia terminar em tres dias, devido, porém, a ventos contrarios durou 19, para maior incommodo dos padres que foram levados ao noviciado de Lisbôa. Foi esta a recompensa dos muitos serviços prestados por tanto tempo em desertas

plagas a soldados e compatriotas. Sorte nada mais propicia coube aos oito religiosos residentes no collegio de Angola, lugar mui insalubre da Africa, e votados não só á cura espiritual dos portuguezes, como outrotanto á catechese dos negros, com os quaes é mantido grande commercio. Obrigados de egual maneira a partir para Portugal, ahi foram atirados ás masmorras de Azeitão.

O collegio de Funchal sito sobre a ilha de Madeira estava, havia 13 mezes, sob a guarda de praças chefiadas por Antonio Simeão Lobo Mattos, incumbido de executar nesse estabelecimento as ordens de el-rei. De baixa descendencia, recebera em outros tempos muitos favores dos jesuitas. Houve-se para com elles com tal orgulho que se tornou odioso á toda a gente honrada. Prohibiu até aos padres falarem entre si, motivo porque assentou por algum tempo em cada quarto uma sentinella; tirou-lhes toda a provisão, e mandou levar tudo para fóra da casa. Não obstante os religiosos estavam tão bem como d'antes, excepto não poderem communicar com o povo. Os soldados eram, por assim dizer, outros tantos servos, promptos para quaesquer obsequios. O governador da ilha, José Correasa, sincero amigo e venerador da Ordem, mostrou-se-lhes publicamente favoravel, e não permittia que alguem os insultasse na sua presença. Os habitantes muitissimo propensos a elles, mandavam-lhes tanta comida que nem a tomavam toda, mas a repartiam com os guardas, os quaes, devido ao soldo de longo tempo em atrazo, quasi morriam de fome. Até os caritativos franciscanos concorriam com a sua esmola, e os proprios inglezes muito numerosos na cidade enviaram subsidios e os informavam por cartas secretas acerca dos acontecimentos em Lisbôa. Só o bispo, Gaspar Luiz Brandão, que a todos devia exceder em caridade para com os religiosos, em vista dos relevantes serviços prestados á diocese, atemorizado pela voz do estadista portuguez, externou antipathia, não os soccorrendo de forma nenhuma, publicando mesmo pastoraes nocivas á Companhia. Demais, o pobre principe ecclesiastico, recebera o bispado unicamente por intercessão do P. Moreira, antigo confessor de el-rei. Receava, portanto, cahir em suspeita de ter affeição aos discipulos de Santo Ignacio, como certamente devia por gratidão, e para afastar de si qualquer sombra de desconfiança, declarou-se abertamente figadal inimigo, sem reflectir que gratidão aos bemfeitores nunca é crime e compaixão nunca é vergonha, que, pelo contrario, a ingratidão sempre é odiada por Deus e pelos homens.

A 15 de Julho de 1760 arribou em Madeira um navio de guerra destinado a levar a Lisbôa os jesuitas desta como das ilhas visinhas. Embora amando de coração os proscriptos,

não poude o capitão do navio, José Costa Brito impedir as crueldades perpetradas pelo conde de S. Vicente, encarregado do transporte.[1]) Mal chegado a Funchal, annunciou aos jesuitas a partida, mas o governador da ilha não consentiu antes de serem revestidos de roupa nova, para o que foi indispensavel o praso de tres dias. A 18 de Julho sahiram da habitação, no total de 18, dos quaes 10 sacerdotes, 2 lentes de grammatica e 6 irmãos. Chegados ao porto, entre soldados e o chôro da cidade em peso, foram internados na parte mais profunda do vaso de guerra, recebendo os guardas, sob pena de morte prohibição de dar sahida a quem quer que fosse. Para tanta gente, o espaço era demasiadamente estreito (e comtudo o numero subiu em breve até 60). Sendo justamente a estação mais quente, o calor era insupportavel, a ponto de os desgraçados mal poderem respirar. A' alta temperatura do ambiente sobreveiu a furia do mar tempestuoso, devendo as aberturas junto aos canhões ficar fechadas, necessidade essa que obrigou os presos a ficarem ás escuras. O capitão do navio, Brito, sentia-se movido de compaixão, mas infelizmente não podia ajudar, pois o superior era o conde de S. Vicente. Desejando, todavia, melhorar-lhes a condição, enviava-lhes frequentes vezes manjares da sua mesa. Depois de uma rota miseravel de 12 dias, abordaram em Fayal, uma das ilhas açorianas, sujeita, no governo ecclesiastico, ao bispo de Angra.

Os jesuitas do collegio d'alli, ao todo 11 padres e irmãos, eram, devido á falta de soldados, livres e não tinham sentinellas ante as portas. Deveram, porém, supportar uma dura perseguição, mormente do bispo D. Antonio Caetano Rocha, não excluindo padres seculares, religiosos de diversas Ordens e alguns nobres, de sorte que um encerramento como o dos confrades nem de longe fôra tão doloroso. Para attrahir as bôas graças de Carvalho, o prelado não só os suspendeu da pregação e confissão, mas prohibiu até aos mundanos, sob pena de excommunhão, qualquer relação civil, procedimento contra a razão e humanidade que agitou os animos. Os sacerdotes seculares e grande parte de religiosos acompanhados por certa casta de mundanos dissolutos, espalhavam sem cessar, pasquins venenosos e usavam de tanta aspereza que os pobres vexados não ousavam apparecer em publico, preferindo ficar em casa e rezar pelos perseguidores. A nobreza guardou longo tempo inalterado seu juizo sobre os jesuitas, mas bai-

[1]) No despacho de Kail datado de 31 de Julho de 1760, lêmos: „Faltam ainda os dispersos pelas ilhas e as Indias Orientaes. Para buscar os primeiros, partirá nos proximos dias um navio de guerra sob o commando de João da Costa Brito, na companhia do conde de S. Vicente."

xando na metropole a declaração de serem adversarios do monarca, começaram a vacillar, e percebendo que eram observados quantos iam ao collegio e á egreja, e que a lista dos mesmos devia ser entregue ao ministro, afastaram-se todos. Não obstante alguns, desprezando o boato, permaneciam firmes na amizade. O povo que aquilata os homens pela utilidade, conservava o amor e consideração antigas, estando bem convencido por experiencia propria da beneficencia e merecimento dos opprimidos. Entretanto duas horriveis calamidades haviam desabado sobre a ilha: a peste e tão violento terremoto que a população se via obrigada a fugir aos campos para não encontrar a morte sob a derrocada. E nesse transe doloroso eram os jesuitas os unicos a acudirem com auxilios espirituaes e materiaes, não poupando nem dinheiro nem esforços.

Nesta altura, veiu a Fayal, como dissemos, á vespera da festa de Santo Ignacio o conde de S. Vicente, introduzindo-se a horas mortas da mesma noite no collegio, em cuja frente postou um contingente de soldados. Ordenando então em voz arrogante que viessem incontinenti o Reitor e todos os subditos, e vendo-os á sua presença, apostrophou-os com palavras severas e ultrajantes, como se fossem regicidas, entregou-os aos soldados, como lá estavam, sem chapeu, nem capa, nem breviario, sem siquer poderem voltar um instante á cella, e mandou fossem arrastados ao navio e mettidos no porão, junto aos collegas, de sorte que já eram 29. Apinhados já estavam antes, mas agora os presos mal podiam fazer um movimento sem tocar os companheiros da desgraça. O conde demorou alguns dias na cidade saqueando o collegio, e neste tempo remetteu aos presos breviarios e roupa. A 7 de Agosto levantou, finalmente, ferros, partindo para a ilha Terceira.

Em Angra, capital da mesma, residiam 19 jesuitas, a saber: 14 sacerdotes, 2 lentes de grammatica e 3 irmãos os quaes estavam livres, por emquanto, de guarda por falta de sentinellas. Não obstante, soffriam tanto como os de Fayal. Como já notifiquei, o bispo do lugar, D. Rocha, que affirmára dever a sua felicidade aos jesuitas, a quem preferira a todas as ordens, arvorou-se, outrosim por medo do ministro, em inimigo da Companhia. Seu exemplo deu coragem a muitos seculares e a quasi todos os religiosos. Pela cidade nada se ouvia a não ser improperios, e alguns pregadores não se envergonhavam de dar largas ao seu odio do pulpito contra uma Ordem outrora por elles mesmos preconizada como a mais santa, instruida e util. Comtudo não chegaram a attrahir para o seu lado a melhor parte da sociedade. Assim o magistrado não fez a minima cousa digna de queixa da parte

dos perseguidos. O governador da ilha, D. Pedro Fernando Marcial Magalhães, continuou a patentear-lhes toda a cortezia, consideração e amor, sendo imitado por muitos da fidalguia, mormente dos inglezes que não se deixavam desconcertar pelo tyranno do Tejo. O bispo, embora os tratasse com tanta dureza, affirmou (quem acredital-o-ia?) fazel-o tão somente para conformar-se com a vontade do ministro, falava delles com alta consideração e quasi pranteava a desgraça. Neste estado de cousas, veiu da côrte o mandato de levar o cofre real do collegio de Angra para outro lugar. Cumpre dar aqui a explicação de os soberanos de Portugal guardarem suas caixas aqui e em muitos outros pontos, passando grandes fortunas pelas mãos dos jesuitas, por não haverem, como diziam, pessoas de tanta confiança. O encargo foi cumprido, porem, para salvar a honra dos religiosos, exigiu o governador um previo e meticuloso exame das contas, verificando-se estarem certas.

Depois, como já narramos, de ter o conde de S. Vicente entrado com o vaso de guerra em Angra, souberam os jesuitas o fim da vinda, e repartindo entre os pobres e amigos os poucos haveres, prepararam-se para a partida. Vindo na mesma tarde seguido de poderosa escolta o conde, encontrou-os com chapeu, manto, breviario sobraçado e crucifixo sobre o peito como se devessem sahir immediatamente. O legado não tendo esperado tal, enraiveceu, mandou tomar os nomes e despachou-os aos quartos, plantando á frente uma sentinella com ordem formal de impedir qualquer communicação. Mas os soldados não ligaram importancia. Pela tarde de 13 de Agosto regressou o chefe ao estabelecimento, fez nova lista dos nomes, e a horas mortas da noite, os conduziu, cercados de uma patrulha, ao navio, onde foram lançados na parte inferior, junto com os collegas de infortunio, estando estes em posição tão constrangida que uns jaziam sobre os outros.

Da ilha Terceira a embarcação singrou á de S. Miguel. Como tambem esta estivesse sob o baculo do prelado de Angra e houvesse egualmente religiosos activos em desprestigiar os padres, a situação d'qui se identificava com a de lugares já descriptos. O bispo mandára affixar os edictos escandalosos mencionados, e alguns religiosos não cessavam de desenterrar invectivas antigas e á medida das suas forças açular povo e nobreza contra os diffamados. Consta de alguns em particular que compuzeram os cantos mais hediondos e os davam ás mulheres perdidas para cantal-os pelas ruas.

A nobreza e os bem intencionados conservaram intacto o amor e veneração de outrora, mormente as monjas que alem de outras provas do melhor conceito, rezavam com ardor pela conservação dos servos de Christo. Pisou então em terra o

conde de S. Vicente no dia 14 de Agosto. Ainda pela mesma tarde rodeou com soldados o collegio, fazendo sahir os 14 habitantes, a saber 10 sacerdotes, 2 mestres das classes primarias e 2 irmãos, enviou-os a bordo e completaram o numero de 62 passageiros. O espaço era tão estreito, que os colchões, ao depois trazidos, foram mandados de volta, por absoluta falta de lugar. Quanto ao nosso conde, este demorou alguns dias na ilha, atarefado na venda dos bens do estabelecimento. As maiores preciosidades, se assim se pode dizer, não tinham comprador; embolsava-as o leiloeiro mesmo. Executado o encargo glorioso, zarpou alfim a 22 de Agosto.

A viagem difficultosa em extremo, acarretou a morte a um dos padres prisioneiros: P. Pedro Theodoro, um dos primeiros embarcados em Madeira e atacado de erysipela. Não deixando a crueldade do incumbido do transporte soccorrel-o de forma nenhuma, expirou no insalubre ambiente a 2 de Setembro. Concluidos, como possivel, os funeraes, o corpo foi submergido no mar, para profunda dôr dos irmãos que com elle perdiam um espelho vivo das virtudes, principalmente da paciencia christã.

Aos 11 de Setembro a nau começou a fender as aguas do Tejo. Lançadas as ancoras, a ninguem foi permittido sahir, sendo fechadas as aberturas junto aos canhões para não verem ninguem, nem serem vistos por alma viva. O conde chamou um após outro, pintou-lhes a liberalidade do soberano, se ficassem no reino e deixassem o habito, accrescentando, falsamente, haver o cardeal Saldanha recebido do Papa a faculdade especial de absolvel-os dos votos. Nove, entre os quaes 1 professo, se deixaram seduzir. Os outros protestaram, julgando não têr razão sufficiente para deixar a Ordem na qual, segundo seus votos, queriam viver e morrer. Estes, no total de 52, baldearam immediatamente para um navio hollandez, com destino á Italia. Verificando-se, porém, por revista que entre elles havia 2 inglezes e 1 hespanhol, tiveram estes, como extrangeiros, de passar para as masmorras de Azeitão, e os 49 restantes continuaram viagem a 13 de Setembro. O navio era, na verdade, pequeno para tantos, mas a provisão rica, o capitão excepcionalmente cortez e o trajecto mesmo mais breve e feliz que os primeiros, pois a 1.º de Outubro já entravam em Civitá Vecchia, onde deviam fazer quarentena durante onze dias. Hospedados, em seguida, no palacio pontificio d'alli, restabeleceram-se dos incommodos padecidos, até serem levados a Roma e repartidos por diversos collegios da Provincia romana.

Os jesuitas do quinto transporte, posto que reunidos nas ilhas, estavam ainda sujeitos á Provincia de Portugal. Vinha

agora a vez dos membros de Provincias diversas mas pertencentes á assistencia de Portugal. Convem falar em primeiro lugar a respeito do Brasil e Maranhão, essa parte immensa da America do Sul, que talvez ainda gemeria no paganismo e não estaria totalmente sob o sceptro dos monarcas lusitanos, se os jesuitas com seu sangue nella não tivessem plantado a fé. Não affirmo cousas que não sejam universalmente conhecidas, e tanto mais é de admirar a ingratidão do ministro, desprezando todos esses merecimentos e não se deixando por elles demover de forma nenhuma do plano concebido. Dado que houvessem occorrido entre os religiosos desta Provincia faltas verdadeiras e graves, parece comtudo que em attenção aos antecessores emeritos no serviço á corôa, cumpria emendal-as de modo devido, sem tomar resolução semelhante e de um golpe varrel-os dos dominios todos. Assim, com certeza, julgavam todos quantos costumam julgar como homens. Carvalho, porém, abria excepção; pensava de maneira completamente diversa, propria, differente da dos outros. E no emtanto consta que com a expulsão dos missionarios do Maranhão, arruinou não só a santa fé, a qual pouco importava a um ministro desse quilate, mas outrosim o interesse material do throno, a elle tão caro na apparencia. Os indios internaram-se novamente na matta virgem após a partida dos velhos educadores e mestres, ficando as plantações sem cultivo. Mas ao ministro o prazer de uma vingança plena superava ao bem do monarca. Consideremos agora o tratamento da Companhia no Brasil.

Conforme atraz explanamos, o sequestro dos bens dos padres foi começado já muito antes do famoso attentado aos dias de D. José I. Aos 23 de Dezembro de 1759 viera a ordem regia de os encerrar em suas casas e depois enviar a Lisbôa. Foi cumprida a prescripção aos 26 do mesmo mez na Bahia, então capital do Brasil. Outras cidades viram a execução um pauco mais cedo ou tarde. Quanto ás formalidades, por nós já descriptas em outro ponto, tiveram lugar em todos os estabelecimentos. Facil fôra aos opprimidos livrar-se da carga desses miseraveis plantões e recuperar a liberdade, mas pensando não lhes convir como religiosos e subditos de el-rei fidelissimo, preferiram ficar em tão lamentavel situação. Honravam nos poucos infelizes soldados o uniforme do soberano, e caso não houvesse praças, um unico aceno de Sua Majestade bastára para retel-os nas habitações. Nem a menor opposição registra a historia, nem nas aldeias dos indios, onde a população dependia integralmente do missionario. Com obediencia e sujeição os calumniados estigmatisavam solemnemente as

mentiras de um Carvalho orgulhoso que os ornava dos predicados de sediciosos, emperrados e rebeldes.

Quando a 7 de Janeiro de 1760 chegaram as naus destinadas a leval-os a Europa, appareceu de maneira inesperada no collegio da Bahia um empregado da corôa, seguido de numerosa comitiva armada, e reunida pelo sino a communidade inteira na capella da casa, encerrou-a o enviado ali no templo de Deus, plantando em frente uma guarda, até ter revistado as cellas, obra de varias horas. De regresso ao sanctuario, o encarregado ordenou partissem, sem dar licença de voltarem um instante ao quarto a fim de buscar o chapéu. Conduzidos ao noviciado, distante uma hora e meia da cidade, foram novamente aferrolhados sob guarda ainda mais rigorosa, até serem por graça providos de roupa a 19 de Abril e levados a dois navios, no total de 122.

Assim, como na Bahia, succedeu nos demais lugares de residencias ou collegios jesuiticos, estando finalmente reunidos nos collegios de Recife e Rio de Janeiro 198 membros, repartidos por duas embarcações e transportados para Lisbôa. E' de notar que tambem aqui, sob alliciantes promessas da parte do soberano foi offerecida a demissão aos jovens aspirantes aos ultimos votos. Devo revelar, nesta passagem, o exemplo de ignorancia, para não dizer cousa peor, dado pelo bispo do Rio de Janeiro: D. Antonio do Desterro. Queria o prelado salientar-se pelo zelo no cumprimento dos mandatos do throno e grangear merito especial junto ao ministro. Não contente com tratar os jesuitas da sua diocese do modo mais grosseiro, abusando mesmo do poder episcopal, ameaçou com a excommunhão os jesuitas mais edosos, caso animassem os jovens, e ouvindo de alguns que haviam aconselhado preferissem o exilio á dispensa dos votos, lançou, de facto, o anathema sobre elles.

A viagem muito favorecida pelo ceu, estava concluida em menos de dois mezes. Os da Bahia aportaram a 13 de Junho e os outros não longo tempo depois, por haverem zarpado um tanto mais tarde.[1]) Extremamente penosa era a rota, devido á fereza dos capitães que, para se conformarem com Carvalho, lhes davam trato tão deshumano e barbaro como soem receber galeotes. Reinava o estio mais rigoroso, insupportavel nesse

[1]) A 10 de Junho de 1760 informa Kail, secretario da legação: „Desde 6 de Junho estão aqui tres navios de guerra, vindos um do Rio de Janeiro e dois da Bahia, com cerca de 230 jesuitas a bordo, que em breve passarão a um navio de guerra genovez quasi prompto, para seguir, destino á Italia."

mar, sito pela maior parte, na zona quente. Não obstante os bons religiosos ficavam reclusos no porão do navio, sem poderem subir ao convez a tomar ares frescos. Junto á porta faiscavam as baionetas das sentinellas. O alimento diario consistia em legumes e tres copos de agua, de sorte que alguns ficaram atormentados de sêde horrivel, succumbindo cinco delles. Os primeiros arribados na metropole soffreram duas longas semanas no bojo do transatlantico, sem ser permittido pisar em terra, nem ascender á coberta, nem siquer aproximar-se das fendas dos canhões, trancados sempre para não verem nem serem vistos e condemnados, alem do tormento de espaço tão estreito, mau cheiro e temperatura abrazadora, a um isolamento tão tenebroso. Uns poucos, todavia ficaram em Lisbôa, mais mortos que vivos, occupando a vaga aberta outros tirados dos subterraneos de Azeitão. Fixada a partida para fins de Junho, todos em numero de 258 passaram, altas horas da noite, a um navio, que partiu do Tejo a Genova, onde com felicidade fundeou. Dali, feita novamente baldeação para dois navios de menor escala, puzeram-se a vela, chegando, finalmente, em começo de Agosto de 1760 a Civitá Vecchia, exhaustos e doentios, exhalando em breve o derradeiro alento, muitos, na maioria jovens. Este foi o sexto transporte, em que tomaram parte varios membros das colonias africanas e do Maranhão, dos quaes a maioria na qualidade de extrangeiros foi retido por Carvalho e encarcerada nas abominaveis masmorras da fortaleza de S. Julião.

Mais tarde se effectuou o setimo e ultimo trajecto dos jesuitas de Goa. Havendo muito vagar na obra, e não vindo noticia certa de regiões tão distantes, julgou-se, por muito tempo, que o transporte não era possivel, e correram mil falsos rumores: que a cidade se rebellára contra o vice-rei, que o rei dos visinhos Marattas os encarcerára, que os jesuitas haviam buscado refugio nos proximos Estados de principes pagãos, posto a salvo o corpo de S. Francisco Xavier, etc.. etc. No emtanto tambem estes experimentaram a dura sorte geral: tambem á entrada das casas destes montaram guarda as sentinellas. Ainda não assaz contristados pelo confisco dos bens, foram obrigados a vêr como era despedaçado o mausoleu em que descançavam os restos mortaes do santo e roubadas as preciosidades. Mais! Lançados os padres mesmos nas profundezas de um navio, arcaram com os incommodos indescriptiveis de uma viagem de 12.000 milhas maritimas, atracando em Lisbôa com a perda de 23 collegas succumbidos sobre o dorso agitado do oceano. Os restantes, sepultados nas prisões por serem extrangeiros, foram acommettidos de doenças graves, a ponto de estarem em condições de seguir á Italia só 46, os

quaes, porém, receberam um accrescimo de 14 dos das masmorras de Azeitão.[1])

Entregues a um capitão dinamarquez para serem desembarcados em Civitá Vecchia, partiram do Tejo a 30 de Maio de 1761, arribando no porto de Roma a 7 de Agosto. A causa de navegar tão longo necessita de pormenores.

Passados pelo estreito de Gibraltar e costeando as ilhas Baleares, viram que um navio argelino lhes vinha ao encontro. Facilmente o capitão dinamarquez se podia defender com os canhões, mas confiando nos passaportes do grão-sultão e do Dey da Algeria, permittiu, sem oppôr-se a subida dos argelinos a bordo. Mas os passaportes não receberam acceitação, devido ao facto de ter a bordo portuguezes, seus inimigos de sempre. Por esta razão os corsarios aprisionaram a nau, tomaram conta della, a despeito dos protestos do capitão, e a arrastaram á Algeria.

O susto dos desgraçados jesuitas em caso tão inesperado não é difficil de imaginar. Mal escapados das mãos de Carvalho, já cahiam em não menos desapiedadas; mal entrados em um pouco mais liberdade, e já se viam conduzidos á nova escravidão, menos cruel, talvez, que a do portuguez, mais dolorosa, porém, e sem esperança de salvação. Pois quem ousaria resgatar tantos, visto ser tão cara a vida de religiosos nas garras dos piratas? Nem por isso os presos desanimaram. Imploravam a Divina Providencia, e não debalde! Chegados a Algeria, e inteirado do incidente, o consul da Dinamarca, João Jacob Ployart, suisso, queixou-se, sem demora ao Dey, da offensa perpetrada ao pavilhão dinamarquez apezar dos vigentes passaportes elaborados sem restricção nenhuma e sem excluir classe alguma de passageiros. Expôz que os jesuitas, embora nascidos sob dominio portuguez, já não deviam ser considerados como taes, attento o solemne decreto regio de desnaturalisação e exilio. Soube falar com tal convicção que o Dey teve por injusta a captura, devolveu a embarcação e mandou applicar ao caudilho dos mares por tres dias seguidos 500 açoites.

Com noticia tão jubilosa, correu o consul ao navio para consolar os bons dos padres ainda receosos pelo sua sorte incerta, e aconselhou-lhes partida immediata, pois possivel era alguma mudança de parecer e revogação de quanto determinára

1) De maneira identica sôa a relação de Kail dirigida a Colloredo vice-chanceller do imperio e datada de 26 de Maio de 1761: „Chegaram na semana passada os primeiros jesuitas das Indias Orientaes, 119 ao todo, a maioria doente, sendo levados ao hospital... tendo morrido 23 dos mesmos durante os cinco mezes de viagem até aqui." Cfr. o despacho a Kaunitz da mesma data.

o Dey. Oh maravilha! oh alteração repentina contra todo o costume e interesse do chefe musulmano. Foi o quanto bastou aos bons prisioneiros. Agradecendo ao generoso bemfeitor, levantaram ancoras no mesmo dia 21 de Junho, festa de S. Luiz Gonzaga, sem considerar a falta de vento, para alcançarem o mar alto e estarem livres do receio de contrariedades. Fenderam, pois, apressados as aguas, até aos 8 de Julho colherem velas em Civitá Vecchia, onde desembarcaram, finda uma quarentena de 40 dias. Entrando directamente na egreja dos franciscanos, deram do intimo d'alma graças ao divino Salvador pela libertação de um captiveiro angustioso. De Civitá Vecchia subiram, pouco depois, a Roma e de lá passou a Tivoli a maior parte.

CAPITULO XVII.

Intrigas em Roma

Os tremores de terra perduraram algum tempo em Lisboa, sacudida novamente a 30 de Março de 1761 com tal vigor que a desgraça teria sido tão terrivel como a precedente se houvesse tantas casas para desmoronar.

Occorreu a violenta convulsão precisamente quando os proceres estavam no paço real, felicitando Sua Majestade, a rainha, pelo dia do seu anniversario. Massas de povo fugiam das casas, afim de salvar a vida, e os jesuitas reclusos nos carceres de Azeitão notando os espasmos do solo debaixo dos pés, as oscillações das paredes, gostariam de pôr-se em segurança, mas as fechaduras e trancas invenciveis não davam sahida, soffrendo, por conseguinte, ancias mortaes. Os gemidos, porém, repercutiram nos ouvidos do ministro, que os reconheceu como sensatos e houve por bem tomar providencias. Prescreveu que se no futuro se fizesse sentir calamidade semelhante, as portas das prisões se abrissem, sob a condição previa de ser reunida a tambor a guarda principal, que devia rodear os presos e conduzil-os a um lugar determinado. Bonito, não é? Como se o terremoto muitas vezes nem de um minuto, desse tempo para tantos trabalhos! Seguiram, com effeito, alguns abalos, e o cumprimento da ordem, conforme era de esperar.

Mas até rufar o tambor e estarem congregadas as praças, o perigo já passára e os jesuitas jamais experimentaram a efficacia do mandato ministerial.

Este foi o scenario lisboeta. Nós, todavia, querendo acompanhar outrosim as scenas de Roma, devemos retroceder um passo e vêr como o ministro portuguez, Almada, viu-se obrigado a abandonar a chacara Grotta Ferrata, e residir no centro do Lacio, onde as questões da sua côrte o reclamavam.

O primeiro estafeta veiu a 22 de Maio de 1759 e trouxe varios despachos de importancia capital. Entre elles havia um rescripto de el-rei de 20 de Abril, no qual apoiava a insistencia do fiscal da corôa, no sentido de Sua Santidade escrever um Breve de valor perpetuo, para o assim chamado „tribunal da consciencia", tribunal esse formado de cavalleiros da Ordem de Christo poder processar os ecclesiasticos implicados no conchavo de 3 de Setembro de 1758 ou que no porvir se tornassem réus de semelhante delicto. Um segundo documento regio, datado egualmente de 20 de Abril, communicava ao Papa a resolução de expulsar dos dominios lusitanos os jesuitas todos, e isto não devido a um crime particular, mas por ser a Companhia um corpo de religiosos de principios e disciplina corrompidos, com os quaes não podia persistir a paz e socego do reino. Finalisava com uma relação de diversos bens jesuiticos nos dominios de Portugal dos quaes não queria dispôr sem consentimento e approvação da Sé Apostolica; mais tarde, porém, julgou bastar a autoridade suprema do throno.

Recebidos os despachos além das suas instrucções particulares, Almada envidou por executar as prescripções da côrte, auxiliado sempre pelo partido antijesuitico que nunca o perdeu de vista e com a maldade peculiar suppriu quanto faltava á capacidade do chefe. Aos 7 de Junho entregou suas cartas ao Papa em Castel Gandolfo, declarando, antes de começar a interlocução, não querer tratar com o cardeal Torreggiani, secretario de Estado, a quem considerava inimigo da corôa portugueza, por ter, no seu escripto ao nuncio na Hespanha, qualificado a Companhia de corpo consideravel de religiosos, benemeritos da Egreja; exigia consequentemente outro cardeal com o qual pudesse entrar em contacto. A exigencia foi um tanto indigna, e se o nuncio tivesse sahido com tal, não sei como teria succedido. O Papa, no emtanto, pretendendo atalhar qualquer occasião de offensa, e sabendo por experiencia que Almada não acceitava razões, não recusou o favor e o remetteu ao cardeal Cavalchini, a fim de se haver com este.

Rejubilando pelo triumpho e imaginando ter pregado uma peça ao cardeal secretario de Estado, inaugurou as conferencias. Cavalchini, embora visse a inconveniencia de um tribunal constituido quasi exclusivamente de militares, como era a „Mesa da Consciencia" para condemnar ecclesiasticos até

á degradação, não levantou, neste ponto, difficuldades demasiadamente grandes, e concordou que por esta vez se podia extender o Breve de Gregorio XII, destinado outrora só aos cavalheiros da Ordem da Cruz, a todos religiosos. Não percebia, porém, motivo de dar licença para sempre e todos os casos. Passou-se pois, conforme o pedido, á elaboração do Breve na forma mais ampla, no tocante á questão de 3 de Setembro, com a clausula de ser tão somente para o caso em vista. Quanto á continuação da licença, a materia reclamava tempo de pensar, por não ser cousa de tanta urgencia.

Durante a redacção do Breve, o Santo Padre escreveu as duas cartas em resposta ao rei fidelissimo por nós já mencionadas. Ambas eram de 2 de Agosto de 1759.[1])

Na primeira traduzia a el-rei o contentamento pela sollicitação do Breve com permissão de punir os ecclesiasticos implicados no attentado aos dias de sua sagrada pessoa. Pedia ao mesmo tempo e conjurava o rei não usasse da faculdade em prejuizo e reducção de toda Ordem. Na segunda, em que devia manifestar seu parecer sobre a resolução participada da expulsão dos jesuitas, expôz ao soberano não ser crivel que numa Companhia tão numerosa, num Instituto tão santo todos fossem reus dos crimes assacados. A' justiça real convinha fazer distincção entre innocentes e culpados, conservar os primeiros e castigar ou por meio da visitação apostolica, neste fim aberta, corrigir os ultimos. Moldadas na maior brandura do coração de um pae amoroso, as missivas nada visavem, a não ser a honra de Deus e o bem verdadeiro de Sua Majestade. As letras, devido a uma complicação funesta das cousas, não tiveram a felicidade de virem á vista de el-rei, que com certeza iria mostrar um obsequio a intercessor tão digno.

O ministro que as leu, ficou estomagado ainda mais, e seguiu a consequencia: a precipitação do degredo.

Devia o Breve mencionado, a par das duas epistolas, ser enviado a Lisbôa, e houve-se por bem apromptar um correio especial a fim de collocar o pacote nas mãos do nuncio Acciajuoli para este entregal-o pessoalmente ao potentado. Partiu, pois, a 2 de Agosto, mas com noticia previa a Almada, e o convite de aproveitar-se do estafeta, caso houvesse correspondencia para o destino marcado. Em vez de agradecer por semelhante attenção, o ministro julgou-se offendido por não ser inteirado do conteudo, e ainda mais por despachar a Secretaria de Estado um correio proprio, em lugar de recorrer

1) Com a data de 11 de Agosto cfr. na „Correspondencia diplomatica". Goettingen 1850, pgs. 12 ss. Veja tambem a pagina 52.

ao seu. Pensou immediatamente na maneira de pregar uma boa ao cardeal secretario.

Logo após a partida do mensageiro pontificio, despediu apressadamente o seu, com o encargo de alcançar, custasse o que custasse, o primeiro e tirar-lhe o involucro. E de facto! Vencendo a distancia, encontrou-o em Aiax, e conferenciando com elle, julgou o estafeta da Santa Sé opportuno permanecer alli, incapaz de avançar em razão da queda do cavallo, incidente esse favoravel aos planos do melindrado. Tomou, portanto, o portuguez os despachos, para prestar-lhe um serviço e leval-os, em cumprimento da promessa, sem demora á Lisbôa. Chegado, porém, ao termo da viagem, apresentou-os a Carvalho, e este só ao cabo de tres dias ao nuncio. Acciajuoli estava no mesmo dia (21 de Agosto) de cama, não podendo antes de 3 de Setembro comparecer perante o Secretario de Estado e falar a respeito do assumpto. Carvalho, do seu lado, trabalhou entrementes com tanto afinco e conseguiu que justamente nessa data, fosse assignado por Sua Majestade o decreto da proscripção. Quando posteriormente o nuncio esteve em condições de desempenhar o papel junto ao Secretario da Cunha, mais, quando lhe patenteou o traslado do Breve e do rescripto papal, achou este que havia má interpretação e queixas por falta de explicações a Almada.

Assim Carvalho se mettera na cabeça apoiar as pretensões do tio, o qual não recebia outro tratamento em Roma do que o nuncio em Lisbôa, porquanto, sem palavra a Acciajuoli, sahiu a petição do Breve alem dos dois documentos do monarca. Insistindo, não obstante, o nuncio em homenagear o rei, obteve audiencia, mas sob a condição de ceder as cartas do Pontifice sem o Breve, que não se queria acceitar de forma nenhuma, exigencia impossivel de satisfazer por estarem o dito Breve e as missivas num envelope, e não ter o nuncio licença de romper o sello.

Aqui, bom é gravar na memoria, começa o processo futuro de Acciajuoli, que não tinha outra culpa senão a de obedecer a seu Senhor.

Houvessem comtudo sido entregues as cartas, o decreto do banimento já fôra subscripto a 3 de Setembro de 1759. Chegaram, pois, tarde a intercessão e conselho do pae da christandade. A expatriação era concebida na forma de lei regia irrevogavel em virtude da qual eram desnaturalisados os jesuitas em globo, exportuguesados e banidos, sob pena capital imperdoavel, de todos os dominios lusitanos, castigo extensivel a quantos portuguezes, d'ora avante, fosse onde fosse, na parte mais recondita do orbe terraqueo, travassem relações com os desterrados. Permittia reter unicamente os que ainda não

tinham feito profissão solemne, e portanto ainda não iniciados nos segredos da conjuração supposta, mas considerados innocentes, comtanto que apresentassem a respectiva patente de demissão do cardeal.

Apezar de severo, cruel, o decreto a ninguem causou admiração. Já fôra esperado e esperado necessariamente a partir do apparecimento dos primeiros Manifestos, que á face da Europa inteira os incriminaram de rebelliões formaes, usurpações de Estados e guerra sustentada no Paraguay contra os exercitos das monarchias da Peninsula Iberica. Todos observaram com espanto que no decreto onde eram longamente explanadas as transgressões influentes na proscripção, occupava o primeiro lugar a profanação da fama de el-rei fidelissimo consistente na propagação das mais horrendas calumnias pelos jesuitas de Roma, cujos attentados eram ainda mais feios que os de Portugal.

Ninguem, no emtanto, era tão myope para não enxergar com bastante clareza a influencia exercida pelo partido antijesuitico do Tibre sobre as decisões dos lisboetas e ser Carvalho executor fiel de quanto lhe suggeriam. E' certo que nem Sebastião nem outros podiam saber algo a respeito, a não ser de relações assaz suspeitas, indignas de credito, por emanarem de inimigos figadaes dos calumniados. Dado que os romanos tivessem profligado o governo portuguez, não devia o marquez de Pombal cahir das nuvens, pois devia saber que não podiam alevantar aos cornos da lua a clemencia carvalhanica, sim, até estavam em pleno direito de queixar-se das violencias terriveis e atrozes. Mais! Não só dos membros da Provincia romana, dos jesuitas do mundo inteiro, tanto dos actuaes como dos futuros nada podia esperar a não ser vituperios. No mais, tratando a seu capricho e tão mal os subditos do reino, não podia queixar-se das palavras dos religiosos de outros paizes. Accresce que com a expulsão da Companhia da Lusitania coroára os seus assaltos, e com ella se devia contentar. Os asseclas do Lacio, porém, não commungavam nessas ideas; queriam o exterminio completo da phalange chefiada por Santo Ignacio.

Foi esta (a meu vêr) a quadra em que os sectarios da facção julgaram necessario falar com clareza e revelar ao ministro o grandioso projecto por emquanto envolto em segredo. Notaram o desapparecimento da concordia entre ambas as côrtes por occasião do Breve e das intrigas de Almada, e acharam azado o momento de ameaçar Roma com a separação, na firme esperança de exito feliz. Pintaram a Carvalho que a honra de el-rei soffreria demasiadamente se os religiosos, apezar de declarados réus de tantos crimes hediondos, ainda

eram conservados na Egreja como bons e uteis: recordasse que haviam sido relegados do paiz não devido aos crimes de algumas pessoas, mas sim á corrupção integral da Ordem inteira nos principios e doutrinas.

Não durou muito e outro estafeta de Lisbôa traz cartas com instrucções a Almada. Em virtude dellas requereu audiencia do S. Padre, e como esta lhe fosse concedida a 19 de Novembro de manhã cedo, descreveu num Promemorial dirigido ao Vigario de Christo a attitude do soberano em relação tanto á substancia do Breve, desconforme ao desejo, por haver impetrado um perpetuo, como ao modo da remessa do mesmo, sem informação previa ao ministro plenipotenciario de Sua Majestade em Roma. Ajuntou a admiração causada pelo procedimento irregular do nuncio Acciojuoli empenhado em levar o chefe da nação á acceitação do Breve inadmissivel, e desobediente na audiencia recebida aos 11 e Setembro por recusar a entrega dos originaes das duas cartas pontificias, devido ao facto de estarem num envelope e não poderem ser separadas do Breve. Concluiu a queixa com a supplica: quizesse amoldal-o ao desejo de el-rei.

A apresentação repentina, tão inesperada do ministro, respondeu o cardeal secretario de Estado num outro Promemorial datado de 22 de Novembro,[1]) fazendo-lhe saber que o Vaticano esperára tudo, menos queixas, depois do grande favor prestado com a concessão do Breve. No concernente ao modo de proceder, o nuncio estava de pleno accordo com a missão, pois recebera ordem de apresentar por escripto os motivos do agir. Demais não se podiam ouvir sem surpresa as queixas sobre o embaixador, sabendo-se que sempre fôra alvo da estima de D. José e dos ministros em attenção á sua conducta escrupulosa. O caso dos religiosos da Companhia, finalmente, assaz o tratara Sua Santidade no Breve, cujo traslado passára ao representante em Portugal. Neste ponto o sentir do soberano pontifice não era sujeito a alterações, já por se basear na justiça não afeita a mesclar innocentes com culpados e a extender a punição de uns a todos. Se realmente uns poucos jesuitas, com a collaboração do ministro apostolico tivessem faltado em escriptos contra Sua Majestade fidelissima, o chefe visivel da Egreja não deixaria de dar as provas mais evidentes de descontentamento.

A replica desagradou em extremo a Almada; limitou-se, todavia, (a conselho de bons amigos, de não deitar a perder por uma ninharia o negocio todo) a responder aos 4 de Dezembro, declarando não achar mister realisarem reuniões no

1) Texto cfr. na „Correspondencia diplomatica", pg. 35 ss.

tocante ao pedido de el-rei, porque o ventilára sufficientemente e nada demandava alem de uma resposta categorica e em breve tempo, se possivel, para envial-a á sua côrte. Mandou então o Papa redigir um Breve e o remetteu a Almada, bastante satisfeito, afóra algumas palavras, refundidas tambem a seu desejo.[1]) Obtida a licença de fazel-o seguir á côrte, a vêr se era conforme, despediu um estafeta aos 28 de Dezembro.

Partido o correio, esperava cada qual o agradecimento mais cordeal do ministro. Mas oh! illusão geral! A resposta demorou muito e noticiou haver o soberano partido á caça, pelo que era impossivel um exame do Breve; ficaria para tempo opportuno. E cousa interessante! Antes tanto atropellamento, agora tanta indifferença! Opinavam os entendidos que a condescendencia, inopinada ao ministro, lhe causára maior desgosto que uma recusa formal, por ser assim furtado o ensejo de um rompimento entre a metropole lusitana e a Santa Sé. Prediziam, pois a sua inevitabilidade e, embora actualmente não fosse possivel, Carvalho acharia outra occasião.

Semelhante conjectura avolumou com a firmeza de Lisbôa em recusar qualquer entrevista referente á escolha de um novo nuncio. Acciajuoli fôra em Setembro de 1759 promovido a cardeal e pedia com instancia ser removido de uma côrte, onde, como via, em contraste á graça mostrada outrora, já não era estimado. Segundo o costume, o Santo Padre apresentou a lista dos candidatos, mas nenhum teve acceitação, com a declaração de não querer saber de nuncio, antes da liquidação do negocio com a companhia. Extranho! Acaso não estava concluido? Não a expulsára do reino todo? Não a exterminára completamente em Portugal? Não baixára o Breve para punir os reus? Faltava tão somente a approvação afim de empregar á vontade os bens confiscados. Neste ponto, porém, o tyranno não mostrava pressa alguma, havendo por melhor decidir sobre elles em proveito do fisco real. Quem não divisa o desejo de algo impôr aos jesuitas daFrança, Allemanha, Hespanha, Italia, em summa ao corpo todo da Companhia de Jesus? Mas quanto á revelação do mysterio, julgou conveniente esperar até a opportunidade de ameaçar Roma com uma scisão honrosa conforme aconselhavam os correligionarios do Lacio.

Nesta altura, entrou inesperadamente na cidade dos Cesares um mensageiro — havia muito que tal não acontecia — trazendo um documento de El-Rei Fidelissimo datado de 2 de Novembro de 1759, com a nomeação de um novo bispo da

1) Cfr. o original e a mudança na „Correspondencia diplomatica" pg. 45 ss.; 54 ss.

diocese da Bahia, vacante, segundo affirmava, devido á resignação espontanea do arcebispo D. José Botelho de Matos. Falava da resignação como de uma cousa feita, com o consentimento do prelado, nas mãos de Sua Santidade. Entretanto faltava ao processo remettido pelo nuncio e á nomeação o attestado da demissão do principe ecclesiastico. Assegurou o ministro que viria em breve. Consequentemente esperou a Santa Sé, parando na elaboração da bulla. Mas ai, nesse caso necessario fôra esperar longo tempo pois D. José Botelho de Matos jamais pensára em resignar o arcebispado.

Já aos 7 e Setembro de 1758 este dignitario recebera do cardeal Saldanha a patente de visitador delegado da Companhia na sua diocese alem do decreto sobre a mercatura dos jesuitas com a incumbencia de publical-o. Cumpriu-a dois dias após a recepção. Da parte do monarca obteve ainda o encargo de sequestrar os bens moveis (os immoveis confiscaram-nos alguns senadores vindos neste intuito de Portugal, e muito antes do attentado aos dias de D. José I) por terem sido angariados illicitamente, i. é, por negocios prohibidos. Reflectiu o Ordinario, sentiu escrupulos, e em vez de um cumprimento cégo do mandato, julgou dever seu examinar se de facto houvera acquisição illicita das propriedades consoante a asserção de Saldanha e da côrte.

Instaurou, por isso, em Janeiro de 1759 um exame judicial, ouviu mais de 80 testemunhas dos mais differentes estados e classes; religiosos, negociantes, representantes do povo simples, cavalheiros da primeira agua, até um irmão carnal de Salanha. Todos depunham sob juramento em favor da innocencia dos accusados no tocante á mercancia: que consecução e uso tanto dos bens moveis como immoveis era justo e legal. Por este mesmo motivo o metropolitano não quiz proceder ao sequestro, e escreveu as razões ao dito cardeal. A resposta não tardou. Asseverava não estar bem informado pois o commercio era certo, e como castigo á desobediencia baixou a ordem de quanto antes expulsar do palacete o arcebispo, arrecadar a congrua, arrasar o baldaquim na cathedral e eleger pelos conegos d'alli um vigario geral „Séde vacante" até a côrte enviar um successor.

Cumprida á risca, desenrolou-se em solo catholico um espectaculo horrivel, nunca visto, digno apenas de fé na Inglaterra, onde o regente tem tomado o titulo de chefe da egreja britanica. Quem conhece os canones relativos á dissolução do vinculo santo e ao mesmo tempo indissoluvel que liga o bispo á sua diocese, não achará, por certo, prós sufficientes para a deposição de D. Botelho de Matos, procedesse embora da autoridade do Papa ou do concilio. Recusou o prelado sujeição,

por ser incapaz de a prestar de mente tranquilla. Carvalho, porém, queria que os bispos lhe obedecessem ainda contra a consciencia delles. Remorsos para elle de nada valiam. „Submissão ou morte" era o seu dilema.

E que fez Pombal para roubar a Egreja mais um official de gala? Recorreu ás armas predilectas: força e invenção. Empunhou o calamo enganador, escrevendo á Santa Sé uma carta regia e communicando a resignação espontanea de D. Matos e a nomeação de um successor. Conjuro o mundo inteiro a que me aponte semvergonhismo de mais grosso calibre. Quem acreditará agora a tantas calumnias assacadas por obras portuguezas, aos bemfeitores da mocidade, attento o arrojo descomedido de apresentar ao proprio Vigario de Christo mentira tão degradante, e isso em Carta Regia assignada pelo governador dos destinos de Portugal?

Magoado embora pela deferencia das bullas pedidas, julgou comtudo ser melhor protelar a scisão com Roma para occasião mais propicia, ou pelo menos levar com ameaças o Papa a concordar em tudo afim de impedil-a.

O pretexto procurado não tardou. Aos 6 de Junho realisou-se, contra toda espectativa, o consorcio do principe D. Pedro com a princeza do Brasil, sobrinha sua. Noticia tão fausta communicou-a um bilhete da Secretaria a todos os embaixadores das côrtes extrangeiras em Lisbôa, os quaes, associando-se ao jubilo universal do reino, installaram as costumadas demonstrações de regosijo e nas duas noites subsequentes alumiaram seus palacios. Unicamente ao nuncio que como cardeal devia ser chamado para a benção, não se deu noticia, como se estivesse ausente, fosse de classe inferior ou já não occupasse a pasta de nuncio apostolico. Indo no mesmo dia ter como o Secretario de Estado da Cunha anhelando patentear em companhia dos outros sua alegria pelo acontecimento jubiloso, queixou-se e pediu instantemente quizessem dar tambem a elle o bilhete da nova obtido pelos representantes dos governos extrangeiros.

O funccionario publico fez algumas difficuldades á entrega do cartão que para um cardeal devia ser differente, por ser elle de classe toda especial. Solvendo, porém, o prelado mesmo o nó, contentando-se com uma simples communicação do enlace, afim de sem passar vergonha installar a illuminação, o interpellado prometteu entender-se com Sua Majestade e enviar resposta. Debalde! Vendo, pois, Acciajuoli que já não era reconhecido como embaixador da Santa Sé, não se julgou obrigado a render a homenagem prestada pelos collegas. Omittiu, portanto, as illuminações, e eis, Carvalho tinha quanto queria e esperava.

Cada qual vê que esta dureza para com o nuncio e cardeal supera de longe a que Sebastião assaca a elle. Falando a verdade, não commetteu o desconsiderado desattenção nenhuma á côrte, omittindo a illuminação, a qual segundo os indicios, não fôra do beneplacito da mesma, visto desprezar claramente qualquer signal de regosijo. Tivesse o logartenente do Santo Padre recebido o bilhete e deixado as luminarias, perpetraria uma descortezia digna de queixas, mas neste caso a maior reivindicação seria pedir satisfacção a Roma. Assim, sem duvida, houvera procedido o Côrte de Vienna, Paris, Madrid, ou qualquer outra. Na questão vertente, porém, a victima não merecia censura alguma por não poder nem dever esbarrar com a etiqueta.[1])

Passados nove dias depois dos desposorios e terminados já seis dias os festejos, o palacio da nunciatura apostolica viu-se pela madrugada de 6 de Junho rodeada de subito, por um destacamento de soldados. Sem mais, entrou um official, entregando a Sua Eminencia umas letras com a ordem terminante de deixar incontinenti Lisbôa e no prazo de quatro dias o solo portuguez. Era domingo e o cardeal se apromptava para a missa. Não lhe foi permittido celebral-a. Pediu então o deixassem assistir ao sacrificio. Em vão! Supplicou concedessem uns instantes necessarios á transmissão de umas poucas linhas ao Secretario da Cunha. Nada! Forçoso era sahir immediatamente, transpôr o Tejo, e numa miseravel caleça alli estacionada encetar o percurso doloroso. Não culminou aqui a humilhação. Sob o pretexto de pôr em segurança a pessoa sagrada contra offensas possiveis durante o itinerario, (na verdade para tratal-o como prisioneiro) rodearam-no 30 soldados a cavallo e o acompanharam até a fronteira. Na viagem de 5 dias passou pelas fortalezas Estremoz e Elvas, sem ser recebido com salvas, como era praxe, nem outras homenagens aliás rendidas a um nuncio papal.

Pouco tempo antes e depois da expulsão dos jesuitas affluiram os estafetas de Portugal a Roma. Entre 24 e 30 de Junho, Almada obteve quatro. Reinava curiosidade geral de saber o assumpto de tanta correspondencia. O representante portuguez no Lacio, rodeado de proselytos e copistas mantinha-se encerrado em seu palacio, cujas paredes nada transpiravam. Agitação desacostumada perpassava os sequazes: era chegado o momento de vibrar o golpe derradeiro e unico restante aos inimigos para conseguir a realisação do magno projecto da ruina total do jesuitismo.

1) Opinião contraria nos „Acenos aos nuncios" do cardeal Pacca; Memorias da Allemanha, pg. 149, ss.

Nem Almada, nem ainda menos o seu partido romano, queriam o rompimento, pois presisavam da coadjuvação dos confrades em Portugal. Cumpria, no emtanto, ameaçar uma separação verdadeira, querendo effectuar o que por emquanto se tentára debalde, por diversos caminhos. „Jacta est alea". O dado está lançado; caso errasse o alvo, era de desesperar da causa completamente. Por fim, todos convieram em avançar, na firme persuasão de que a côrte romana prefereria ceder á portugueza a causar um rompimento de relações; aconselhavam, porém, toda a prudencia para poderem sahir com toda a honra em caso de fracasso. Resolveram lançar mão dos meios á disposição, pouco importava quaes, comtanto que ficasse de pé a harmonia entre ambos os poderes, condição essa de capital importancia á segurança do partido e a execução da empreza.

Assim rezava a advertencia dos colligados. Provavelmente as instrucções ministeriaes eram concebidas neste teor, e por isso chegaram em breve tempo tantas missivas de Lisbôa, devendo o segundo rectificar o primeiro, o terceiro e quarto esclarecer o primeiro e segundo. Conforme alguns, Carvalho procurava á força separação da côrte romana, exigindo desaggravo tão exhorbitante, injusto, com esperança de lhe ser negada e aproveitar o ensejo propicio. A mim, todavia, parece mais verosimil não haver, desta vez, intencionado tal, mas tão somente extorquir quanto pudesse em detrimento dos jesuitas, reservando a ruptura para outra opportunidade. Mas, louvado seja Deus, todas essas medidas, apezar de bem chocadas, frustrou-as o desageitado Almada, que agindo a seu modo de vêr, sem ouvir os conselheiros, levou, como veremos, a causa a ponto de perdel-a.

Enclausurado no seu palacete, commandava uma roda de escreventes atarefados em traduzir e trasladar os despachos lisboetas. Surtido o fructo do labutar intermino: um acervo de copias de um volumoso protocollo repleto de Promemoriaes, deducções, summarios, etc., exigiu pela noite de 30 de Junho audiencia de Sua Santidade. Marcada para a manhã de 4 de Julho, chegou ainda na mesma noite um bilhete com a observação de ser extremamente necessario lançar-se aos degraus do solio pontificio quanto antes. A razão de semelhante urgencia parece ter sido o desejo de antecipar as cartas da Hespanha capazes de elucidar o caso de Acciajuoli, ignorado em Roma.

O resultado da instancia constituiu a fixação da audiencia para a madrugada de 2 de Julho. Vindo, porém, no dia antecendente as letras da Hespanha a noticiarem a par do desterro do nuncio a affronta por occasião das bodas, a recusa do bilhete, a impedição do mesmo, desejoso de falar a El-rei

Fidelissimo, o papa adiou a recepção promettida até serem colhidos esclarecimentos. Foi quanto bastou para Almada, convicto de ser superior a um nuncio e cardeal, ficar fulo de raiva e lançar immediatamente fogo á mina.

Affixou nas portas do hospital da nação portugueza um edicto, notificando que o ministerio da côrte romana não dava esperança de levar aos pés do Santo Padre a supplica do seu senhor e rei (era esta a primeira vez que pela razão allegada lhe fora protelada a audiencia), e que a inimizade extraordinaria, escandalosa, inaudita do mesmo ministerio subira á altura de declarar a Sua Majestade Fidelissima uma separação formal. E continuou a expraiar-se pela enumeração de injurias por palavras e obras amontoadas e augmentadas, com escandalo da Europa inteira, pelo supradito governo e adeptos declarados e conhecidos. Rematou scientificando aos compatriotas alli residentes que Sua Majestade Fidelissima baixára a ordem de sem demora, abandonarem com elle o Estado Pontificio, e por conseguinte todos comparecessem ás 21 horas do dia immediato, 3 de Julho, no seu palacio e dessem o nome.

Não satisfeito, distribuiu aos ministerios de outros paizes uma copia do protocollo, acompanhado de um bilhete em que participava sua partida proxima e se despedia, com o pedido de fazerem justiça á moderação de el-rei abusada até lhe ser declarada em termos grotescos, insolitos, inauditos uma guerra verificavel no documento concomitante.

A portaria inesperada fulminou os pobres portuguezes lançados na contingencia de deixar a nova morada, onde se achavam em condições melhores que na patria mesma. Confusão ainda maior teria provocado nos membros do partido se acreditassem á farça; estando, como estavam ao corrente das cousas, sabiam que a situação não se aggravaria, pois o remedio não distava. Realmente, apenas decorrido um dia o cardeal Neri Corsini, Protector da côroa de Portugal encaminhou-se a 4 de Julho cedo ao palacio papal, levando um rescripto de Sua Majestade Fidelissima com a communicação das nupcias do infante. A Santa Sé, conscia embora da relegação do nuncio e das folhas desavergonhadas esparsas horas antes, acolheu-o benignamente e mandou compôr uma carta a el-rei repassada de brandura e jubilo sobre o memoravel acontecimento. Abordando então Corsini os presentes transtornos, expôz a facilidade do restabelecimento da paz, porque Almada estaria mais do que contente se desta vez o Pontifice lhe prestasse reparação e permittisse tratar a respeito dos negocios com qualquer autoridade, exclusive o Secretario de Estado. O pae da christandade regeitou proposta tão inconveniente, declarando ao cardeal que d'ora avante a ninguem mais do que a elle queria ouvir.

Corsini não o comprehendeu devidamente, mas, interpretou-o como convite a medianeiro entre Roma e Lisboa, desejo esse alimentado por Almada e sequazes. Voltando, revelou em pessoa a alegre mas falsa resposta ao chefe, o qual, contente com as medidas, por haver alcançado alguma cousa, e na esperança de conseguir muito mais ainda, pregou na noite de 4 de Julho nas portas do hospital portuguez um edital, revogando a scisão já publicada, explicando ter o Papa reconhecido a impossibilidade de Almada tratar com o ministerio de Sua Santidade, alvo da justa indignação de D. José I, e encommendado o cardeal Neri Corsini para dar uma solução. Pela nomeação de prelado tão digno e zeloso, esperava que Sua Majestade recebia a reparação conveniente e tão depressa quanto o reclamava o caracter da situação actual.

Desta maneira o tio do conde de Oeyras protelou a separação, mas somente para vêr se o Papa offerecia o necessario e devido desaggravo e se lembrava (como dizia) de que o monarca havia sido attentado na sua cidade de residencia e offendido com calumnias quaes pessoa privada não pode tolerar, e isto pelas ciladas maliciosas de uma reunião de gente votada pelo Instituto ao serviço de Deus. Extranho a muitos, pois que reparação podia dar o Summo Pontifice? Acaso não tinha concedido a impetrada licença de sacrificar os culpados? Não podia o soberano tomar pessoalmente o despique correspondente? Bom é observar a particularidade de não ser o delicto adjudicado somente aos poucos apontados no processo, mas atirado aos hombros da Companhia inteira obrigada a uma satisfacção. Desta forma, sem abrirse muito literalmente, Almada se explicava pouco a pouco. Não cessava, porém, de declarar oralmente que afinal se descobriram os autores das scenas nocturnas de 3 de Setembro marcados na reunião do conselho do P. Geral e desenterraram os documentos authenticos ordenando o attentado. Prometteu até publicar as cartas tanto anheladas pelo mundo, mas com muito pezar devemos registrar o esquecimento da palavra solemne.

O segundo edicto livrava os portuguezes moradores em Roma de indescriptivel embaraço em que os lançára o primeiro, pois viam agora o encaminhamento das cousas para um ajuste, sendo por conseguinte desnecessaria a transmigração. Ainda mais intenso foi o jubilo da liga pela transigencia do successor de S. Pedro, pelo bom estado das cousas nas mãos do cardeal, e risonhas esperanças.

Mas eis que de subito transforma-se o quadro: á alegria succede sobresalto commum. O Papa, sciente do edital, e attento o abuso de suas expressões, chamou ainda na mesma noite de 5 de Julho a Neri e deu-lhe a entender claramente não

querer mais ouvir dos negocios lusitanos emquanto Almada não se houvesse apartado de Roma e do Estado Pontificio. A decidida declaração urgentemente passada ao cabeça, surprehendeu, fulminou e paralysou o bando todo. A Providencia que visivelmente escudava o Instituto destroçava, de um golpe, machinas fabricadas pela iniquidade. Temia o intrigante sorte egual a de Acciajuoli, e affincou ao hospital de Santo Antonio um terceiro edicto, renovando o primeiro. Em seguida, fez a trouxa e partiu, de olhos chorosos, e vergonha profunda de ter servido tão mal a seu senhor e representado figura nada louvavel, confiando-se a uma facção que sob a capa da honra da corôa portugueza, que pouco lhe importava, se serviam de Almada como servo das suas paixões e instrumento dos interesses particulares.

Antes de desapparecer, distribuiu aos ministros extrangeiros um escripto prolixo encabeçado: „Explicação dos factos e motivos".[1]) Em todo o protocollo vê-se com a maior evidencia que a côrte de Roma não dera razão para inimizades, mas pelo contrario, mostrára toda a indulgencia possivel, sendo, por conseguinte, extranho o proceder de Carvalho em baixar um Manifesto, ante o qual o mundo inteiro devia tomar attitude hostil. Roma não publicou replica, julgando, com razão, já bastar a portugueza para justifical-a.

Tencionavam todos estes escriptos provar a cooperação dos cardeaes Torreggiani e Acciajuoli nas imaginadas injurias e sonhadas calumnias lançadas aos hombros dos jesuitas, e exigir do Papa um breve e publica reparação. Envidou o autor quanto estava ao alcance a fim de sustentar sua asserção, mas infelizmente nada atirou á praça alem da cascata ululante de uma verbosidade pomposa. Se depois cita um facto, é inteiramente falso ou inconcludente ou o contrario da these estatuida.

Para ninguem pensar que affirmo do autor inverdades, trago algumas amostras das provas contra ambos os dignitarios.

Nos promemoriaes encontramos as seguintes palavras: „Tinha o monarca de Portugal as mais justas razões de estar irritado pelos attentados horrendos perpetrados á sua regia pessoa pelos cardeaes Torreggiani e Acciajuoli, e á Sua Santidade corria a obrigação de pôr termo aos terriveis escandalos, etc., etc.

Vejamos, porém, em que consistiam essencialmente os excessos e ataques assacados aos principes ecclesiasticos. Todo o processo de Acciajuoli baseia-se num unico facto, ou melhor, omissão, a saber: o não haver illuminado sua residencia por

1) „Correspondencia diplomatica" pg. 59.

occasião das nupcias do infante. O vasto protocollo não adduz outro crime, e comtudo é descripto no quinto e ultimo promemorial da maneira mais hyperbolica possivel. Na explanação pullulam as palavras ôcas.

A accusação de Torreggiani era mais longa, mas os factos aferidos são da mesma forma improcedentes. Lêmos:

1. Após uma medonha aggressão ao soberano em 3 de Setembro de 1758, o ministerio papal não se fez ouvir contra os culpados principaes do crime infame (os jesuitas). Mas esses soluçavam nas prisões de Lisbôa, e os de Roma não levavam, sem duvida, a culpa. A quem, pois, fulminar com o castigo? Queria Pombal que a Santa Sé reverberasse os religiosos de Roma e do mundo inteiro, devido á transgressão de tres jesuitas portuguezes. Semelhante exemplo de zelo pela justiça, cumpre confessal-o, nunca se viu fóra dos limites da patria de um conde de Oeyras.

2. O cardeal Secretario, approvado pelo P. Geral, escreveu em nome de Sua Santidade uma carta em defeza da Companhia, contrariando os decretos de Portugal sobre os padres autores do conluio maldito. — Não, Almada, aqui o Sr. discorda da verdade. O escripto não foi elaborado com a venia do P. Geral, nem visava impugnar os decretos de Portugal, pois se occupava unicamente dos livrecos e calumnias que de algum tempo para cá infestavam o publico. Nem queria a Santa Sé proteger os faccionarios, mas tão somente os inculpaveis e estava longe de presentir a audiencia dos foros de Lisbôa de condemnar os ecclesiasticos de nações extrangeiras, por ser um desprezo dos direitos dos principes respectivos.

3. Roma puniu a reimpressão de um livrinho escrevinhado sobre a guerra do Paraguay e encarcerou o editor. — A voz de prisão deu-a o cardeal Archinto, e não, como aqui se suppõe, Torreggiani ainda não promovido a Secretario de Estado.

4. Chegada a sentença de morte lançada contra os implicados na conspiração, Torreggiani prohibiu aos livreiros a reimpressão e aconselhou a todas as classes não falar das novidades da côrte lusitana. — No emtanto consta que o mencionado julgamento appareceu nas forjas do Lacio, o entretenimento sobre as novas de Lisbôa corria livre, desembaraçado: assumpto predilecto das rodas, cafés e reuniões de qualquer especie. Demais a mais, posto que falsa a affirmação, é medida de bom governo impedir certas discussões facilmente capazes de causar desavenças em detrimento da tranquillidade e concordia. Assim procederam outras metropoles, sem a côrte do Tejo sentir-se melindrada.

5. A capital da christandade empregou esforços sobrehumanos em descobrir os autores das brochuras desagradaveis aos jesuitas (eram pasquins), e isto justamente ao tempo em que com liberdade illimitada eram espalhadas outras obras provenientes dos religiosos e tendentes a degradar de modo horrivel o nome glorioso de Sua Majestade Fidelissima e a lealdade dos seus fieis ministros.

Como cada qual vê, esta incriminação abrange dois factos distinctos. Acho que se as indagações tivessem sido tão severas como é dito, facil fôra desmascarar os amanhadores dos libellos aviltantes. Demos, embora, de barato a asserção, estacamos ante a afoiteza de latejar as apurações de um principe instituidas no intuito de apanhar os transgressores de suas leis. Acaso era permittido abocanhal-os em Roma por haverem perdido as graças de D. José? Por ventura seguia do banimento dos territorios lusitanos o poder de roubar-lhes das egrejas as alfaias de prata? Mais! Se o governo romano abriu, sem offender os proceres portuguezes, a devassa necessaria para descobrir os ladrões dos objectos do culto, porque não poude fazer o mesmo a fim de exhibir os diffamadores dos religiosos? Não é obrigação da autoridade constituida proteger tanto os bens como a honra dos subditos? Passando por sobre estas inconveniencias da malsinação, o autor do Manifesto devia pelo menos reflectir no consideravel prejuizo infligido a Sebastião que apparece em luz demasiadamente clara como protector e fautor dessas oppressões e artimanhas prohibidas.

No concernente ao segundo facto: os escriptos publicados pelos jesuitas, é falso inteiramente, e Roma em peso pode testemunhar não haver durante a innundação dos pamphletos infamantes encontrado folhetim da Ordem infenso, de leve, á honra do soberano e dos seus dignitarios. Mesmo que se tivessem esforçado por reivindicar a fama vil e publicamente espesinhada, o critico imparcial teria estado plenamente de accordo. Mas entretanto a defeza se limitava á paciencia, oração e silencio, deixando imprimir algumas letras só quando a mudez ficára impotente e a lingua não podia causar prejuizo maior ao até agora praticado. Se depois do rompimento tocaram na situação portugueza, fizeram-no com a maior consideração do monarca, objecto de reverencia e amor jamais esmorecidos, bem scientes de que permittia as tribulações unicamente por ser embahido pelo ministro. Censurando o proceder de Carvalho, não assoalharam calumnia, mas narraram simplesmente quanto o conde de Oeyras perpetrára em face da humanidade; narraram-no conforme o permitte a lei natural, não lesando, por conseguinte, lei nenhuma.

CAPITULO XVIII.

A inquisição

Em vez de extender a mão para reconciliar a côrte romana com a portugueza, Pombal não deixou, depois do decreto de 25 de Fevereiro de 1761, de commetter novas offensas ao papado, tomando publicamente sob sua protecção o impressor Pagliarini expulso do Estado pontificio e galardoando-o com uma pensão annual. Da mesma forma favoreceu o excapuchinho P. Norberto a quem nos referiremos. O boato, porém, de uma restauração da concordia augmentou em attenção ao facto de el-rei em carta de 21 de Agosto de 1761, communicar á Santa Sé o nascimento do principe da Beira, carta entregue pelo ministro em Napoles ao nuncio d'alli. Mas ai, muito em breve se desvaneceu a risonha esperança.

Desafogou o estadista a sua furia no afamado jesuita P. Gabriel Malagrida, condemnado á morte pelo tribunal da inquisição aos 20 de Setembro. Esbocemos a vida da victima.

Nasceu de familia boa em 17 de Setembro de 1689 em Menaggio na diocese de Como, tendo por pae a Jacob Malagrida, celebre medico de Odoardo Farnese, duque de Parma e por mãe a Angela Rusca.

O joven entrou para o collegio dos somascos na cidade de Como, cursando bellas sciencias e philosophia. Depois de continuar os estudos recebeu dos dominicanos instrucções de theologia escolastica não ensinada no collegio. Neste interim occorreram factos que impressionaram sobremaneira o estudioso. Resolveu abraçar a Ordem, e recebido, após a frequencia de theologia moral no collegio suisso de Milão, na Companhia de Jesus, iniciou em Genova o noviciado a 17 de Outubro.

Tomou então o proposito de dedicar-se inteiramente á salvação das almas que nas regiões mais remotas lhe fossem apontadas pelos Superiores. Obtido com effeito, o consentimento, e marcado pelo P. Miguel Angelo Tamburini para a missão no Maranhão, chegou incolume ao porto de S. Luiz pelos fins de 1721.

Consumidos perto de 26 annos na incansavel e util tarefa de apostolar no Maranhão, Pará, á margem esquerda do rio Itapycurú até o anno de 1725 e pregando entre 35 e 47 no rio Meari e mais para o sul chegou a Camutá, cidadezinha banhada pelo Tocantins e distante cerca de 20 milhas do Pará. Alli

mesmo, longe das metropoles populosas, preparou a erecção de um seminario. Luctando, porém, com incriveis difficuldades, regressou a Lisbôa, onde aportou a 1.º de Fevereiro de 1750, recebido pelo rei e rainha e cumulado de graças.

Espirando o soberano (31 de Julho de 1750), voltou em 1751 ao Maranhão, onde permaneceu até fins de 1753, quando a rainha viuva D.ª Maria Anna da Austria, num autographo em latim o revocou a Portugal, a fim de preparal-a á morte. Obedecendo, tornou em começo de Fevereiro do anno seguinte.

A recepção na côrte foi benigna, mas o sacerdote não tardou a notar a differença entre D. João V e D. José I. D.ª Maria o chamava com frequencia para ser consolada nos derradeiros momentos, e morrendo, de facto, aos 14 de Agosto de 1754, não se esqueceu, no testamento escripto pelo proprio punho, das missões brasileiras tanto recommendadas por Malagrida. Como, porém, os flagellos do terremoto puzeram em confusão o reino todo, frustraram-se as bellas esperanças. Tempestade medonha levantou-se contra o missionario, enegrecendo diariamente e desapparecendo somente com a morte ignominiosa desta victima da vingança do ministro.

Nas circumstancias lamentaveis do terremoto, procurou o apostolo intemerato ser util, e imprimiu uma obra intitulada: „Juizo sobre a causa verdadeira do terremoto que feriu Lisbôa a 1.º de Novembro de 1755."[1]) Esforçou-se por demonstrar que a dita calamidade era um castigo fulminado sobre Portugal e mormente sobre Lisbôa, sem todavia negar a cooperação de causas naturaes.[2]) Interpretou-a mal Carvalho, ainda não sublimado a conde de Oeyras, apregoando que o povo já abatido e totalmente desanimado, tocava as raias do desespero. Procurou apartar da côrte o zeloso propugnador da causa de Deus, indiscreto a seu vêr, e conseguiu-o realmente a 1.º de Novembro de 1756. Removido para Setubal, aprazivel lugarejo distante seis milhas da capital, continuou a pregar e dar exercicios espirituaes, até que escreveu ao cardeal Saldanha, communicando ter de inteirar, Sua Majestade de assumpto da mais alta importancia, e pedindo licença de apparecer na côrte. Como resposta, recebeu a ordem de fazel-o por escripto. Sujeitando-se, pois, remetteu a D.ª Anna de Lorena, dama de honra,

1) Approvada pela Inquisição.

2) Semelhante é a concepção da Egreja nas orações. O mesmo dil-o a carta pastoral do Patriarcha de 2 de Dezembro de 1755; cfr. Camillo Castello Branco, Perfil n.º 214. O proprio Pombal, pouco depois incumbiu o embaixador em Roma de declarar S. Francisco de Borgia como patrono particular de Portugal, „para, por auxilio do céu, preservar o reino de desgraças analogas ou ainda maiores." M. Sotto Mayor, Pombal, pg. 65.

uma carta, supplicando quizesse entregal-a pessoalmente a el-rei. Deu-se este facto memoravel poucos mezes antes da noite de 3 de Setembro de 1758.

Nesta carta em que segundo a opinião dos mais entendidos, Malagrida advertia o throno de um grave perigo, exorando tomasse a tempo as providencias necessarias, se levantou todo esse edificio de inculpações architectado por Carvalho com o intuito de comprometter o supposto delinquente.

D.ª Anna de Lorena, obtendo o escripto, achou bom subtrahir-se a um encargo de consequencias duvidosas, sim, considerando as circumstancias, receiou algum insuccesso. Devolveu-o, portanto mezes depois, i. é, aos 12 de Dezembro de 1758. Preso Malagrida a 11 de Janeiro de 1759, o manuscripto foi encontrado sobre a escrivaninha pelo official da captura e immediatamente entregue a Sebastião.

O assumpto do mesmo, houve por bem não vulgarisar, quiçá para proceder com mais severidade com o religioso, affirmando no § 26 da sentença de 12 de Janeiro de 1759 a falsidade de que escrevera a varias pessoas, prevenindo-as do desenlace de 3 de Setembro. Esse silencio de Carvalho aliás tagarella, desperta, e justamente, admiração geral, pois a carta favorecera altamente suas intenções contra a sua victima e constituira testemunho autentico e prova essencial, que num julgamento de effeitos tão momentosos, jamais devera ser omittida. Mas ao contrario, em vez de a patentear ao mundo em peso e contra o facinora, escondeu-a, quanto possivel, e agarrou-se tremulo a tantas suspeitas miseraveis, descabidas, mal fundadas, dando a entender que o escripto do missionario não continha indicio algum de culpado na conjuração alarmante.

Que contradição! Declarado cabeça da conjuração, e preso, sepultado dois annos e quatro mezes nos carceres de Belem, transportado ás masmorras da inquisição como criminoso e hereje; devido a este ultimo delicto entregue ao braço secular e finalmente na edade de 72 annos e 3 dias, aos 20 de Setembro garrotado e queimado publicamente.

Por intermedio do capuchinho, depois apostata e finalmente demittido da Ordem, Pedro Parisot, que emquanto religioso se chamava P. Norberto, mais tarde Abbade Platel, Pombal espalhou uma obra, acervo de calumnias contra os jesuitas compilada pelo rabiscador assalariado. O ex-frade nascido na Lorena é muito conhecido por suas aventuras nas Indias Orientaes e outros lugares e não menos por suas noticias historicas prohibidas por todos os bispos. Seu nome, segundo o juizo do bispo de Sisteron da França expresso no decreto de

28 de Abril de 1745, que prohibia a obra, já bastava para desconceitual-o: „un auteur si decrié, que son seul nome est une tâche à sa réputation."

Convidou-o Carvalho a vir para Portugal e serviu-se delle nos emprehendimentos contra a Companhia, proigalisando-lhe a pensão annual de 720 escudos duros. No começo gozava de plena confiança do protector. Houve até quem lhe attribuisse a Vida de S.ta Anna e do Antichristo obras imputadas a Malagrida. A complicação do processo contra Malagrida parece ser, com o auxilio do P. Mansilha e do marquez, monumento seu; incontestavelmente seus são, a introducção até o n.º 8 e alguns topicos da sentença. Platel regressou mais tarde á França, acabando na Lorena, pranteado pela colligação antijesuitica. O biographo do ministro assevera ter fallecido na Hollanda. Pouco ou nada importa.

Tenciono agora offerecer um summario succinto e fiel do processo, e concluiremos haverem os adversarios da Companhia praticado bem, occultando-o, a principio, ao povo.

Apprehendido Malagrida na noite de 11 para 12 de Janeiro de 1759 no collegio de Santo Antão, na manhã seguinte, sem previo interrogatorio, um decreto solemne o condemna como cabeça da conjuração e reu de lesa majestade. Consumidos dois annos e meio nos calabouços de Belem, motivos bem differentes lhe fulminaram a pena capital. Eil-os, seus crimes: principios hereticos, falsas revelações, hypocrisia e santarronice. A commutação dos delictos e tanta demora no castigo, claro está, levantaram suspeitas justas entre o povo de ser invenção o primeiro crime e não obstante, Malagrida pela firme determinação de uma pessoa (Pombal) devia soffrer a morte por aquelle solemnemente exigida. O mercenario Norberto tratou de lançar poeira aos olhos dos espectadores, mas não logrou enganal-os. A victima foi presa como autor dos disparos, crime pelo qual o processo e execução do duque de Aveiro e do marquez de Tavora se effectuaram no espaço de um mez. O santo, ao contrario, gemeu dois annos e meio nos carceres do tribunal da Inconfidencia, reu do delicto de Estado, e só nos ultimos mezes foi arrastado ás masmorras do Santo Officio. Como é, pois, possivel inventar que a protelação da pena era devida ao caso de ser processo de caracter religioso e por isso o tribunal do Santo Officio procedia com tanto vagar e cautela?

Abrange a causa unicamente a quadra da reclusão do religioso. O „corpus delicti" constituem-no duas obras: „Vida de S.ta Anna" e o „Tractado do reino do Antichristo", escriptas, conforme aventam, no carcere, e causa da condemnação como herege aos 20 de Setembro. Agora é clara, evidentissima a

impossibillidade de haverem ambos os delictos sido perpetrados ao mesmo tempo, e ser o de religião posterior ao de Estado. Mas como commetter o arrojo de pospôr o crime de Estado ao de religião, se este nem existia, e até ainda estava por vir?

A supposição (falsa) de ter o padre alinhavado as obras mencionadas suscita grande admiração, porque ninguem as viu nem verá. A citação de algumas phrases e revelações, aquellas julgadas hereticas, estas falsas, forma todas as iniquidades do sentenciado. Ora é consenso unanime dos doutores que, não é permittido trazer a juizo e condemnar quaesquer escriptos por mais hereticos que fossem antes de ulteriores investigações, qualificações, censuras, muito menos sem previo interrogatorio do autor sobre as duvidas do manuscripto ainda não publicado ou sem a ultima de mão.[1])

Não soube o tribunal objectar maldades anteriores ao aprisionamento. Tanto mais resaltou a audacia de um Norberto mettido a assoalhar aos quatro ventos a criminosidade, o abuso da palavra de Deus, a offensa de Deus por uma moral derrancadora, a seducção dos povos por revelações fingidas, e finalmente a qualidade de heresiarcha refinado a propagar pelos dominios portuguezes os seus ensinamentos maldictos. Tudo isso sabe desmentil-o o proprio processo, tendente unicamente a demonstrar que Malagrida fôra santo de pau ouco e durante o encarceramento um herege, não instituindo indagação sobre a epocha precedente.

Visto, pois, que a questão judicial se restringe ao tempo da reclusão, a injustiça flagrante não deixa de ser manifesta. E' certo que as leis consideram heresias e enganos em materia de religião como faltas graves, em quanto são nocivos ao publico, mas não se achará exemplo de haver a inquisição entregue ao braço secular um heresiarcha e hypocrita refinado, salvo o caso da propagação dos erros entre o povo simples ou invenção de revelações miraculosas com o fito de conquistar renome. Na situação presente, não havendo prova contra o accusado, nem siquer indicio da maldade, e limitando-se o processo somente dentro do tempo que durou sua prisão, como

1) „Volo in chartulis meis quaslibet ineptias scribere — quamdiu non profero cogitata, male dicta, non crimina sunt, immo nec male dicta quidem, quae aures publicae nesciant," escrevia em sua defeza o grande S. Jeronymo na carta 33.ª a Pammachio. Podia tambem o dominicano José Mansilha, juiz de Malagrida, ter recordado as palavras do seu tão instruido quão piedoso confrade Domingos Soto que rematam seu Commentarior. in IV Sent.: „Multa quidem alia in Matthaeum scripsi, quae a quibusdam circumferuntur, quibus postremam manum non adhibui. Et ideo, si quis ea evulgaverit, protestor, non fore mea, quoniam nec collimata sunt, nec polita & multis scaturiunt mendis, multaque continent examine, censura, & castigatione digna."

podia seduzir o povo com erros e revelações phantasticas? Qual o prejuizo infligido á nação? Elle que não via ninguem, a não ser o carcereiro e, se muito, os companheiros no terrivel penar! Bastára queimar as garatujas, subtrahir-lhe o indispensavel ao escrever, guardal-o retirado no compartimento, e atalhado estava qualquer ensejo de perverter o povo.

O mais interessante de tudo, porém, é o não serem provadas as heresias e apparições referidas.

Quanto ás heresias são citadas as seguintes do livro da „Vida de S.ta Anna": Houve uma prolongada conferencia da SS. Trindade sobre Santa Anna. Depois de acalorada discussão, concordaram em que era superior a todos os anjos e santos.

Na sua casa mandava a 20 escravos, 12 do sexo masculino e 8 do feminino; erigiu em Jerusalem um mosteiro ou conservatorio para 53 solteironas, e os anjos, para o construirem, se fizeram de architectos. Uma dessas virgens, chamada Martha, a fim de obter o necessario, comprava peixes e os vendia com lucro; outra desposou a Nicodemos, outra a S. Mattheus. A santa mesma tinha uma irmã de nome Babtistina. — E' possivel ouvir tudo isso? — Peor ainda: A Santissima Virgem, recebendo a mensagem celeste e vendo a impossibilidade de declinar o convite á maternidade do Salvador, cahiu em desmaio, sendo mister os anjos envidarem valentes esforços para chamal-a a si; entretanto se tinha adiado um já preparado banquete pelos Seraphins até ella dar o consentimento.

A metade desses disparates já provára de sobejo algum transtorno mental do pobre Malagrida. Demais elles circulavam havia varios mezes. Digno de admiração? — De forma nenhuma! Não passava de uma fraqueza physica a que nós homens estamos sujeitos. Ancião de mais de setenta annos gastos em servir o proximo, via-se de subito recolhido como scelerado infame, agrilhoado, pela autoridade publica declarado traidor e regicida. Não bastára este incidente repentino para causar uma alienação mental? Ajuntae a isto o nada de sustento, no carcere noites em claro, occupado com cogitações ininterruptas.

Elle disse que deviam vir 3 Antichristos. Nasceria o ultimo em Milão no anno de 1720, e casar-se-ia com Proserpina, uma das furias do inferno. Perguntemos de passagem se é possivel asneira semelhante de Malagrida como é a enumeração de Proserpina entre as furias do Averno. Sempre figurára entre os mais versados da Companhia de Jesus, e antes de partir ao Maranhão dera na Italia e em Portugal provas de seu saber nas bellas sciencias, e com certeza fôra incapaz de commetter errata tão feia nos preliminares da mythologia, como os illusres do Tejo pretenderam attribuir-lhe. Seu conheci-

mento extraordinario na poesia italiana mostraram (não falando de outras composições) duas bellas peças dramaticas acabadas nos ultimos annos antes do terremoto de 1755 com o intuito de executal-as no palco real de Sua Majestade D. José I. A primeira „La fedeltà de Leontina" encontrar-se-á entre as preciosidades da fallecida mãe da actual rainha, Maria Victoria, a quem o apostolo a dedicára; a segunda: „Santo Adriano" constituiu preito de homenagem ao infante D. Antonio de Bragança, tio de D. Pedro III; aquella, ao vêr dos entendidos, digna de emparelhar com a celebre „Clemenza di Tito".

O drama, „l'Amano" acabado em Setubal, é tida como obra de valor; mas não chegou a ser representado, porque o sacerdote, ouvindo de um amigo ser bem capaz o primeiro ministro e favorito do rei sentir-se atacado e heroe da tragedia, desistira do proposito. Este é o ancião original, a quem o Abbade Platel, Frei Mansilha, Monsenhor Paulo de Carvalho, D. Nuno Alvares Pereira e Mello e Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeyras, posteriormente marquez de Pombal querem adjudicar a „Vida de S.ta Anna" e „Reino do Anti-christo", esposo de Proserpina, furia do inferno.

Admiração justa surge a respeito dos grandes espiritos e esclarecidos inquisidores, que embora pudessem concluir de muitos signaes algum desequilibrio e conceitos bastante confusos, deram-se o rabalho ridiculo de leval-o á confissão dos seus erros. Dizei-me quem não deve suspeitar encoberta uma malicia monstruosa?

Extranho! Proporcionar a um reu do crime de conjuração ensejo de rascunhar no carcere quanto lhe apraz, fornecer-lhe papel em superabundancia, sim, pôr-lhe mesmo á disposição um escrevente ou copista é singular, incomprehensivel, contra todo o uso do mundo inteiro, excepção unica aberta ao P. Malagrida recluso! Tantos requintes de amabilidades são assaz suspeitos! Attribuil-os á benevolencia do ministro? Incrivel! Estou inclinado a crêr que o estadista percebera perturbações e incoherencias em materia de religião externadas pelo encanecido sacerdote, e por conseguinte, estimulado por astucia diabolica, offerecera o material indispensavel para rabiscar á vontade e assim amanhar um „corpus delicti" que attrahisse a condemnação do Santo Officio. Enveredar por este caminho, julgava talvez, era o methodo mais curto, depois de haver reconhecido ser tarde demais para sacrifical-o como cumplice no attentado, porquanto el-rei, conscio da innocencia, não consentiria.

Incomprehensivel! Mas se queria a sua ruina, porque não o immolou com João de Mattos e João Alexandre declarados reus do crime de Estado? E' que as cousas não corriam se-

gundo desejava. Embora facil lhe fosse conquistar a credulidade do monarca, viu baldados os esforços de fascinal-o a ponto de annuir a quanto a raiva incommensuravel o levava. Impotente de fazer acreditar que o P. Malagrida, aliás tão santo e venerado,[1]) conspirasse em companhia de dois confrades contra a mais alta dignidade lusitana, perdeu a esperança de cevar os olhos em novas execuções. Cumpria, pois, descobrir outro meio a fim de não só substituir o assalto infructifero, mas até compensal-o. Procurando-o em particular, ferindo o alvo com a mudança de incriminações e julgando-o pelo Santo Officio em vez do tribunal da inconfidencia, tocou a meta das suas satanicas aspirações: banir dos dominios portuguezes a honra, consideração e memoria da Companhia odiada. No emtanto necessitava de tempo para collocar uma mina tão complicada, tempo para dar capa de verdade ás transgressões assacadas, tempo para formar a capricho o tribunal em vista: em summa, seis mezes era o prazo minimo.

Estava o Santo Officio composto de numerosos e respeitaveis membros e abrangia dois departamentos, o inferior, a mesa pequena e o superior, grande mesa ou conselho geral; aquelle de 1.ª instancia, este de 2.ª e para assumptos de maior monta. No processo de Malagrida a ordem soffreu inversão, pois o segundo assumiu a questão immediatamente, emquanto os juizes do primeiro assignaram „pro forma" com a tenção de agradar ao ministro.

Que os julgadores duvidavam mesmos da imputabilidade do sacerdote não ha negar; o processo o demonstra. Cahiu a accusação de se sahir o padre com desatinos. Que fez a mesa para obter convicção? Interrogou, reza a sentença, algumas testemunhas, e ouvindo que não andava desequilibrado, por mostrar todo juizo nas respostas, desistiu de investigações e depoz todas as duvidas. Como? Materia de pouca importancia? Deixo de lado as estulticias denominadas revelações; ahi está o processo a explanal-as. Se em face de outro jury alguem houvesse proferido extravagancias desse quilate, incontinenti fôra internado no fundo do hospicio. Os assignalados inquisidores, ao contrario, queriam interpretar as loucuras como malicia refinada, comettida com o intuito exclusivo de, á toda a força, grangear renome de santo. Mas precisamente

1) Em 1916 sahiu: A ultima Condessa de Atouguia. Memorias autobiographicas. Pontevedra 1916.

A autora estava debaixo da direcção do P. Malagrida. Encontramos nestas memorias dados que nos habilitam a formar um juizo seguro a respeito do caracter do P. Malagrida, que ajuntava á santidade pessoal, habilidade e sensatez notaveis na direcção das almas no caminho da perfeição. (Revista de Historia, Lisbôa. V° vol. pg. 287-8.)

nas declarações da pessoa sagrada tinham uma prova convincente de que não podiam ser patranhas propositadas, porém, aberrações de um intellecto fraco, transtornado.

Entre outras refere o processo que por revelação divina soubera da morte de el-rei, e ao receber a noticia do parto da princeza do Brasil, affirmára que Deus lhe manifestára o nascimento de uma princeza, ao passo que foi um principe. Mas se o delinquente houvesse querido inventar visões, teria sido tão bestunto para apregoar como reveladas cousas, cuja verdade não constava a elle proprio, e isto em face de quem devia conhecel-a toda? Não parou aqui a malicia dos julgadores; subiu até a attribuir ao septuagenario, extenuado de tanta miseria, jejum, dores e provações actos deshonestos, etc., etc.

Allude a duas acções que alma viva jamais viu nem verá. Por felicidade nos escriptos e trato com o povo durante os quarenta annos precedentes, não apparece indicio das loucuras que deviam conter os manuscriptos.

Examinada a sentença mais de perto, divisamos a elaboração da mesma nas ideas do ministro já conhecidas. Sabemos igualmente que durante o captiveiro nas masmorras da inquisição o incriminado não foi sujeito a interrogatorio judicial, pois nas explicações e respostas do accusado não se reconhecem a expressão, geito nem palavras do sacerdote, chocam-se, de continuo, as maiores incoherencias, inverosimilhanças e contradictas. Malagrida comtudo, a pezar da innocencia evidente, devia tombar sob a politica carvalhanica, e antes desse passo mortal, experimentar os effeitos da crueldade, desprezo, insulto dos inimigos, ser encarcerado como assassino, seductor, herege, pseudo-propheta e santo de pau ouco, ser tratado como indigno, publico inimigo e perturbador da paz do soberano e, doido varrido, ser coberto de mofa e escarneo do populacho açulado.

Eis a razão porque marchava de um juiz a outro, do civil ao ecclesiastico. Recebido por ambos inconvenientemente, sentia-se, sem inquerito previo, tratado com aspereza sempre crescente, rematada pela morte dolorosa. A consideração dos jesuitas pungia a Carvalho como um espinho na vista. Ao entrarem no reino eram chamados „os apostolos“ e ainda hoje existe em Coimbra, onde D. João III erigiu o primeiro collegio da Ordem, uma rua denominada: „Couraça dos apostolos“.

Não foi a causa de Malagrida a primeira da inquisição de Portugal em detrimento da Companhia. Exemplo temos no incomparavel P. Antonio Vieira, o melhor pregador das duas nações ibericas. A despeito da grande fama de instrucção e talentos, foi preso em meio da carreira dos seus admiraveis

emprehendimentos religiosos, enclausurado nas prisões do Santo Officio de Coimbra e accusado de principios suspeitos em materia de religião. Por empenhos de um religioso, P. João Freire, foi não obstante a defeza convincentissima, condemnado, embora depois recuperasse a liberdade. Ferido por julgamento iniquo, o ministro de Deus appella num Memorial, a Clemente X, e então, após exame previo, foi publicada a innocencia de tal modo que Roma, alem de outras disposições exaradas num Breve „Religionis zelus" dado em Santa Maria Maggiori aos 16 de Abril de 1675, preservou da justiça da inquisição tanto a elle como a suas obras, e isso em termos elogiosos ao benemerito portuguez.

Além das suspeitas a seu favor, o reu, declarado cabeça da conjuração sem uma unica prova legal, sem exame da causa, tem do seu lado o consenso unanime dos juizes incumbidos pela rainha da revisão do processo de 12 de Janeiro de 1759 a exaltarem a innocencia de Malagrida, como de todos os cumplices nomeados, revisão essa divulgada immediatamente em Lisbôa aos 8 de Abril de 1781 e posteriormente em toda a Europa.

Pelo que se espera é tão somente pela ultimação do decreto regio com as consequencias necessarias, mas esse, já não se pode dizer que completamente falta a Malagrida e seus confrades João Alexandre e João Mattos, porque a rainha gloriosamente reinante (antes de incumbir os occupados no exame da sentença de 12 de Janeiro de 1759 a revisão do processo de 10 de Outubro) num decreto á condessa de Atoguia de 1 de Julho de 1780, anulla a sentença, proclama a innocencia dos suppostos implicados na conjuração e affirma haver sido provada cabalmente a innocencia absoluta da viuva condessa de Atouguia.

Constituindo gesto tão nobre a refutação manifesta do § 10 da sentença de 12 de Janeiro, suspira-se unicamente pelo decreto regio definitivo declarando a inculpabilidade de Malagrida e companheiros.

O padre que até o derradeiro instante de sua prisão conservou a consideração geral, a par da fama de missionario competente, instruido, exemplar, escreve (segundo o processo), no fundo do carcere, obras onde se acotovelam absurdos, tolices, erros, tece-as como preso de Estado em severa reclusão, gravando nas paginas famosas estulticias com o intuito de conquistar veneração de santo e attrahir sobre a sua Ordem o fulgor primitivo. Quem pode prestar ainda um pouco de fé ao ver como um homem, exhibido no processo como santarrão da mais requintada malicia, anda justamente a representar papel totalmente diverso, não se mostrando nos escriptos e fala senão como doudo, soberbo, ousado,sonhador, visionario,

malcriado,blasphemo, herege e — feiticeiro, porque não? Em sciencias e virtudes collocava-se acima de todos; negava a unidade de essencia em Deus, honrava a Nossa Senhora com attributos divinos, etc.

E' possivel que alguem, não destituido completamente do juizo fale assim contra os delictos assacados, assim se justifique em face do tribunal? E a supposta defeza de Malagrida? Lembremo-nos da narração atafulhada de dislates, ornada da desavença entre a Santissima Trindade, da chocarrice de S. Gabriel, bufando, extenuado pelo trabalho de levantar do chão a Maria Santissima, cahida em desmaio após a nova de dever, custasse o que custasse, acceitar a maternidade de Christo, etc.

O que portanto dava ao processo um brilho de probidade era a loucura do ancião devido aos motivos supramencionados.

Mas a esta supposição levantou barreira a attitude seria, grave, edificante e discreta no Auto da Fé. Conforme uma boa psychologia experimental, devia dar-se precisamente o contrario, pois augmentando os effeitos na proporção directa das causas, e tendo as calamidades do ancião, ás quaes podiam ser attribuidos os transtornos mentaes, subido ao extremo, devia, consequencia natural, crescer a loucura. Ora, provando a evidencia o opposto, todo o resto da questão foi encarado pela côrte como mero romance.

As formulas judiciaes da inquisição sabidas de cór pelo povo que as ouve a miude, faltam na integra. O criminoso profere com frequencia as palavras „ab alto" — de cima — e entretanto nenhum dos muitos que tanto com elle conviveram, que o ouviram nas palestras, sermões, conversas e exercicios espirituaes, se recorda de semelhante phrase. Mais! era Malagrida guapissimo no idioma de Cicero; muitas expressões collocadas nos seus labios pelos julgadores iniquos, atraiçoam a lingua de um miseravel Platel e Mansilha, embora haver o ultimo lido Theologia na cidade do Porto. Querendo dizer v. gr. „sem esperança alguma" ou „principe tão iniquo" não era capaz de expressar-se em latim escorreito, sahindo-se com „praeter totam spem" em vez de „omnem" e „Princeps tam iniquae criminationis" por „adeo criminosus". Bom é notar ainda que os Srs. inquisidores, tendo o processo inventado que Malagrida forjára o tratado da vida e reino do Antichristo em latim, não nos dão a apreciar um trecho do monumento interessante, como o do monje e da freira, o dos paes de Proserpina, furia do inferno e consorte do heroe, para, desta feita, o testemunho do proprio autor nos convencer da verdade. E isso tanto mais que o processo está recheado de texto latino, podendo-se mesmo fazer a aposta de não haver questão judicial em Portugal, anteriormente, tão rica em latinorio.

Pronuncia o sacerdote palavras, porém, quasi todas assim como se não fossem suas, mas ouvidas de outras pessoas ou escriptas por outrem. Tambem isto terá a sua razão. A meu vêr a primeira e mais natural é não sonharem os illustres compiladores de latim corrompido expôr-se ao perigo de com sua pouca latinidade ser descobertos tentando a imitar a fala do linguista versado. Nem um unico facto memoravel vemos retratado com fideliade, mas tudo é falso, modificado ou accomodado ao contar do povo simples. Jorram as narrações da bocca do scelerado, mas como se o honrado ancião não soubesse dos seus proprios feitos mais que a classe commum: signal evidente de não haver sido interrogado a respeito.

No paragrapho 46 diz o sacerdote ter em Camutá, lugarejo do Maranhão, recebido 80 escravos e varios terrenos para fundar uma casa, fundação essa impedida pelo governador. — Alto lá, Carvalho! Nem o governador levantou obstaculo, nem Malagrida obteve escravos, porque o dono dos bens não tinha mesmo criados. Portuguez de nascimento, Nicolau Ribeiro bastante adeantado em annos e enfermo, doou, com o consentimento da esposa, os terrenos, a fim de ser alli erigido um seminario para jovens, sob a condição de caso não ser construido, passarem ao seminario de Pará ou a um outro de „Nossa Senhora das Missões" dirigido por jesuitas. E com effeito! Ainda no mesmo anno, 1748, teve inicio a creação, sendo alguns seminaristas, sob o cuidado do P. Roque Hundertpfund reunidos em certas casas de um ecclesiastico do lugar. Irrompendo, porém, a peste e consumindo respeitavel numero de habitantes, resolveu-se mandal-os, por esta vez, a suas familias. Ouvindo-o e fallecendo a mulher, Ribeiro revogou a doação. Eis porque fechou-se para sempre o seminario de Camutá. Todo o mais é inverdade para fazer acreditar que a abertura nascera na cubiça dos religiosos, reveberada em outros exemplos do processo.

Aos 20 de Setembro os juizes procederam ao Auto da Fé na egreja dos dominicanos em Lisbôa, onde se levantava grande cadafalso, sendo Malagrida fulminado com a excommunhão e condemnado ás penas marcadas pelas leis aos hereges.

„Por isso mandamos que segundo a disposição dos sagrados canones seja degradado das santas ordens e com a mordaça, barrete e taboleta de heresiarcha e entregue seja ao braço secular, ao qual pedimos com instancia queira tratal-o benigna e indulgentemente, e não punil-o com a morte ou derramamento de sangue."

Quanto ás ultimas palavras, sabemos que não passavam de phrases ôcas, sem sentido.

Em seguida o tribunal deu a sentença:

Tendo nós visto o julgamento dos inquisidores, do Ordinario e deputados do Santo Officio, e verificado que Malagrida, outrora sacerdote da assim chamada Companhia de Jesus, foi como herege da nossa santa fé entregue á justiça secular, após publica e legal degradação, e tendo nós examinado o que o direito e as prescripções ordenam em taes casos, determinamos seja com baraço conduzido publicamente pelo carrasco atravez das ruas desta cidade até á praça do Rocio, ahi garrotado e, quando morto, reduzido a cinza, para delle e da sua sepultura não remanescer memoria.

Lisboa, 20 de Setembro de 1761.

Gama, Castro, Lemos,
Xavier da Silva, Geraldes, Seabra,
Carvalho, Silva Freire."

Consta que o ministro, antes do solemne Auto esteve sempre na casa da inquisição e os inquisidores repetidas vezes no palacio de Sebastião, que este passou a noite precedente ao dia momentoso no estabelecimento, quiz por força assistir ás ceremonias e deu ordens para o preparo da cremação do cadaver do condemnado, razão porque o franciscano P. Bernardo, um dos 52 suppostos culpados, lançou aos julgadores em rosto a falta de liberdade do tribunal.

Tudo isto serve de confirmação da vontade inquebrantavel de sacrificar a victima, e da cobardia dos membros em resistir ao despota.

O monarca, cegado por Carvalho achava-se durante a solemnidade sobre uma especie de estrado, e a fim de neste quadro lugubre surgir um raio mais vivo dos talentos carvalhanicos, mandou o ministro, por intermedio dos benedictinos João Baptista de São Caetano, Procurador Geral (que approvou o celebre livro do P. Antonio Pereira de Figueredo sobre o Direito dos Metropolitanos sobre os seus bispos) e do P. Francisco a S. Bento, que o acompanharam á morte, significarem-lhe, pedisse em voz alta e clara a El-rei e ao povo reunido perdão dos seus excessos e escandalos.

Ordenou-o, incitado por malicia e tencionando sujeitar a nova prova a paciencia e firmeza da victima já quasi exhausta e justificar seu proceder ou para degradação de Malagrida, caso, como esperava, a humildade lhe arrancasse um acto de desaggravo, ou para maior vergonha, caso se obstinasse, pois planejára exhibil-o publica e solemnemente como con-

contumaz e impenitente. Malagrida, lançado pelas insinuações de maus consoladores numa situação, em que cada accusado menos innocente, de espirito menos fortalecido, não saberia como se haver accendeu-se de subito, qual lampada agonizante alimentada por oleo vivificador, e com esforço supremo pronunciou em presença de immensa massa de povo as palavras memoraveis:

„Não sei se jamais offendi de leve a Sua Majestade, El-rei Fidelissimo. Mas se o magoei ou a qualquer outro, peço a todos humildemente perdão." Que fez o tyranno? — Interpretou-as por uma negação formal das injurias perpetradas, convenceu disto ao potentado credulo e propagou entre o povo a inverdade de ter expirado em impenitencia.

O duque de Cadaval e o conde de Villa Nova que, segundo o costume, eram os padrinhos, acompanharam o reu e o ladearam durante a cerimonia, foram testemunhas de dois interessantes acontecimentos. Adquirira o missionario fama de homem abstinente e mortificado; mas essa aureola concebera apagal-a á força o „matador dos padres." Enviou-lhe um familiar do Santo Officio com um prato de doces (que se remettia aos delinquentes no tempo do Auto e leitura do processo), e para que o sacerdote, não pudesse corroborar os fieis no conceito de mortificação, com uma rejeição, baixou-lhe o ministro uma intimativa formal. Perguntou o familiar enviado se Malagrida estava prompto para cumprir as ordens do santo tribunal, e sendo a resposta um submisso „sim", continuou: „Pois ordena-vos elle comaes deste manjar." Immediatamente o apostolo estende a mão, toma algum pouco e come em conpecto dos numerosos assistentes, profundamente admirados do que viam.

O segundo é este:

No decorrer da funcção assiste aos condemnados o direito de exigir nova audiencia, a fim de confessar o que haviam negado, adduzir outra prova em sua defeza, podendo, desta feita, evitar a pena completamente ou, pelo menos, mitigal-a. O tyranno, atormentado por remorsos e temendo a descoberta da iniquidade, quiz a todo custo, que o incriminado algo objectasse exigindo interrogatorio, como se tivesse alguma cousa de confessar, esclarecer ou corrigir. Tambem aqui serviu ao algoz a obediencia cega dos jesuitas aos superiores. Pela segunda vez alguem vae inquirir se está disposto a sujeitar-se aos mandos da justiça, e sendo affirmativa a resposta, declara-lhe: „Ordena-vos o santo tribunal demandeis uma mesa, i. é, ser apresentado aos juizes." Acquiescendo incontinenti, marchou por meio de um grande theatro, á vista da multidão

estupefacta, e um murmurio secreto passou de bocca em bocca entre os espectadores a verterem lagrimas e supplicarem a Deus pelo condemnado, força divina, para desemaranhar-se com honra da trama, porque ninguem dava fé ao processo. Havendo retrucado a algumas perguntas insignificantes, feitas com intuito de palliar de justiça a acção nefanda, foi conduzido de novo, como viera, a seu lugar. Assim abusou o barbaro da ingenuidade sem exemplo do ancião emerito, falseando simultaneamente as esperanças e votos da turba compadecida.

Lembrando-se da cautela e conselho de Judas „ducite eum caute, ne forte tumultus fieret in populo," prescreveu que no dia marcado um contingente de cerca 5000 soldados, munidos cada qual de oito balas, guarnecesse as entradas de todas as ruas, desde a porta do convento dos dominicanos até a praça do Rocio, palco da tragica execução. A praça mesma, e ainda mais o patibulo, cingiam-nos duas filas de soldados. Facto sem precedente, é verdade; mas havia mister de armas e patrulhas capazes de escorar a affirmação de haver Malagrida perpetrado crime de lesa majestade, arvorando-se em cabeça de um conluio maldito.

Eil-a, a victima! Mãos amarradas, traje ridiculo, esperando a imolação. E chegado o momento inolvidavel de assentarse ao poste, para ser garrotado, ella profere, livre da mordaça, a prece derradeira:

„Deus misericordioso! assisti-me nesta hora e tende compaixão de minha alma! Senhor, em vossas mãos encommendo o meu espirito!"

Consumado o sacrificio, foi queimado o corpo, sendo as cinzas lançadas ao Tejo, aos 20 de Setembro de 1761.[1])

[1]) Do processo e dos apontamentos de contemporaneos conclue-se que 1) Malagrida era innocente e 2) perdia de tempos a tempos os sentidos, em consequencia do doloroso encarceramento, infelicidade compartilhada por outros jesuitas. Cfr. Duhr: Pombal, pgs. 73 ss. Compara outrotanto: Procès Verbal de condamnation de Gabriel Malagrida, Jesuite, par l'Inquisition de Portugal 1762; Anedocta de P. Malagrida, Murr, Journal IV, 294; Schedula, P. Malagrida ad amicos suos Italos l. c. X, 195; Eckart, Commentarium causae contra G. M. agitatae l. c. XIII, 176, cfr. VIII, 185; Litterae P. Fonseca de P. M. l. c. XVI, 54; Litterae P. Hundertpfund de P. M. l. c. XIV, 298. Il buon raziocinio demonstrato in due scritti osiano saggi critico-apologetici sul famoso processo e tragico fine del fu P. G. M., Venezia, 1782; Unparteiische Nachrichten von dem Leben und Tode des P. G. M., Basel, 1784; P. Malagrida und seine Ordensbrüder in Portugal, Katholik, 1853 e 54; Mury: Histoire du P. G. M., Paris 1865; Butiña: Vida del P. G. M., Barcelona 1886; Civiltà Cattolica, Ser. XIII, vol. 9, 1888. — O artigo de Livet publicado na Revue Historique (XVIII,323 s.), L'autodafé du P. Malagrida, não passa de repetições das inverdades de Pombal e copia de uma publica satyra antijesuitica. Não obstante Haebler nas „Relações annuaes da Historia" escreve a

Havendo guerra com a Hespanha, os soldados, terminada a tragedia, occuparam as sahidas da praça e fizeram 160 dos assistentes recrutas.

CAPITULO XIX.

Horrores do carcere[1])

Feliz era a sorte do P. Malagrida relativamente aos soffrimentos e dores dos confrades ainda reclusos nas trevas das masmorras.

Solitaria sobre os alcantis de um rochedo em pleno mar, á foz do Tejo, e distante de Lisboa obra de tres horas, está levantada a fortaleza de S. Julião, centro das miserias dos jesuitas. Nos 28 subterraneos gemiam nada menos de 124 religiosos, dos quaes a quarta parte succumbiu ás provações, outros recuperaram, após dez annos a liberdade perdida, e outros emfim padeceram horrivelmente por quasi dois decennios. Achavam-se entre elles tambem 13 allemães.[2])

Atenhamo-nos ás relações de nossos compatriotas, a fim de formarmos uma pallida idéa da desgraça indescriptivel. As mais pormenorisadas restam-nos do P. Mauricio Thoman, activo outrora varios annos entre os cafres e arrastado para S. Julião:

— „Apezar de dia claro e sereno, accenderam lampadas para guiar-nos ás prisões subterraneas, tenebrosas, recentes e alem disso muito humidas.[3])

respeito (V,3, 230): Livet trata do fim do P. Malagrida, a quem aponta como autor espiritual do attentado aos dias do soberano, mas que foi condemnado pela inquisição como hereje. Traz, em forma de appendice, uma apologia jesuitica do tyrannicidio repleta de cynismo extraordinario e até agora não editada."

Jordão de Freitas. O Marquez de Pombal e o Santo Officio da Inquisição. Lisboa 1916 enumera os Autos da fé que houve no governo pombalino — são 61 e provavelmente a lista não é completa.

[1]) Não tendo apparecido a terceira parte da nossa historia, o editor accrescentou este e o seguinte capitulo.

[2]) Morreram nos calabouços: P. Rutger Hundt (de Olpen), 6 de Abril de 1773 e P. Wolf (da Bohemia) em 1767 com 60 annos idade.

Foram salvos em 1767: o P. João Koffler (de Praga), P. Jacob Graf de Treveris) e Ir. Jacob Müller (de Colonia).

Retidos ficaram: P. Martinho Schwarz (Amberg), P. Mauricio Thoman (Leutkirch), P. João Brewer (Colonia), P. Anselmo Eckart (Moguncia), P. Antonio Meisterburg (Bernkastel), P. José Keiling e Ir. Mathias Piller.

[3]) Novas edições. Um ex-jesuita. Regensburg 1867, pg. 137 s., e Lindau 1869. Edição abreviada nos folhetos da „Germania" Berlim, 1893.

Os carceres do forte de S. Julião achavam-se nos dois lados de larga galeria subterranea. A maioria tem debaixo do tecto e a uma

Esta foi a causa da asthma dolorisissima que me molestou durante quatorze annos. Sentia falta de ar, suor frio corria em abundancia, via-me incapaz de dirigir uma palavra aos camaradas.

Quem poderia descrever a miseria toda por nós suportada pelo espaço dos 18 annos da reclusão nestas tocas? — Careciamos de luz e ar, pois em vez de janellas havia no alto das paredes unicamente uma fenda de quatro dedos de altura por quatro palmos de largura. As portas estavam guarnecidas de duas fechaduras e um ferrolho. A humidade continua, mormente em tempo chuvoso, causava um apodrecimento geral, Dizia a miude o commandante: „Tudo apodrece nestas prisões, só os padres que não apodrecem.“ A's vezes o alagamento dos corredores obrigava os guardas a collocar taboas para chegar a nós. A principio estive em companhia de um outro padre numa repartição tão pequena e estreita que apenas achavamos lugar seguro onde rezar o breviario.

Nosso carcereiro era um militar. O trato nos primeiros annos tocava as raias da deshumanidade e boas palavras quasi não as recebiamos. Quando a deshoras rangiam as grades á entrada das masmorras, temiamos e receiavamos, não sem razão, que alguem de nós marcharia ao encontro da morte. Por ordem do commandante, forneciam-nos a comida os empregados do forte, que só enchiam seu bolso e pouco nos davam. E esse pouco ainda mal preparado, não raro provocava asco.

Chegamos a Portugal atacados do escorbuto, recebendo muitos os ultimos sacramentos. Sem distincção, tambem consideravel numero destes, principalmente estrangeiros, foram internados nos subterraneos.

O auge da infelicidade constituiu-o a privação dos santos sacramentos, do sacrificio, da communhão paschal. Nessa quadra da vida gloriosa de Christo pediamos quasi diariamente quizessem trazer-nos o Pão dos fortes. Afinal recebemos a resposta de já havermos cumprido nossa obrigação com o desejo da desobriga. No mais, largassemos quaesquer espe-

altura inaccessivel aos presos uma janella de dois palmos. Dois nem isso têm. Sempre estão alagados de agua, mesmo na estação mais secca, visto serem banhados pelo mar. Luz e ar só ha quanto penetra da galeria escura pela porta. Padeceram alli, entre outros, jesuitas de que nada mais se ouviu. Em semelhantes covas, a morte salvadora não se terá feito esperar longo tempo. Acabada, porém, a causa dos jesuitas, ninguem tornou lá, excepto, ha pouco, um ou outro condemnado a prisão perpetua, mas que — segundo o commandante do forte declarou ao editor por occasião de uma visita aos escuros recintos — em breve, geralmente, a morte libertava da justiça implacavel.

ranças. Este ponto, porém, soffreu melhoras pelo fim do captiveiro.

A occupação dos jesuitas consistia em trabalho manual. Espectaculo commovente era vêr os anciãos atarefados em concertar a roupa rasgada, meio decomposta. Uns desfiavam algodão para fazer ou melhorar cobertores, outros fiavam meias, toucas e luvas, outros apprendiam linguas: todos tinham seu serviço.

Não obstante, os soffrimentos accometteram tão de rijo um irmão e dois padres, que pelos ultimos dias perderam completamente o juizo, augmentando a dôr dos companheiros.

No dia 9 de Setembro desceu a nós o commandante da fortaleza, acompanhado de um escrivão e auditor. Abertos os compartimentos, todos foram congregados num vasto corredor. Então o auditor, como commissario da côroa, entregou ao escrivão o Breve de Clemente XIV que supprimia a Companhia de Jesus, sendo lida tanto a decisão formidavel do vaticano como uma declaração de el-rei significando-nos que apezar da extincção da Ordem deviamos continuar nos carceres. Assim fulminados, despojaram-nos da libré ecclesiastica gasta, rasgada, tornando os presos mal vestidos ás reclusões. Devido a este feliz acontecimento, conforme diziam, houve em Lisboa, em nosso forte e outras partes solemne „Te Deum" e á noite illuminação das casas. Nós pobres, porém, choravamos, gemiamos. Longo tempo permanecemos desconsolados, sem comer nem beber nem conciliar o somno. Veiu o commandante para consolar-nos, mas baldados os esforços, bateu furioso com os pés e disse que el-rei não queria saber de choros pela extincção da Ordem; que d'ora avante ninguem soluçasse ou aparecesse de olhos chorosos. Na verdade, extranho proceder é esse de prohibir ao filho o prantear a perda da mãe estremecida!

De tudo concluimos não haver esperança de salvação. Estavamos, entretanto, certos da nossa innocencia, e durante os dezoito annos ninguem foi chamado a interrogatorio, omissão da qual se pode tirar a consequencia inconcussa de que os proprios inimigos reconheciam nossa inculpabilidade. E não obstante as calamidades, viviamos tão resignados e tranquillos, pondo mesmo em admiração a guarda do forte."

De maneira semelhante sôa a missiva do P. Lourenço Kaulen, datada de 12 de Dezembro de 1766 e dirigida ao Reitor da Provincia do Baixo Rheno em Colonia.

„Um dos padres doentes, proximo da morte, experimentou a farinha maravilhosamente multiplicada por S. Luiz e sarou incontinenti. Um segundo, estando já ás portas da eternidade, recuperou a saude logo após a administração do

santo viatico.[1]) Este milagre se reitera com tal frequencia que o medico, ao ser chamado, affirma conhecer o remedio para conserval-o em vida: a Eucharistia.[2]) Animados por estes prodigios e fortalecidos pela graça do Senhor, alegramo-nos com os agonizantes e invejamo-lhes a sorte, não tanto porque estão no termo dos padecimentos, mas muito mais porque alcançam a corôa da victoria. Acreditaes? A maioria pede a Deus poder concluir seus dias aqui. Soffremos sempre e gozamos de alegria ininterrupta; falta tudo mas nada afugenta a paz da nossa alma. Nossos Padres de Macao, varios dos quaes soffreram entre os infieis prisão, açoites e outros martyrios, foram arrancados ás missões e transportados para cá, tornando-se companheiros nossos nas provações. E' como se os padecimentos immerecidos nestas masmorras glorificassem a Deus mais que o sacrificio da vida que teriam feito nas terras dos pagãos.[3])

Simultaneamente o P. Przikril,[4]) encerrado no mesmo carcere, relatava ao Provincial da Provincia bohemia, entre outras cousas, o seguinte:

„Quando entrei aqui, servia-me de cama o solo humido e de cabeceira o breviario. Esta formava a commodidade unica na minha fraqueza e impossibilidade de ficar em pé. O pequeno colchão, levado, com licença, de Goa, deixei no navio. Recebi finalmente um pouco de palha, apodrecida em breve tempo e é meu leito, sobre o qual eu durmo descansado. Graças a Deus, Pae de Nosso Senhor, Deus de toda a consolação que nos suavisa as adversidades e deixa experimentar quão doce é soffrer por seu nome santissimo!

Haverá quem ao ouvir estas informações caracterise dura a nossa condição; mas que são os nossos padecimentos em comparação dos suportados em todos os membros pelo apostolo das gentes. Ponderando-os na balança da santidade, envergonho-me de soffrer tão pouco por meu Deus, principalmente ao confrontal-os com os dos primeiros Padres da nossa Com-

[1]) Os enfermos obtinham a santa communhão quando, sob juramento, o medico attestava perigo de vida imminente.

[2]) Em teor quasi identico fala a obra: „De viris illustribus in Castella Veteri S. J. ingressis et in Italia extinctis Bononiae 1797, l. II, pg. 9 sq. Uma carta cita Mury: Histoire de Gabriel Malagrida S. J., Paris, 1865, pg. 236—240.

[3]) Cfr. a carta na integra em Murr: Journal IV, 306. — Anecdotes du ministère de S. J. Carvalho. Varsovie, 1783, pg. 443 ss.

[4]) Prefeito dos estudos no seminario archiepiscopal de Goa, após 7 annos de prisão, voltou, por intercessão da imperatriz Maria Thereza, á Bohemia no anno de 1768. Quando baixou a suppressão da Companhia, era reitor no collegio de Koenigingraetz, onde falleceu a 8 de Janeiro de 1785.

panhia, os de tantos martyres gloriosos e de Nosso Salvador e modelo: Jesus Christo.

Em verdade sentimos uma só pena, mas essa é grande: estamos privados do Pão dos Anjos. Oh meu reverendissimo padre, accreditaes? Unicamente aos moribundos é dado! E nós tambem parecemos mortos! Deus deseja a nossa morte para o mundo, e aqui jazemos em nosso sepulchro. Quem dera estivessemos enterrados com Christo assim que Deus tão somente fosse testemunha de nossos tormentos, sujeição, amor e acceitassemos disponha de nós como sempre lhe prouver!

Nada referi, por emquanto, da minha saude. Vou bem, e posso assegurar que estou plenamente satisfeito nas minhas cadeias, e agradeço a Deus pelas forças concedidas. Nada desejo alem de morrer sobre a cruz de Christo, morrer como elle e cumprir em tudo sua santa vontade. Queira V.ª Rev.ma lembrar-se de nós na santa missa e oração, pois embora estejamos resignados, somos sempre homens fracos e peccadores. Nós mesmos nada podemos fazer e no emtanto gozamos da protecção do Altissimo. Por isso rogue por nós, a fim de sua prece junto ao throno de Deus alcançar a graça de combatermos firmes até a morte como verdadeiros filhos da Companhia de Jesus."[1])

Escriptor de nome affirma a respeito da carta do P. Kaulen, o que tambem vale das outras: „Com effeito, é impossivel imaginar melhor justificação dos jesuitas que a contida nesta epistola; e quem, a despeito dessa paciencia angelica, dessa paz d'alma, dessa resignação mais que humana, ainda teima escorar accusações dos inimigos, attingiu o grau supremo de obtusão e insensibilidade a quanto ha de grande e nobre. Que não ha exaggero na descripção das miserias, prova a circumstancia de terem succumbido nada menos de 88 reclusos."[2])

Uma testemunha ocular imparcial, o embaixador imperial de Lebzeltern que, achando hyperbolicas as revelações, entrou disfarçado nos carceres, pinta suas impressões no despacho de 8 de Abril de 1777. — „Vi pessoalmente as prisões. Limitar-me-ei a esboçar um quadro imperfeito dos medonhos soffrimentos, pois ultrapassam qualquer espectativa que a imaginação poderia conceber, e só a vista já faz gelar o sangue nas veias. Tocas de quatro palmos de quadrado abertas num subterraneo

[1]) Por extenso cfr. nas Anecdotes du ministère de Carvalho, Varsovie 1783, pg. 377,ss; Weld, The Suppression of the Society of Jesus in the Portuguese Dominions. London, 1877, pg. 361 ss.

[2]) Riffel: „A suppressão da Companhia de Jesus." Moguncia, 1848. pg. 95. Nas masmorras de Azeitão pereceram 31, nas de S. Julião 37. Anecdotes pg. 438.

que grandes fachos mal illuminam e em que, no tempo de enchente, a agua sobe a dois palmos de altura, formam a clausura lugubre onde estes desgraçados viveram, de maneira incomprehensivel, 18 annos, com a magra refeição de ½ arratel de pão, 2 onças de carne, um pouco de salada, e como roupa 1 camisa por anno."[1])

Jamais — assevera posteriormente um historiador protestante — jamais houve seculo ou povo, por nós marcado com o ferrete da barbaria, que desse exemplo de deshumanidade semelhante ao governo portuguez no tratamento dos jesuitas."[2])

CAPITULO XX.

Desforra

Com a morte de D. José I occorrida a 20 de Fevereiro de 1777 finalisava a careira do ministro omnipotente, o Marquez de Pombal.

No curto testamento confiado ás mãos do confessor, o soberano pede á sua filha procure a prosperidade temporal e espiritual dos subditos, ame sua mãe e as irmãs, termine a egreja começada pela sua salvação, pague as dividas, cuide dos empregados, liberte os presos de Estado que julgar dignos, e accrescenta: „no tocante aos erros e offensas a mim aos que se tornaram reus, perdoei a todos, para que Deus perdoe a mim os meus peccados."

O primeiro acto da rainha constituiu a abertura das prisões.

Immediatamente sahiram 500 presos, e em poucos dias o total elevou-se a 800. O aspecto dos infelizes, enclausurados, na maioria, por 18 annos, encheu os corações de compaixão das victimas e de odio contra o tyranno, autor de tantos tormentos. Sujos, definhados, mal vestidos, uns fracos, incapazes de soster-se em pé, outros quasi cegados pela escuridão dos calabouços, assemelhavam-se mais a mortos resurgidos das covas que a homens vivos.

O dia 30 de Março annunciou a liberdade aos jesuitas de S. Julião. „A ninguem entretanto", diz o P. Thoman, „era permittido partir antes de provar que tinha uma subsistencia, cousa longo tempo impossivel a muitos portuguezes. Pois a principio a imperante dava unicamente dinheiro de viagem até certo ponto, e só varios annos depois, conforme ouvi, pen-

[1]) Duhr, Pombal, pg. 164. Compara De Alorna: As prisões da Junqueira durante o ministerio do Marquez de Pombal, Lisboa, 1882.
[2]) Schoell: Cours d'Histoire XXXIX, 66.

sionou os jesuitas." Os padres entrados na contingencia de ficarem no forte podiam passear, dizer a santa missa, mas quanto á comida, bebida e cama, essas não melhoraram. Suspensos durante a monarchia, da pregação e confissão, requereram e recuperaram do Cardeal Patriarcha licença de absolver penitentes, e o povo logo affluiu em massas aos carceres, desejoso de ali abrir a consciencia.

Sebastião, a despeito dos esforços de conservar-se no posto , teve de abdicar em começo de Março, sendo-lhe, porém, facultado o recolher-se á sua propriedade em Pombal.

A coroação da nova soberana revestiu-se de esplendor insolito aos 13 de Maio, e nesta occasião Francisco Coelho da Silva, juiz do supremo tribunal, no afamado discurso proferido em nome da nação inteira, estigmatisou as barbaridades da tyrannia passada:

„Ainda jorra o sangue das chagas abertas no coração de Portugal pelo despota de cujo poder acabamos de ser libertados. Inimigo jurado da humanidade, da religião, da liberdade, do merito e da virtude, encheu as prisões e fortalezas com a flôr do reino; destruiu o bem commum; apagou toda a consideração episcopal e pontificia; extinguiu a nobreza, depravou os costumes, inverteu o direito e governou o Estado com sceptro de ferro na forma mais illegal e arbitraria."

A oração pronunciada na praça do mercado em presença da rainha, dos embaixadores e do povo, foi impressa por ordem do throno.[1])

As victimas do despotismo exigiram do novo governo revisão do processo. Os jesuitas, por sua vez, recorreram a el-rei D. Pedro, supplicando quizesse collocar aos pés de Sua Majestade o Memorial a elle entregue pelo ex-jesuita Oliveira, contendo 13 perguntas dirigidas a Carvalho.[2])

Nesta petição á mais alta dignidade da nação, lêmos entre outras: „Apezar da mais perfeita innocencia (dos religiosos), um furor cego e odio inaudito alcançou que por fim cahissem, e ainda gemem sob pressão tyrannica, sem que, por via judicial, a innocencia consiga dispersar a nuvem que os incriminou e rehaver a fama espesinhada. A maioria dos mesmos ainda vive, comquanto o conjuncto dos perecidos na vergonha e amargura de uma vida miseravel monta a 700. Nenhum teve, por emquanto, accesso ao solio, nem a graça de beijar a mão de quem presentemente rege os destinos do paiz; e é precisamente esta a maior infelicidade. Ousam, pois, agora apresentar a Vossa Majestade que tudo quanto contra elles foi emprehen-

1) Jagemann, Vida de Pombal 1, V.

2) Em latim no Jornal de Murr X, 148 ss. Cfr. Jagemann, Vida de Pombal, II, 231.

dido tanto no reino como nas possessões não só é destituido de verdade, mas mesmo de probabilidade, sem fundamento e o que mais para admirar é não haver sido interrogado nenhum dos suppostos criminosos, nem tratado com a attenção necessaria assumpto de tão alta importancia."

Em seguida exoraram quizesse ouvir o marquez sobre os pontos abaixo enumerados:

1. Porque, em opposição aos direitos divinos e humanos, não foi examinado nenhum jesuita sobre os crimes horrendos?

2. Como poude escrever á côrte romana, accusando-os de cabeças do levantamento do Porto, visto os proprios commissarios de el-rei, após investigação apurada no lugar devido, haverem confessado a inutilidade de descobrir a minima prova?

3. Como poude affirmar que por suas intrigas tinham introduzido discordias no seio da familia real, na côrte inteira?

4. Como prova que andavam mettidos a especulações mercantis? como poude induzir Saldanha a vituperal-os, num escripto, de negociantes e cambistas?

5. Qual a razão de levar com ameaças o Cardeal Patriarcha ao proceder illegal de suspendel-os todos da confissão, pregação, etc., etc.?

6. Porque guindou o tribunal da Inconfidencia a tres jesuitas em chefes da conspiração, sem ouvil-os, sem cotejar-lhes as declarações, sem encarceral-os a não ser depois de proferida a sentença e poucas horas antes da publicação da mesma?[1])

7. Porque, nove annos mais tarde, se extendeu a cumplicidade a mais tres religiosos, attento o facto de nem serem mencionados na sentença, nem pedidas informações nem encaminhado processo contra elles?

8. Como demonstra que o duque de Aveiro e os da Companhia se visitavam a miude e de modo suspeito? Quão falsa é essa asserção pode testemunhar a circumvisinhança e quem entrava ou sahia das residencias de ambas as partes. Demais, impossivel é saber a materia das suppostas conferencias secretas, pois nenhum jesuita foi interrogado.

9. Inadmissivel é que Aveiro ou alguem do seu partido houvesse dito que de noite conferenciava no collegio de Santo Antão com o P. Timotheo Oliveira, pois é universalmente sabido que o sacerdote, desde a demissão da côrte, sempre morou na Casa Professa de S. Roque e nunca pisou no estabelecimento mencionado. Inventadas são egualmente as

[1]) Os numeros 6—12 apontam muito bem, diz Olfers (pg. 310, ss.) os fracos da sentença quanto aos jesuitas.

visitas do duque feitas na Casa Professa ao P. José residente no collegio de Santo Antão.

10. Porque recolheu o marquez em asquerosas masmorras e tratou com tanta crueldade a tão grande numero de jesuitas, muitos dos quaes vindos da Asia, Africa, America, em parte subditos de outros potentados faltos de conhecimento de quanto se desenrolava em Portugal?

11. Porque não registra o processo a retracção do duque de Aveiro, apezar de o desgraçado affirmar até o fim ser falsa a confissão arrancada pelo medo do cavallete em prejuizo seu, dos parentes e religiosos?

12. Como defenderá a mudança de ideas attribuida aos padres na sentença e deducção chronologica, com o intuito de envolvel-os na conjuração? Num ponto, diz, tratavam de empurrar o duque ao timão do governo, e em outro, resolviam collocar o fundamento da monarchia jesuitica. Aqui suspiravam pelas nupcias de nossa rainha, então princeza do Brasil, ali as impediram a ponto de esconderem no collegio de Santo Antão a dispensa recebida de Roma por D. João V e confiada, a par de muitas outras cartas, ao P. Carboni, facto bem claro a D. José.

13. Qual a causa de um odio tão formidavel da Companhia, que jamais o magoou, qual a paixão que o arrastou a uma perseguição tão injusta, a empregar toda a força tyrannica, atalhar as vias de justificação e graça de el-rei, fechar com ameaças terriveis a bocca dos intercessores, cobril-os, em fim, de calumnias horrendas esparsas em acervos de escriptos publicados em nome de Sua Majestade?

A 28 de Novembro de 1870 noticiava o embaixador imperial que os rogos da Ordem encontraram acolhimento muito benigno da parte do monarca. „Ignoram-se, no emtanto as decisões futuras da rainha a respeito, e como me parece, não precederá á revisão do processo dos Tavoras." Mas infelizmente um despacho de 11 de Setembro do anno immediato refere: „Creio que os passos dos ex-jesuitas serão infructiferos, não obstante a esperança infiltrada por el-rei e a boa vontade dos que o rodeiam e isto em quanto os gabinetes da França e Hespanha, tão proximos, estiverem de guarda."

Mais um motivo contra a rehabilitação dos jesuitas constituia o confisco dos bens em parte já dados a outrem, pois um decreto publico de 25 de Fevereiro de 1761 os apprehendera,[1]) sendo mais tarde distribuidos entre a nobreza uma porção dos immoveis.[2])

[1]) Kail, aos 10 de Março de 1761: O decreto está annexo.

[2]) Conde de Welsberg, aos 9 de Setembro de 1766.

Por estas e outras razões nunca appareceu uma solemne declaração judicial a favor dos filhos de Santo Ignacio; achava-se todavia incluida indirectamente no decreto regio de 16 de Agosto de 1781, condemnação do ministro. O mesmo reza:[1])

„Tendo prescripto ao marquez abandonasse a minha capital e se retirasse á sua propriedade em Pombal, não acreditei que após semelhante acto de clemencia ousasse, por occasião de um processo civil, vulgarisar uma defeza da sua gerencia, acerca da qual, no decreto regio [2]) de 3 de Setembro de 1779 externei meu maior desagrado. Sujeitando-o a uma audiencia sobre os pontos principaes da accusação, esteve tão longe de livrar-se das culpas imputadas que as replicas em varios interrogatorios revelaram seus crimes numa luz ainda mais clara e detestavel. Examinado tudo isso pela commissão dos ministros, esta conveiu em que era reu e merecia um castigo exemplar. Considerando, porém, suas graves enfermidades e edade alquebrada, julguei melhor remittir-lhe as penas corporaes e conceder-lhe graça, principalmente porque pediu perdão, detestando os delictos perpetrados. Intimei-lhe se conservasse apartado de Lisboa 20 milhas pelo menos, até novas ordens. Ao mesmo tempo deixo em pé, illimitados todos os direitos da minha corôa e governo, e podem os subditos attingidos por injustiça do marquez empregar seus direitos não só para recuperação dos bens perdidos, como tambem para satisfacção das iniquidades, perdas e interesses em que foram prejudicados pelo marquez. Pois é nossa vontade real applicar-lhe somente as penas merecidas, sem por isso, pôr restricções ás pessoas offendidas ou a meu thesouro, de sorte que todos e mormente o regio Procurador, terão liberdade plena de dar os passos idoneos contra a casa do exonerado, tanto em vida, como depois de morto."

Poucos dias após a publicação do documento, o filho do estadista exprimia á reinante o mais profundo agradecimento pela compaixão mostrada poupando a seu progenitor. Decorridos nove mezes, Carvalho expirou no castello de Pombal. Seu filho pediu permissão de transladar o corpo a Lisboa, mas o conde de Villanova de Cervera, successor immediato de Sebastião na Secretaria do Estado respondeu-lhe nos termos seguintes: „Sua sentença pronunciou-a vosso pae em pessoa quando, ainda vivo, negou-me a licença de transportar os restos

[1]) O decreto em portuguez e francez acompanha o despacho de Lebzeltern datado de 28 de Agosto de 1781. Texto portuguez vide em Murr, Journal X, 190, e Smith, Memoirs II, Ap. p. 387.

[2]) Em portuguez, Murr, Jornal, 9, 329.

mortaes do meu pae fallecido na prisão, sem saber o motivo do encerramento. Allegava não ser permittido trazer cá, afim de receber inhumação, ao infeliz que, fóra da capital, morria na desgraça do soberano. Este foi o modo de vêr do marquez, vosso pae, e é o meu no concernente ao pedido que me fazeis."

Sobre os despojos do defuncto versa uma carta do P. Delvaux, nomeado Superior por ensejo da revocação dos jesuitas á patria: „No anno de 1832 — relata — prouve a el-rei conferir-nos a direcção dos estudos preparatorios na universidade de Coimbra. Dirigimo-nos para lá em Fevereiro. Pombal, onde morreu o Marquez, está no caminho. Seu corpo insepulto ainda jaz num canto de uma capella da egreja dos franciscanos.[1]) Elle mesmo escolhera seu sepuchro no seu condado de Oeyras. Mas oppôz-se a côrte ou o ministro; mais tarde referiram-me como ficaram sem resultado as reiteradas tentativas da numerosa familia tendentes a sepultal-o em Oeyras. A primeira difficuldade consiste naturalmente nos sentimentos pessoaes do ministro, mas o resto só uma disposição especial da Divina Providencia o explica.

Vi com meus proprios olhos o caixão encoberto por uma mortalha. O guardião P. Candido conduziu-me á capella e descreveu como os francezes, durante a invasão, arrombaram o esquife, apoderando-se das riquezas, pois segundo o costume o caixão continha todas as condecorações e outros adornos valiosos. Os invasores dispersaram os membros ou, conforme alguns informam, os queimaram. Acham-se, portanto, actualmente no novo repositorio de chumbo exclusivamente restos de membros e cinzas que os franciscanos, voltando ao mosteiro, recolheram e tornaram a guardar... Não sei traduzir os sentimentos experimentados quando offereci o sacrificio de expiação pelo descanso da alma de Sebastião Carvalho, Marquez de Pombal „corpore presente". Cincoenta annos haviam passado durante os quaes lá, á beira da estrada esperava pelo retorno da Ordem tão cruelmente vexada, mas cujo regresso elle mesmo predissera."[2])

A Companhia voltava e a seu modo vingava-se de um dos seus perseguidores mais encarniçados.

---

[1]) Em 1838 refere de Olfers: „O caixão exposto ainda espera no canto da egreja de Pombal por um jazigo melhor."
Sobre o attentado a el-rei D. José de Portugal, pg. 41.

[2]) Lamache, Histoire, pg. 92 s. Cfr. A. Weld, The Suppression, pg. 383. Laacher Stimmen, 4, 409.

Indice e tabella das materias

Pag.

Prologo 7

1. Capitulo. Artimanhas politicas 13

Sobe José I ao throno e eleva Carvalho a Secretario de Estado, pag. 13. Seus esforços para dominar o rei, pag. 15. Despachos de Starhemberg, pag. 17.

2. Capitulo. Incitamentos contra os jesuitas 19

Edicto, declarando attentado contra o ministro crime de lesa majestade, pag. 19. O ministro edifica carceres e executa o edicto, pag. 20. Faz suspeitos os jesuitas junto ao rei, pag. 21. Nomeia a Almada embaixador em Roma, pag. 22. A companhia mercantil do Maranhão, pag. 23. Expulsão dos PP. Balester e Bento Fonseca de Lisboa, pag. 24. Os jesuitas e o terremoto, pag. 25. Os jesuitas no Maranhão, pag. 27.

3. Capitulo. Affastamento dos jesuitas da côrte 32

Outros jsuitas suspeitos, pag. 32. P. Malagrida, pag. 33. Quéda de D. Diogo de Mendonça, pag. 34. P. João Henriques, Provincial dos jesuitas, pag. 36. Novos decretos, são despedidos os jesuitas moradores na côrte, pag. 38. O Provincial não consegue audiencia com o rei, pag. 39. Opinião publica sobre o procedimento contra os jesuitas, pag. 40.

4. Capitulo. Republica dos jesuitos no Paraguay 42

Carta do Geral ao rei, pag. 42. O ministro manda a „Relação abbreviada", pag. 44. Conteudo, pag. 45. Silencio dos jesuitas, pag. 47. Opinião dos contemporaneos sobre os escriptos, pag. 48. Chegada dos officiaes que estiveram na expedição do Paraguay, pag. 50.

5. Capitulo. Novos desterros 51

Conversa de Pombal com o Provincial sobre a Relação pag. 52. Desterro dos PP. Bento Fonseca e Paulo Ferreira, pag. 52. Verdadeiras causas destes desterros, pag. 53. Governo do irmão do ministro no Maranhão, pag. 54. Noticias sobre os missionarios allemães banidos do Maranhão, pag. 56.

6. Capitulo. Visitação do Cardeal Saldanha 58

Boatos em Portugal, pag. 58. E' annunciada a visitação aos jesuitas, pag. 59. Caracter de Saldanha, pag. 60. Observações sobre o Breve da visitação, pag. 61. Carta do Papa ao Visitador, pag. 64. Contradictorio proceder de Saldanha, pag. 67.

Pag.

7. Capitulo. Suspensão dos Jesuitas 69

Saldanha suspende os padres da Companhia da confissão e pregação, pag. 69 Consequencia da medida, pag. 70. Novo pamphleto, pag. 71. Banimento do P. Torres, pag. 72. PP. Manuel de Andrada e José Caturra chegam presos a Lisboa, pag. 74. Saldanha fica Patriarcha, pag. 75. Faz a segunda visita á casa professa, pag. 76. Novas queixas de Pombal, pag. 77. Procura descontentes entre os jesuitas, pag. 78. P. Diogo de Camara, pag. 80. O bispo de Miranda suspende os jesuitas na sua diocese, pag. 81.

8. Capitulo. Funesto attentado 84

Boatos, pag. 84. A regencia é dada á rainha, pag. 87. Novos boatos sobre a doença do rei, pag. 88.

9. Capitulo. Encarceramentos 89

Medidas contra os jesuitas, pag. 89. Decreto real sobre o a attentado, pag. 90. Os membros da casa dos Tavoras e do duque d'Aveiro são presos, pag. 90. As casas dos jesuitas em Lisboa são guardadas por forças, pag. 93, e são revistadas, pag. 94. O tribunal para o julgamento dos assassinos do rei, pag. 96. Prisão de dez jesuitas, pag. 98. O julgamento, pag. 99.

10. Capitulo. A Horrenda scena de 13 de Janeiro de 1759..... 100

Publicação da sentença de morte, pag. 100. Execução, pag. 100. Crueldade de Pombal, pag. 102. Ligeireza na execução da sentença, pga. 104.

11. Capitulo. Mentiras e contradicções da sentença..... 108

Acolhimento da sentença, pag. 108. Primeira mentira, pag. 109. O duque d'Aveiro, pag. 110. A marqueza de Tavora, pag. 111. A conjuração, pag. 112. Entrevista dos conjurados depois do crime, pag. 116. A sentença de morte um trama de fabulas, pag. 118.

12. Capitulo. Erros impios dos jesuitas..... 119

Interdicção dos jesuitas, pag. 119. Outros encarceramentos, pag. 120. Guarda a todos os jesuitas dos dominios portuguezes, pag. 121. Injustiça da ordenação, pag. 123. Os bispos se precavem dos jesuitas, pag. 124. Cartas pastoraes, pag. 126. Novo pamphleto, pag. 127. Contradicções do mesmo, pag. 128.

13. Capitulo. Sequestro e venda dos bens dos jesuitas..... 130

Execução do decreto de 19 de Janeiro, pag. 130. No noviciado de Arroya, pag. 131. No seminario irlandez, pag. 132. No collegio de S. Fr. Xavier, pag. 133. No hospicio de S. Fr. de Borgia, pag. 133. Encarceramentos, pag. 135. Cavações de thesouros, pag. 136. A casa professa, pag. 137. O collegio de Santo Antão, pag. 139. Medidas de segurança, para a execução do decreto, pag. 140. Proceder dos jesuitas, pag. 142. Determinação da sorte dos jesuitas, pag. 143. Novas calumnias contra a Ordem, pag. 144. Carvalho fica Conde de Oeyras, pag. 147. Despachos de Khevenhüller, pag. 148.

Pag.

14. Capitulo. Transportes de jesuitas para a Italia 150

Resolução de Carvalho de mandar os professos para o Estado pontificio, pag. 150. O Cardeal deve ajudar para mover aos jovens membros a sahir da Ordem, pag. 151. 1.° transporte, pag. 152. Viagem, pag. 154. Publicação do edicto de banimento, pag. 156. 2.° transporte, pag. 157. Padecimentos na viagem, pag. 159.

15. Capitulo. Heroica fidelidade na vocação 160

Tentativa de Carvalho para os jovens abandonarem sua vocação, pag. 160. Ameaças, pag. 162. Resolve-se o ministro mandal-os tambem ao exilio, pag. 163. A viagem até o embarque, pag. 164. Novas tentativas, pag. 165. Navegação, pag. 167. 4.° transporte, pag. 169.

16. Capitulo. Destruição das Missões 170

Extrangeiros nas missões, pag. 170. Mazagan, pag. 171. Nas ilhas, pag. 172. Viagem a Lisboa, pag. 173. Os portuguezes entre elles são enviados á Italia, pag. 176. Os jesuitas do Brasil e Maranhão, pag. 178. Crueldade na viagem até Lisboa, pag. 179. Os jesuitas de Goa, pag. 180. Piratas, pag. 180.

17. Capitulo. Intrigas portuguezas em Roma 181

Novos terremotos, pag. 181. Proceder do embaixador portuguez em Roma, pag. 182. Carta do papa ao rei, pag. 183. As cartas capturadas e entregues a Carvalho, pag. 184. Os jesuitas são desnaturalisados, pag. 184. Novas reclamações da côrte em Roma, pag. 186. Resposta do papa, pag. 187. Resignação do arcebispo da Bahia, pag. 188. O Nuncio banido de Lisboa, pag. 189. Actividade de Almada, pag. 191. Seu banimento de Roma, pag. 194. Exame das queixas da côrte portugueza contra Roma, pag. 195.

18. Capitulo. A inquisição 197

Curto resumo da vida do P. Malagrida, pag. 197. Seu escripto sobre o terremoto, pag. 198. Platel ao serviço de Pombal pag. 199. O processo de Malagrida, pag. 200. Extractos das obras a elle imputadas, pag. 202. O tribunal da inquisição, pag. 204. Execução da sentença, pag. 208. Medidas de prevenção, pag. 210.

19. Capitulo. Horrores do Carcere 212

No fortim de S. Julião, pag. 212. Relação do P. Mauricio Thoman, pag. 213. Occupações dos jesuitas, pag. 214. Annunciação da suppressão da Companhia, pag. 214. Noticias do P. Przikril, pag. 215. Lebzeltern como testemunha ocular, pag. 216.

20. Capitulo. Desforra 217

Testamento de José I, pag. 217. Coroação de Maria, pag. 218. Memorial dos jesuitas, pag. 219. Relação do ministro imperial, pag. 220. Pombal condemnado, pag. 2221. Os jesuitas e os restos mortaes de Pombal, pag. 222.

Indice 223

Invasão Paraguaya

na Fronteira do Rio Grande do Sul

Pelo Conego João Pedro Gay

(Continuação)

Capitulo III

Entrada do inimigo em S. Borja a 12 de Junho. — Saque da mesma villa. — Retirada dos Paraguayos de S. Borja.

Como temos visto, uma parte do exercito inimigo effectuou com muita velocidade sua passagem no rio Uruguay no dia 10 de Junho. A's 8 horas da manhã as columnas de seu exercito descião de S. Thomé. As 9 horas lançavão suas canoas no rio e embarcavão, e ainda não erão 11 horas quando uma força sua respeitavel se achava desembarcada sobre o territorio brasileiro a meia legoa de S. Borja. Sem o opportuno apparecimento do 1.º de voluntarios da patria, antes do meio dia, o inimigo teria entrado na villa.

Já conhecemos a perturbação e precipitação com que seus habitantes fugirão, levando comsigo quasi unicamente a roupa do corpo. É bem que o inimigo tomasse a deliberação de não entrar na villa senão depois de ter todo o seu exercito passado o rio Uruguay, estas *disposições* eram ignoradas dos emigrantes, que assim não se podião animar a regressar a S. Borja, que suppunhão já estar em poder dos Paraguayos, em procura de dinheiro e de outros objectos que era facil de carregar, e que muitos esquecerão ou não puderão levar por causa da perturbação e precepitação da sua retirada.

Até ficarão algumas carretas na porta de certas casas, como na do Sr. major Vasco José Guimarães, carregadas e promptas para marchar, porque os peões que tinhão ido, assás perto, em procura de bois, não ousarão mais penetrar na villa. Alem disso o regresso de qualquer pessoa a S. Borja e aos seus arrabaldes era mui perigoso, porque, posto que o inimigo não

tivesse entrado na villa, suas forças occupavão toda a frente do norte de S. Borja, e tinha elle tambem collocado esquadrões na frente de leste e de oeste sobre as cochilhas que descobrião toda a frente do sul, pela qual unicamente e por terrenos *baixos* se podia entrar em S. Borja, e qualquer que se atrevesse a se aproximar seria logo cercado e aprisionado pelos soldados de cavallaria desses esquadrões, que naquelle tempo aprisionarão o indio cabo Mariano e sua familia, a perto de meia legua S. O. de S. Borja.

Como temos visto, no dia 10 de Junho os Paraguayos passarão a este lado do rio Uruguay uns quatro mil homens de infantaria, algumas peças de artilharia, e tambem cavallaria. No dia 11 passarão o resto de sua infantaria, e no dia 12 passarão sua cavallaria, suas carretas, suas munições de guerra, etc. O exercito invasor é geralmente calculado em dez mil homens de todas as armas, se bem que não se saiba ainda então ao certo seu numero.[1]) Dizem que do outro lado do Paraguay, em S. Thomé, ficarão como dous mil homens.[2])

Os chefes do exercito paraguayo determinarão fazer sua entrada em S. Borja no dia 12 de Junho. Em consequencia naquelle dia mandarão um capitão e dous tenentes cada um com um piquete de lanceiros penetrar na villa por ruas differentes, afim de registrar o que havia nella. O capitão entrou por uma rua que tem a sahida a oéste. Um tenente entrou por uma rua do lado léste, e o outro por uma rua que vinha do norte.[3])

---

1) O exercito paraguayo sob o commando de Estigarribia era constituido pelos 14, 15, 16, 17, 26, 28, 31, 32 e 33 Batalhões d'Infantaria, com um effectivo de 7200 homens; pelos 24, 26, 27, 28, 33 e 34 Regimentos de Cavallaria, com um total de 3000 combatentes; um batalhão de artilharia de 120 praças, com 6 peças de calibre 3 e 5 e um obuz de 10; um corpo denominado *Vogabantes*, que conduzia o trem de pontes, constante de 30 canoas sobre rodas; um comboio de munições e um comboio de viveres e equipagens, onde eram conduzidos os instrumentos de sapa.

A esse exercito se incorporarão durante sua marcha sobre o Uruguay cerca de 2200 combatentes, que o elevou a um effectivo de 12.5000 homens.

Entre os corpos incorporados se achava um de cavallaria auxiliar, composto de argentinos e orientaes, sob o commando do coronel Blanco y Orrego, que á frente de 60 homens se salvou heroicamente na batalha de Iatay e regressou ao Paraguay. Tempos depois enloqueceu e nesse estado falleceu em Humaytá.

2) Aproximadamente 3200, sob o commando do major Pedro Duarte, que devia seguir á linha do Uruguay paralellamente com a columna de Estigarribia, com quem era obrigado manter ligação.

3) São Borja tinha então somente 11 ruas, sendo 7 na direcção de norte para sul e que eram, a partir de oeste: Rua do Uruguay, actual Riachuelo; São João, actual General Marques; 25 de Março, actual Candido Falcão; S. Pedro, actual Felix da Cunha; Formosa, actual

Os tres officiaes com seus competentes piquetes, se reunirão no centro da praça matriz,[1]) onde conversarão *baixinho* durante alguns minutos.

Dahi se dirigirão todos juntos á porta da matriz, onde passarão uns instantes, escutando se ouvião algum ruido dentro, e observando attentamente o edificio. Em seguida, sempre juntos, atravessarão a praça e vierão á frente da casa do vigario, collocada do outro lado da praça bem em frente da igreja; observarão toda a casa com muita attenção, chegarão bem perto das janellas para examinar pelas vidraças se podião descobrir o que havia e se passava dentro, e julgando preenchida a sua missão, regressarão todos para seu acampamento a dar parte de suas observações.

Emquanto se esperava pelo regresso destas commissões exploradoras, dizem que os barbaros chefes do exercito inimigo derão ordens a seus sanguinarios soldados de matar todas as creaturas humanas que encontrassem dentro de S. Borja, sem exceptuar crianças, mulheres, velhos e estrangeiros, pondo sem embargo uma excepção a favor das moças que os chefes reservarão para si, e do vigario a quem os mesmos chefes estavão encarregados de infligir o castigo.

Narrão-me alguns moradores antigos de Missões que esta ordem dos chefes do exercito inimigo é conforme aos procedimentos dos sanguinarios Paraguayos e que elles foram testemunhas durante a guerra dos dous Artigas [2]) e outras, onde estiverão soldados paraguayos, nunca estes pouparão a ninguem. Elles esmagavão as crianças contra as pedras, troncos das arvores, e com lanças e com espadas abriam os ventres das mulheres arrancavão as entranhas e ás vezes o feto quando estavão pejadas.

Barão do Triumpho; São Borja, auctual João Manoel; Fresca, actual Andradas. As outras quatro transversaes a essas eram, a partir do norte: Rua do Lago, actual Coronel Lago; Rua do Sol, actual General Osorio; 7 de Setembro, que conserva ainda essa denominação e Rua Matriz, actual Augusto Barbosa.

1) Quando o vice-rei hespanhol Valdelirios, deferiu o requerimento do Superior das Missões pedindo que fosse mandado abrir devassa afim de ser apurado se cabia á Companhia de Jesus a culpabilidade da sublevação dos indios nas Missões Orientaes, o local escolhido para tribunal foi essa praça, que tem actualmente o nome de 15 de Novembro e onde foi armado um pavilhão. Ahi Valdelirios, Ceballos e Viana, interrogaram muitas testemunhas, cujos depoimentos foram tomados por termo. Os indios assumiram inteiramente a responsabilidade da rebellião, dizendo-se os unicos culpados. Em vista dessa attitude o tribunal proferiu sentença absolvendo os jesuitas.

2) Referia-se ao valoroso caudilho José Gervasio Artigas e ao seu pupillo André Artigas.

O que valeu aos moradores que se tinhão deixado ficar até este dia na villa de S. Borja foi a presença no exercito paraguayo de dous irmãos officiaes orientaes filhos de estrangeiros, que escapando de Paysandú tinhão ido se refugiar no exercito paraguayo, onde adquirirão muita sympathia por suas qualidades. Elles não tinhão commando no exercito (assegurão que o despota paraguayo, dseconfiado como todos os tyrannos, não consentiu que nenhum dos officiaes francezes e hespanhoes, que forão instructores de suas tropas, fizesse parte do exercito expedicionario que veio para esta fronteira do Rio Grande do Sul, os fez ficar no Paraguay com soldo como se estivessem no serviço activo); elles vinhão addidos prestando os serviços que podião.

Ao ouvirem a ordem barbara que davão os chefes do exercito paraguayo, aproveitando a licença que se lhes tinha concedido de falar, elles animarão-se a fazer observar que esta ordem não era bôa, que era má, que era inhumana, que sua execução mancharia a reputação do exercito paraguayo e attrahiria grande responsabilidade sobre o supremo governo do Paraguay, pois que em S. Borja devia haver varios estrangeiros, cujos governos pediriam contas ao Paraguay da morte dos seus subditos.

Emfim, que os Brazileiros, apezar de suas más qualidades, não procediam assim, como elles mesmos forão testemunhas, pois que antes de atacar Paysandú os Brazileiros concederão um dia de prazo, sem fazerem fogo, para que se retirassem da cidade as familias e todas as pessôas que o quizessem fazer; e que quando entrarão na praça depois da tomada de Paysandú ainda respeitarão as poucas familias que encontrarão dentro da cidade. Felizmente prevaleceu este parecer. Dizem que estes officiaes eram os Salvagnac.

Antes de entrar em pormenores sobre a entrada do exercito paraguayo na villa de S. Borja, devo fazer conhecer seus chefes; aquelles que tinhão dado uma ordem que talvez não sahisse da bocca do cacique mais cruel dos selvagens Tupis, e que talvez se envergonhasse de dar qualquer dos chefes dos antropophagos negros africanos.

O commandante em chefe apparente do exercito paraguayo invasor é o coronel Antonio de La Cruz Estigarribia, do Partido de Jaguaron, homem de seus quarenta e tantos annos, alto, trigueiro, nem grosso nem delgado de corpo, taciturno, fallando pouco, assás incorrecto para fallar o hespanhol, expressando-se quasi sempre em guarany, e bom militar, muito perito para fazer manobrar as tropas, sendo aliás grosseiro, torpe e devasso, porém menos cruel que o frade de quem vamos fallar.

Póde-se julgar da habilidade e da illustração do coronel Estigarribia, pelo facto seguinte: Entre as prendas do saque de S. Borja achou-se um relogio de algibeira (provavelmente do vigario, que no apuro de sua sahida deixou o relogio em cima de uma mesa), o qual tocou ao nobre coronel. Este durante todo o tempo que esteve em S. Borja não poude aprender a dar-lhe corda, para cuja *difficil operação* chamava sempre um official oriental, como varias pessoas foram testemunhas por diversas vezes. Sem embargo, por alguma correspondencia official que se lhe agarrou em Uruguayana, não parece ser mui destituido, se elle é della o autor.

Este coronel, ou tenente-coronel, é acompanhado por um frade paraguayo, por nome Duarte, ou Santiago Estevão Duarte Lopez, que é o verdadeiro commandante do exercito paraguayo. O frade Duarte é natural do partido de Acaai, onde seu pai, posto que pobre, é juiz de paz e commissionado. O frade é homem de seus trinta e tantos annos, branco, de estatura regular, grosso de corpo, alegre, pouco conversador e mui vivaz. Tem a cabeça e cara mui grandes, a falla mui grossa e mui vagarosa. Dizem que tem muita intelligencia, e muita astucia, e goza de muito prestigio entre seus patricios. E' elle no Paraguay cura de Santo Ignacio-Guassú, a primeira capital das missões jesuiticas do Paraguay, e exerce as funcções de vigario geral sobre todas as parochias destas antigas missões, sendo-lhe subordinado não sómente os curas, como as demais autoridades civis destes partidos. O frade Duarte é homem opulento, porque alem dos ordenados correspondentes ao alto cargo que occupa, possue uma grande estancia na costa de Santa Maria, cerro a quatro leguas do Povo de Santa Maria da Fé, e uma pequena estancia (puesto) em Neembucú, na paragem denominada Lescano-cué. O cura e vigario Duarte é homem de toda confiança do tyranno Lopez, de quem passa por parente e favorito, que o enviou sob o modesto titulo de *Vicario del ejercito* para fazer as vezes de sua pessoa e a quem os officiaes e soldados veneram e obedecem mais do que ao tenente-coronel, que nada pode determinar de per si sem o beneplacito *del Vicario*, que é o verdadeiro commandante em *chefe* do exercito paraguayo.

Todas as pessoas que têm estado em S. Borja e em Itaqui depois do saque destas duas villas, e que depois tenho visto, muitas das quaes me tem visitado no retiro onde escrevo estas linhas, me tem dito: O general do exercito paraguayo que entrou saqueando Itaqui e S. Borja, é um frade que procurou com muito empenho o vigario de S. Borja, para o mandar de mimo ao seu governo. Terei occasião de dar a conhecer varias qualidades deste general de roupeta preta, que sobre o burel

de S. Francisco trazia sempre e ostensivamente um revolver, além da comprida espada que de vez em quando lhe pendia da cintura, e da grande vara que continuamente carregava na mão.

O official *blanco* Pedro Zipitria parece ser encarregado pelo *mariscal* (nome usado no exercito paraguayo para designar seu presidente Lopez), de servir de vaqueano a seu exercito e de o conduzir á republica oriental. Poucas vezes se separa del vicario Duarte e do coronel Estigarribia, de quem é tambem secretario, e tem adquerido sobre elles certa influencia, da qual infelizmente não tem feito grande uso em beneficio dos infelizes. Elle faz um papel vergonhoso por desgraça, e talvez por má inclinação.

Como a commissão investigadora tivesse trazido de São Borja informações agradaveis para o exercito paraguayo *el Vicario,* tendo a seu lado o coronel e o official secretario, acompanhados de ordenanças e de cincoenta e tantos soldados de cavallaria, se puzerão logo em marcha para entrarem na villa.

Era meio dia ou pouco mais. Tinha sido determinado que o saque do dia 12 seria feito unicamente pelo frade Duarte e pelo coronel Estigarribia, devendo a villa ser franqueada aos officiaes e ao exercito sómente no dia seguinte, 13 de Junho, e nos subsequentes. Já estavão preparadas na entrada da villa umas cincoenta carretas para receber os objectos mais preciosos do saque. Posteriormente o saque foi transportado para o Passo de S. Borja. Gastou-se cinco dias em o passar em canoas para o outro lado do rio Uruguay. Do Formigueiro, perto de S. Thomé, o saque de S. Borja foi levado em carretas para o Paraguay. As carretas levavão ao mesmo tempo 250 feridos e doentes. Os moradores que tinhão ficado em S. Borja, anciosos de saber a sorte que os esperava, tremião de medo ao ver passar esta comitiva que se dirigiu sobre a praça da matriz. Nunca em minha vida, disse-me um velho que se achava em S. Borja e que assistiu a varias batalhas, eu tive tanto susto como naquelle dia. Dahi a pouco o frade, o coronel e os demais estavão na frente da casa do vigario de S. Borja, junto da qual chegavão. Emquanto os soldados do piquete tomavão posição para que ninguem pudesse fugir de dentro da casa do vigario, o coronel Estigarribia vendo em frente da casa o basco hespanhol Francisco Zaratéa, que o vigario deixára de caseiro, fez-lhe varias perguntas quasi todas relativamente ao mesmo vigario. Por fim ordenou que abrisse as portas, ao que o Basco contestou que as portas estavão já abertas. Então o Rev.^{mo} frade Duarte aproximou-se da porta do vigario, que empurrou com sua comprida vara, feito o que recolheu-se um

pouco e lançou sua benção sobre a entrada da casa, para a purificar das pisadas dos *perros brazileiros,* como geralmente os Paraguayos se expressavão. Ao depois *el vicario*, seguido do coronel e do seu secretario, penetrarão na casa do vigario de S. Borja.

Em um momento o escriptorio, as commodas e os armarios foram abertos a golpes de machado, sem sequer repararem que as chaves se achavão em todas as fechaduras. Em um instante todos os moveis da casa foram recolhidos. Os livros e papeis foram espalhados sobre as mesas e no chão; os paramentos de igreja, as roupas e os trastes dispersos em toda parte. Entretanto tendo encontrado n'um canto uma barrica de assucar, um sacco de farinha de mandioca e outro de arroz, o frade chamou alguns soldados que se achavão na porta, que para lá levarão o achado, ahi mesmo abrirão a barrica de assucar e o sacco de farinha, que começarão a comer a punhados, emquanto o frade e o coronel revistavão com muito cuidado toda a casa, esperançados de encontrar nella as alfaias preciosas da igreja e as pratas do vigario.

Uma das preciosidades que encontrarão logo, porque o vigario de S. Borja tinha deixado dentro de seu escriptorio, forão alguns numeros da *Tribuna* de Buenos Aires contendo artigos virulentos contra o tyranno Lopez, e algumas das cartas impressas do Sr. D. Pedro de la Pena. Porém, o que mais desagradou aos illustres chefes do exercito foi o achado entre os papeis do vigario, de alguns numeros da *Semana Illustrada* do Rio de Janeiro, contendo retratos do grande Lopez do Paraguay.

Em um estava elle retratado a par de Leandro Gomez, e outro o representava como um tyranno, cujas carnes, lhe cahindo em pedaços, erão devoradas pelas aves de rapina. Estes vis servos do despota paraguayo espumavão de raiva ao contemplar estas caricaturas de seu idolo; sem embargo julgavão que seu soberano Cacique receberia com agrado este mimo, e disserão que hiam immediatamente lhe enviar estes jornaes com os seus interessantes retratos e o mais que continhão.

Seja que o coronel Estigarribia desanimasse no exame dos papeis e dos livros do vigario de S. Borja, de que continuavão a encontrar bahús cheios; seja que S. Ex.ª entendesse pouco disso, elle deixou *al vicario* e ao secretario continuarem o exame, e foi se sentar em cadeira de balanço á porta da entrada da casa. Ahi fez elle chamar o Basco Francisco Zaratéa, e fez-lhe de novo varias questões, já sobre a direcção que havia tomado o padre Gay, vigario de S. Borja, que segundo ordem que elle trazia *del supremo gobierno,* deveria ser por

elle arrestado e enviado prisioneiro á capital do Paraguay; outros dizem que em outra occasião Estigarribia disse que trazia ordem de queimar vivo o padre Gay; já sobre o lugar em que o padre Gay escondêra as alfaias da igreja de S. Borja e as pratarias da casa, já enfim ordenando o Basco de resguardar do fogo a casa onde residia com sua familia, pegada á casa da residencia do vigario, cuja casa elle trazia tambem ordem de queimar depois de saqueada. O Basco lhe respondeu ignorava tanto a direcção que havia tomado o vigario, como o destino que elle déra ás alfaias da igreja e de sua casa; que lhe era impossivel preservar do fogo a casa de sua morada se se incendiasse a casa de residencia do vigario, por estarem contiguas, alem de que, continuou o Basco, tenho alugado todas estas casas em sociedade com varios individuos, um architecto italiano, um francez marcineiro, todos trabalhadores na igreja nova, por cujo motivo o Francez seu socio tinha posto a bandeira franceza no balcão da casa.

Sim, sim, replicou o coronel, a bandeira franceza não deixa de ser linda, é a mais bella que ha depois da bandeira da Republica do Paraguay; mas se este Francez quizesse fazer respeitar sua casa devia ter ficado nella, porque todos os que fogem são inimigos do supremo governo.

Antes que o coronel Estigarribia concluisse sua oração, um soldado lhe trouxe de dentro da casa um grande espelho com quadro e molduras douradas. S. S. mirou-se nelle bastante tempo, penteou-se, alisou o bigode, o que feito atirou com força o espelho contra as lages da calçada.

Dahi a pouco lhe trouxe outro soldado um quadro grande representando D. Pedro I proclamando a independencia do Brazil; o coronel o atirou contra a parede e mandou rasgar a litographia pelo soldado. Do mesmo modo procedeu successivamente com dous quadros contendo um o venerando retrato de nosso primeiro bispo D. Feliciano, e outro do nosso general barão de Porto Alegre.

Durante este tempo *el vicario* tinha revolvido e examinado toda a correspondencia official e particular do padre Gay, tinha revistado seus manuscriptos litterarios, tinha examinado suas collecções de plantas e de objectos de historia natural, e tinha apartado e posto dentro de caixões os objectos, os papeis, os manuscriptos que forão do seu agrado, e que mandou levar para suas carretas. Encontrou um papel que lhe causou grande prazer, pois o foi mostrar ao coronel, dizendo que não daria este papel por 500 patacões (1:000$000).

Para poder melhor fazer o seu exame, o frade Duarte chamou a seu auxilio os soldados que levarão toda a livraria ao meio do pateo da casa, e ahi tambem se espalharão os papeis

que continhão alguns bahús, um dos quaes pertencia ao Sr. tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega, que o tinha deixado em deposito em casa do vigario. E tal foi a busca, o damno e o roubo que se fez, que de mil e tantos volumes que continha a livraria, sómente foram encontrados depois uns dez volumes todos desirmanados e pela mór parte rasgados. Ficarão muitos papeis e muitas cartas espalhadas no chão expostas a intemperie e que se recolherão molhados depois.

Desapparecerão inteiramente os documentos que servirão ao vigario para a composição da Historia da *Republica Jesuitica do Paraguay*, alguns livros e manuscriptos guaranys, todos os trabalhos do vigario sobre esta lingua, como: *Nouvelle grammaire de langue guarany et tupy; Manuel de la conversation en quatre langues, français, portugais, espanhol et guarany; Noveau Tresor de la langue guarany en quatre langues*, ou *Noveau Ditionaire guarany, français, portugais, et espagnol*, obra já muito adeantada.

Não somente todos estes manuscriptos originaes desapparecerão, como ainda sumirão-se dous manuscriptos um em francez e outro em portuguez, promptos para a segunda edição da *Historia da Republica Jesuitica do Paraguay*. Desapparecerão varios manuscriptos litterarios sobre diversos assumptos, mais de duzentos sermões, todos por lettra do mesmo vigario. Desappareceu totalmente uma collecção de pedras e productos esquesitos da natureza, alguns dos quaes estiverão na exposição nacional do Rio de Janeiro em 1861, e um pequenno herbario de plantas das Missões, que o vigario começou a formar em fins de 1862.

Desapparecerão tambem alguns livros da igreja (achou-se folhas do Missal a metade queimadas), livros de cartorio ecclesiastico e alguns livros parochiaes, paramentos e algumas alfaias; porem felizmente os livros e as alfaias de menor volume e mais essenciaes tinhão sido postas em salvaguarda pelo vigario, que os levára com sigo em sua fuga, e que assim até agora escaparão das unhas dos rapaces paraguayos. Nada ficou da correspondencia official.

Quanto ás roupas, utensilios, louças, etc., do vigario de S. Borja, que no dia 12 de Junho escaparão das mãos do frade Duarte, do coronel Estigarribia, do seu secretario e dos soldados que os acompanharão, não se puderão salvar nos dias seguintes das mãos dos soldados do exercito paraguayo que destruiu, inutilisou, rasgou e quebrou tudo o que não poude carregar.

O dia ia declinando; o frade, o coronel e seu secretario formarão conselho no vestibulo da casa do vigario. Ahi fizerão chamar o Basco Francisco; e o frade Duarte lhe perguntou

primeiramente com brandura e depois com ameaças o lugar onde o vigario escondera as prendas ricas que suppunão ter a igreja e a casa do vigario. O pobre homem não poude satisfazer, porque nada sabia.

O coronel prometteu ao Basco de lhe dar a metade das prendas se elle as descobrisse, e o secretario em lingua dos Bascos o exhortou a fazer este descobrimento, porem o homem nada sabia. Assim successiva e separadamente foram chamados a interrogatorio a mulher do Basco, seus filhos e genro, e até doze pessoas, sem poderem descobrir o que desejavam saber. Por fim, não podendo nada conseguir delles, o frade perguntou pelo sachristão da igreja, querendo que este lhe indicasse o que procurava; mas se lhe respondeu que o sachristão tinha ido com o sr. vigario.

Já era tarde, o sol estava entrando; o frade, o coronel e sua comitiva sahirão da casa do vigario, e apenas elles tinhão posto os pés fóra da porta, o frade Duarte com sua vara comprida quebrou varios vidros das janellas da casa. O coronel e os soldados emitarão o seu exemplo, e quebrarão, retirando-se, uma porção de vidros.

Chegados á porta da casa immediata, onde residia a familia do Basco, o coronel o chamou e lhe indicou o signal que elle devia fazer para preservar sua casa do saque de seus soldados. Em seguida quiz que o Basco lhe ensinasse a casa de S. Borja mais bem sortida para principiar o saque por ella.

O Basco, residente em S. Borja de poucos mezes, não sabia que responder, quando, em frente o Allemão delator, de que já falei, este o tirou do embaraço indicando ao coronel a casa de negocio de José Fernandes Braga Junior, contra quem parece que os chefes paraguayos estavão de prevenção, por ser o Sr. Braga Junior agente do correio em S. Borja e ter sido presidente da camara municipal. Para a casa, pois, do Sr. Braga Junior se dirigiu a comitiva. Em um instante as portas foram arrombadas.

O frade lançou sua benção sobre a entrada dellas, e eis a comitiva installada dentro. Porém escurecia e os saqueadores não enxergavão para fazer suas operações. Em consequencia collocarão fortes guardas nas portas do Sr. Braga Junior, e os chefes com o resto da escolta voltarão ao seu acampamento. Como uma hora depois, dous esquadrões penetrarão na villa. Um se postou em frente a casa do Sr. Braga Junior, outro foi se collocar na rua Sete de Setembro, em frente a casa de negocio da viuva D.ª Feliciana Dutra Villa, que os Paraguayos julgarão bem sortida, afim de evitar que ninguem tirasse nada dessas casas, cujo saque era reservado para os officiaes do exercito invasor.

Ao estender-se este esquadrão pela rua Sete de Setembro deu-se um incidente interessante. Ao passar pela frente de uma casa o official que commandava ouviu gritar de dentro della: *Viva a Republica do Paraguay! Viva seu grandissimo presidente e seus irmãos os Inglezes!* Ao ouvir estes grandes gritos o official parou, bateu na porta, que se abriu, apparecendo nella um homem — Usted es Inglez? — lhe perguntou o commandante. — Para servir V. S. — lhe respondeu o homem. Pois bem, não tenha medo, lhe disse o official paraguayo, nos só fazemos a guerra aos *perros* Brazileiros.

E na verdade este Inglez declara que foi muito bem tratado pelos soldados paraguayos, que todos os dias lhe levavão bacias e baldes cheios de vinho, de assucar, etc., se bem que elle tivesse que guardar com muito cuidado estes presentes, para que não lhe fossem roubados pelos mesmos doadores, que em certo dia não só lhe roubarão seu almoço, como a panella em que o estava cozinhando. Comtudo este nobre filho de Albion engordou singularmente durante os dias do saque de S. Borja, e ha quem diga que este Inglez humanitario desejaria que todos os dias fossem dias de saque naquella villa.

Por fim chegado o dia tão desejado pela soldadesca paraguaya, o dia do saque. Quando as tropas paraguayas estavão para sahir do seu paiz, antes de passarem o rio Paraná, o general (uns dizem que foi o mesmo presidente Lopez) se lhes apresentou na frente e lhes dirigio sua arenga, dizendo-lhes que ião para um paiz rico sob todos os respeitos, e que o governo da republica lhes concedia livremente o saque de todas as povoações brazileiras que tomassem; que elles sahião nús, mas que lá havião de se vestir mui bem; que tinhão fome, mas que lá havião de ter comida em abundancia; que estavão pobres, mas que no Brazil havião de enriquecer.[1])

Que incentivo poderoso para estes brutos semi-nús, meio mortos de fome e que nunca receberão cinco reis de soldo?! Por isso elles anciavão pelo primeiro dia do saque tão solemnemente promettido. Este dia foi o dia 13 de Junho de 1865, e victima destes selvagens foi a malfadada villa de S. Borja. O saque fez-se methodicamente. Ao nascer do sol metade do

[1]) O seguinte officio dirigido por Estigarribia a Solano Lopez, confirma o que assevera o autor: „San Borja, 14 Junio de 1865. Viva la República del Paraguay. — Exmo. Señor: Después de haber entregado la población al libre saqueo de los soldados en horas determinadas para cada cuerpo, conforme a las instrucciones que V. E. se sirvió darme, recogi algunos generos que en esta fecha remito al mayor Duarte para que á su vez los envie á Villa Encarnacion, en cuyo punto perfetamente relacionados serán entregues al jefe de la guarnicion. Dios guarde V. E."

exercito paraguayo deixava o seu acampamento, e, como aves de rapina se lançavão dentro da villa.

Ao meio dia estes se recolhião ao acampamento, e a outra metade do exercito ia saquear a villa até ao entrar do sol, hora em que se recolhião todos para o acampamento. Assim procedeu o inimigo ao saque de S. Borja, não só no dia 13 de Junho, porém ainda nos dias 14, 15, 16, 17 e 18, sem contar os dias 21 e 22, em que a villa ficou a disposição dos soldados da vanguarda. Um dia de saque teria sido mais que sufficiente a um exercito de 10.000 homens para destruir uma grande cidade: a que estado de ruina e de desolução não reduzirão estes 10.000 brutos a pequena villa de S. Borja, que durante 8 dias foi entregue á sua discrição?

No dia 13 de Junho, ao nascer do sol *el vicario* padre Duarte, general em chefe do exercito paraguayo, pôz-se á testa da metade do seu exercito. Em um instante S. Rev.ma quebrou com sua espada os vidros das janellas de uma porção de casas, deu o primeiro golpe ás suas portas e lançou sua santa benção sobre sua entrada, franqueando-a assim a seus famintos soldados, que não podião tocar em uma janella, bater em uma porta, nem por ella entrar, sem que tivesse precedido esta sagrada cerimonia. Em menos de uma hora todas as casas dos ausentes, tanto commerciaes como particulares, estavão invadidas por 20, 50, 100, 200 e as vezes mais salteadores, tanto mais famintos, audazes, destruidores e rapaces que carecião de tudo, e que tinhão diante de si, á discrição, riquezas por elles nunca vistas.

O primeiro cuidado de muitos foi de se lançar como tigres esfaimados sobre tudo o que tinha apparencia de alimento e de bebida. Varios abrião a machado barricas de assucar e comião a punhados, outros comião a punhados farinha de mandioca e de trigo de que despejavão os saccos no chão. A mór parte tomavão bebidas a largos tragos, servindo-lhes de copo todo e qualquer vaso, como baldes e bacias. Não tardou muito que elles procurassem comida mais substancial, e eis seu prato predilecto. Em um tacho ou qualquer outra vasilha esvasiavão certa porção de vinho que engrossavão com assucar e algumas vezes com um pouco de polvilho que batião com os dedos e que comião depois a punhados. Aconteceu algumas vezes que tomando por polvilho o mercurio, o arsenico e outras substancias medicinaes de côr branca, misturavão estas substancias a seu angú, que mandou bom numero destes brutos para a sepultura nesta terra do Brazil. Contão-me que em uma só occasião um angú que os soldados paraguayos fizerão em S. Thomé com uma porção de mercurio que tomarão por polvilho matou 50 homens: é pena que este caso se désse em S.

Thomé porque estes pobres soldados defuntos não irão resuscitar no Paraguay, como teria acontecido se tivessem morrido em S. Borja, ou deste lado do rio Uruguay, segundo promessa solemne que cada dia faz aos soldados paraguayos o astuto e hypocrita frade Duarte. „Brigai com valor, lhes diz S. Rev.ma tendo um espelho na mão e mostrando aos soldados a reproducção de suas figuras dentro do espelho, se morrerdes corajosamente na peleja, ireis immediatamente resuscitar no Paraguay da mesma forma que vos vedes reproduzidos neste espelho. Porém se sois cobardes, se recuais diante do inimigo, se desertais, sereis incontinentemente degolados uns pelo inimigo e outros pelos seus camaradas, e em vez de irdes resuscitar em nossa querida patria, cahireis nas unhas do diabo no inferno, onde sereis eternamente açoutados e atormentados."

Uma porção de soldados paraguayos, e para este mistér tinha-se designado os mais moços (sendo para notar que no Paraguay se é soldado da idade dos 13 aos 65 annos) estavão occupados a receberem na porta das casas os pannos, os merinós, as chitas, as ferramentas, e emfim todos os objectos que seus companheiros saqueavão. Carregavão elles estes objectos até a entrada da villa no lugar onde se achavão suas carretas. Atiravão tudo em um montão. Alguns officiaes ahi collocados fazião escolha dos objectos melhores, que mandavão acommodar dentro das carretas por subalternos que tinhão ás suas ordens para esse fim.

Punhão em um montão á parte os objectos que menos lhe agradavão, sem que se saiba ao certo o destino que deu a estes objectos de menor estimação; mas só os officiaes paraguayos se vestirão de novo em S. Borja, os soldados de lá sahiram quasi com os mesmos farrapos com que tinhão entrado. E segundo referem alguns extraviados e prisioneiros, não é pequeno por este motivo o descontentamento que reina entre os soldados do exercito invasor, por verem frustrada a solemne promessa que lhes tinhão feito, de os deixar possuidores dos productos do saque. Só se cedeu tres varas de algodão a cada soldado, mas a distribuição não foi feita a todos.

No mesmo dia 13 de Junho cincoenta e tantos soldados paraguayos arrombarão a igreja matriz, e nella se introduzirão. Em um instante os armarios da sacristia que continhão as alfaias e prendas da igreja foram vazios: não forão mais respeitadas algumas alfaias pertencentes á irmandade. As pratas desapparecerão. Os vasos dos santos oleos forão roubados, e a caixa que os continha achou-se atirada ao chão. Algumas imagens pequenas desapparecerão tambem. A lampada do Santissimo foi descida, virada e quebrada, e assim abandonados varios pedaços por serem de casquinha. Tres capas de asperge

foram reduzidas a tiras e feitas *chiripás*,[1]) a mais preciosa foi aberta ao meio e feita poncho de um devoto soldado paraguayo. O pallio desappareceu totalmente, assim como o véo dos hombros.

Outros soldados despedaçarão a nova e rica umbela do Santissimo Sacramento, fizerão chiripás com as tiras de sua seda encarnada, inutilizarão o guião e os livros, sendo um missal encontrado posteriormente em S. Thomé. Um outro soldado revestio os paramentos sacerdotaes como para celebrar missa e apoderando-se de uma campainha sahio da igreja nestes trajes, dando varias vezes a volta da praça tocando a mesma campainha. Grande numero sahirão da igreja revestidos das opas da irmandade do Santissimo Sacramento. Uns dentre elles se lembrarão de tocar os sinos grandes com as pontas das lanças. Ao meio desta folia outros soldados sahirão das casas particulares, tendo revestido merinhaques em cima de seus chiripás, e levando pequenos chapeos de sol de senhoras, outros estavão vestidos com saias e com roupas de mulheres, conservando seu chapéo grande na cabeça.

Acudiu á praça immensidade de soldados para devertir-se com este estranho espectaculo. Varios acudião á igreja para ver se encontravão alguma cousa para saquear, levando com sigo na mão, como era seu costume, os objectos que tinhão encontrado nas ultimas casas de onde sahião e que largavão nas outras onde entravão para se apoderar e carregar as cousas que ahi encontravão e que erão mais do seu agrado. Desta forma levarão, e deixarão na igreja de S. Borja alguns objectos não pertencentes ao culto, como trapos, pratos, panellas, uma panella e dous copos, para se carregarem ahi de outra cousa.

As opas encarnadas da irmandade do Santissimo erão sobre tudo de sua affeição, assim como os galões dos paramentos, e mesmo os galões ouropel da armação da igreja, de que a despojarão quasi inteiramente. Alguns mais malvados e mais impios tentarão abrir o sacrario, e como não encontrassem a chave, com as pontas de suas facas cortarão a madeira e arrombarão a fechadura, apoderando-se do corporal, unica cousa que dentro encontrarão; e para encobrir seu sacrilegio, fizerão um pequeno montão de trapos em cima do altar e lhe atacarão fogo, para que o altar se queimasse, tendo a precaução de accender duas velas junto do altar em castiçaes de ferro, para dar a entender que por accidente o fogo se tinha communicado ao altar pelas velas acesas.

[1]) Segundo Romanguera Correa, chiripá é vestimenta usada pelos peães de estancia ou camponezes e que consta de uma peça quadrilonga de fazenda, a qual passando por entre as pernas, é apertada á cintura em suas extremidades por uma cinta de couro ou por um *tirador*.

Mas felizmente queimarão-se os trapos em cima do altar, fazendo-lhe nas toalhas uma grande queimadura oval, sem que o altar ardesse; os malvados soldados, autores deste acto criminoso e sacrilego tinhão se afastado do lugar para escapar ás suspeitas que poderião recahir sobre suas pessoas, e assim o altar e a igreja de S. Borja escaparão ao incendio. Depois de terem occupado para seus divertimentos a casa do cidadão Manoel Carneiro Duarte, lhe atacarão tambem fogo, o qual se apagou por si mesmo como na igreja.

Os chefes do exercito paraguayo invasor, que de certo desejavão o saque do igreja, pois antes da invasão ouvi narrar que em S. Thomé elles dizião que em S. Borja se fazia uma igreja nova, mas que breve elles virião a arrazar, e que terião tomado medidas preventivas se tivessem querido evitar seu saqueio, se mostrarão mui incommodados perante os moradores de S. Borja, quando virão seus soldados arrastarem pelas ruas da villa os paramentos da igreja. De regresso ao seu acampamento de tarde castigarão barbaramente os soldados que tinhão commettido os sacrilegios que elles desejavão, ou ao menos aos quaes consentirão não os prevenindo como podião e devião.

O astuto e hypocrita frade Duarte, para fazer recahir estes crimes sacrilegos sobre os Brazileiros, e mostrar que seus soldados erão incapazes de os commetter (como logo veremos), deu ordem aos soldados do seu exercito de venerarem e de adorarem dahi em diante todas as imagens que encontrassem na villa, mesmo nas casas particulares. Em geral os soldados paraguayos, ainda governados pelo systema jesuitico, venerão muito os sacerdotes, e lhes são obedientes; tanto é que querendo a todo transe o frade Duarte se apoderar da pessoa do vigario de S. Borja, segundo trazia commissão expressa do seu governo, e tendo que dar a varios soldados do seu exercito a ordem de segurar o padre Gay, em qualquer parte que o encontrassem, com receio de que elles respeitassem seu caracter sacerdotal e o largassem para não expôr a máos tratamentos, elle disfarçava suas palavras dizendo aos soldados, que os chefes do exercito não querião fazer mal nenhum ao vigario, e que sómente desejavão mandal-o um pouco á Assumpção para que conhecesse o supremo governo. Os soldados do exercito invasor, segundo seu costume, obedecerão cegamente á ordem que *el vicario* Duarte lhes deu de venerarem e de adorarem todas as imagens que encontrassem em S. Borja.

Pouco depois de sua entrada na villa, no dia 14 de Junho de manhã, se vião velas de cêra acesas em varias casas perante imagens, e uma porção de soldados ajoelhados perante ellas.

Não foi sómente perante as estatuas e as imagens dos santos que elles se ajoelharão e fizerão suas devoções. Em casa do vigario, v. g., encontrarão o retrato de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, que até então tinha escapado á destruição. Os soldados do dictador Lopez, por alguem lhes dizer que estava escripto por baixo do retrato o nome de D. Pedro II, se persuadirão que era a imagem de S. Pedro II, que carrega as chaves das portas do céo. *S. Perù mocoi o guerecó ñoquendabocá ibaroque reheguá,* dizião elles, e o collocarão no oratorio do vigario, que já tinha sido saqueado completamente, e junto com o retrato de D. Pedro II puzerão uma imagem da Encarnação do Verbo, e perante uma e outro accenderão velas e vierão orar todos os dias.

Em outra casa os devotos soldados do Paraguay encontrarão um retrato de Napoleão-o-Grande, elles carregarão em procissão para seu acampamento, lhe erguerão um altar, lhe accenderão velas e o adorarão, de certo por ser Napoleão o santo da devoção do mariscal Francisco Solano Lopez, assim como o era do seu mediato predecessor o dictador Francia. O retrato pintado a oleo de uma respeitavel matrona de S. Borja, encontrado em outra casa, foi nella o objecto do culto dos soldados do frade Duarte, que depois o queimarão á sua sahida juntamente com duas casas pertencentes ao Sr. major Vasco José Guimarães, onde o retrato se achava.

Parece que as casas do Sr. major Vasco forão incendiadas pelos Paraguayos que invadirão S. Borja para darem aviso de sua partida aos que estavão em S. Thomé. Outros dizem que foi por casualidade que lhe prenderão fogo. Em uma loja os devotos guaranys de Lopez acharão a lytographia de uma figura de moça pintada á fantasia e quasi núa; elles a carregarão muito tempo pelas ruas da villa, a encostavão nas paredes de qualquer casa fazendo perante ella estação, e acabarão por a levar e collocar em um oratorio particular, tributando assim profanamente a estas figuras o culto de dulia que os catholicos sómente consagrão ás imagens dos santos.

Emquanto os soldados paraguayos praticavão assim estas observancias vãs e supersticiosas que excitavão as risadas dos poucos moradores de S. Borja que delles erão testemunhas, e emquanto outros companheiros seus commettião mil desordens na villa, o frade Duarte lembrou-se á tarde de ir visitar a igreja matriz. Esquecendo-se de que já tinha mandado castigar seus soldados por a terem arrombado e saqueado, Sua Reverendissima se dirigio á casa do vigario e pedio ao Basco Francisco as chaves da igreja. Não as tendo este em seu poder, o frade insistio com elle para descobrir o sacristão

ou alguem que conhecendo do officio de sacristão soubesse onde estivessem as chaves e as joias.

Como emprezario da nova matriz o mestre Gottardo Scola ficára com as chaves della, o que sabido pelo frade Duarte, immediatamente o mandou vir, e ambos se dirigirão á igreja, cuja porta encontrarão aberta. Antes de entrar, o religioso sacerdote tirou o revolver da cintura, as esporas dos pés, e deixou cahir as vestes talares. Entrou depois com muito respeito, ajoelhou-se e orou.

Em seguida S. Rev.ma se levantou, e vendo os grandes estragos feitos no interior da igreja e da sacristia, o piedoso frade paraguayo exclamou: „Não, não são os soldados paraguayos que commettem semelhantes sacrilegios; os soldados paraguayos são religiosos e devotos, elles venerão todas as imagens; forão os inimigos do Paraguay que saquearão a igreja de S. Borja e a reduzirão a este triste estado para fazer recahir sobre os Paraguayos estes sacrilegios, de que póde ter sido autor o mesmo vigario ou qualquer inimigo do Paraguay, antes de nossa entrada nesta villa."

E para se purificar destes sacrilegios, das atrocidades, dos roubos, das violencias e das crueldades que o exercito paraguayo commetteu nesta infeliz villa durante o saque que principiou no dia 12 de Junho, depois de meio-dia, e que continuou até o dia 18 á tarde, e ainda desde o dia 21 até o dia 22, eis o expediente que tomou o reverendissimo frade Duarte, *vicario* e *general* do exercito invasor.

Mandou lavrar uma acta declaratoria de que o exercito paraguayo entrou em S. Borja como inimigo generoso: que os soldados paraguayos em vez de saquear a igreja matriz a respeitarão muito, e que ella foi profanada e roubada pelos inimigos dos religiosos Paraguayos; que o exercito paraguayo respeitou muito a todos os moradores que encontrou em S. Borja; que não os violentou , não saqueou, nem fez mal a ninguem, etc., etc.

Concluida esta acta, e de cujo teor completo não posso dar relação porque nenhum dos cidadãos que a assignou a leu, nem ouviu ler por inteiro; o coronel mandou chamar para casa do Sr. Eugenio Caylar todos os moradores que no dia 15 de Junho de 1865 se achavão na villa, e ahi estando a casa do Sr. Caylar cercada de um esquadrão de cavallaria paraguaya armado até os dentes, o frade Duarte como chefe do exercito paraguayo, em presença do coronel Estigarribia e do secretario Sipitria, dirigio em voz firme e pausada uma allocução aos moraores de S. Borja, dizendo-lhes em substancia: que o Brazil declarára injustamente a guerra ao Paraguay; que apezar do seu amor a paz o supremo governo do Paraguay

se tinha afinal visto na necessidade de aceitar esta guerra, que não podia recusar sem mingua de sua honra; que a Republica do Paraguay fazia uma guerra de exterminio e de morte ao Brazil; que todos os cidadãos que tinhão abandonado ou abandonassem suas casas na approximação do exercito paraguayo erão por isto considerados e tratados como inimigos da Republica do Paraguay; que el mariscal, supremo governo daquella republica, queria fazer todo o mal possivel ao Brazil, cujo mal organisado governo lhe declarára a guerra, e que queria que o Imperador do Brazil *sentisse profundamente* o máo proceder de seu governo; emfim, que o exercito paraguayo era inimigo generoso, que respeitava as familias e os cidadãos que não fugirão delle; que respeitavão os templos, como tinhão feito em S. Borja, etc., etc.,[1]) de tudo o que elles erão testemunhas, em consequencia do que lhes pedia, que, *de sua livre vontade*, assignassem a *acta* que se achava lavrada sobre a mesa, indicando cada um sua nacionalidade junto de sua firma. Com *liberdade* que deixavão as baionetas que rodeavão a casa, todos assignarão, e um dos assignantes me assegurou que teria recebido de bom grado cincoenta açoutes para se defender de prestar assim sua firma.

Com a assignatura desta acta os chefes do exercito paraguayo pretenderão justificar as crueldades que commetterão, como: v. g., o assassinato de todos os feridos, e de todos os soldados brazileiros que cahirão em seu poder, e que todos, sem excepção, forão degolados, como tambem as violencias, os roubos e os sacrilegios de que se tornarão réos, tanto antes do dia 15 de Junho, em S. Borja, como os que praticarão depois desta data, v. g.: os assassinatos de Manoel Caetano de Paiva, por elles degolado sem motivo a 17 de Junho, do Indio velho e aleijado, chacareiro do Hespanhol João Comelha, e de um pardo cujo nome ignoro, e todas as outras barbaridades que commetterão ou que ainda podião commetter. Uma moça branca foi encontrada na chacara do finado velho Mello.

Nos dias seguintes continuou o saque de S. Borja. Que classe de desordens, de extravagancias não terão praticado dez mil paraguayos (e ha quem diga mais) nesta pequena

[1]) Os chefes do exercito paraguayo declararão a algumas pessoas de mais sua confiança em S. Borja, que elles contavão plenamente com o general Urquiza, que consideravão como presidente da Confederação Argentina, devendo elle se declarar a favor do Paraguay, quando o exercito paraguayo tivesse chegado a um ponto determinado entre Lopez e Urquiza. Disserão tambem que 40.000 Paraguayos devião ir á Uruguayana para ahi fazer seu quartel-general, para dahi 20.000 seguirem para Montevidéo e 20.000 para Porto Alegre.

villa, durante oito dias em que esteve entregue á sua discrição, se uma ou duas horas erão para elles mais que sufficiente, para a saquear quasi completamente? Desde o nascer do sol até o seu occaso, a soldadesca e a officialidade divagavão pelas ruas da villa, corrião de casa em casa apoderando-se de tudo o que elles encontravão de seu agrado, e destruindo tudo o que não lhes servia ou que não podião levar.

Quasi toda a louça das casas, como pratos, copos e todos os utensilios de cozinha foi carregada pelos soldados paraguayos para seu acampamento, e as panellas, os pratos, os copos, etc., que não levarão, forão todos quebrados e atirados á rua. Não se ve quasi nas vidraças senão pedaços de vidro, e é quasi impossivel transitar pelas ruas por causa da infinidade de cacos de garrafas, de vidros e de louça que nellas estão espalhados.

Não escapou nenhum movel de luxo, nem floreiras de crystal, nem compoteiras, nem mangas, nem bules de porcellana; como delles não fazião uso, os despedaçavão todos. Assim aconteceu tambem com os relogios de parede que encontrarão: os soldados os carregavão pelas ruas e os mostravão ao primeiro morador que encontravão, pedindo-lhe o uso dessa machina, e como a resposta sempre lhes indicava que era traste para elles inutil, os atiravão com força ao chão, e assim os quebravão.

A's vezes os desmanchavão e se apoderavão de uma ou mais peças de seu machinismo que mais lhes agradava. Certo soldado paraguayo queria fazer fallar inglez a um relogio, e o esmigalhou porque a pobre machina não lhe obedecia. Outro entrou na sala de um negociante e vio sobre a mesa um relogio trabalhando; como nunca tal cousa tivesse visto, approximou-se, ajoelhou-se perante a mesa para melhor observar os movimentos da pendula. De repente o relogio deu horas, e o meu Paraguayo disparou olhando com espanto e assombro para o relogio, suppondo sem duvida que elle lhe ia dar um tiro.

Alguns pianos que existião na villa forão literalmente despedaçados, e suas teclas espalhadas pelas ruas. As cadeiras, os sofás, as marquezas que não forão levadas para o acampamento, sobre tudo as de palhinha e as mais ricas forão cortadas com facas, fazendo-se-lhes no meio uma ou duas cruzes para as tornar inserviveis. As mesas, as mais ricas sobre tudo, as de marmore, forão viradas, quebradas, e o marmore espedaçado como que a golpes de martello ou de machado. Quanto maior era o luxo que elles achavão em uma casa, mais se empenhavão em destruir tudo.

Atiravão ao chão as gavetas das mesas, dos armarios e tudo o que ellas continhão, assim como todos os objectos que

encontravão nas vendas e nas lojas, inutilisando o que não levavão. Não perdoarão nenhum colchão, dos quaes tiravão as capas de algodão para fazer roupas e espalhavão a lã por toda a parte. De sorte que quasi em todas as casas, sobretudo nas lojas de ferragem, se encontrou no piso um bom palmo de toda a sorte de pinturas, de utensilios, de papeis misturados com lã, com azeite, etc., e ás vezes com animaes mortos, como gatos, cachorros, etc.

Encontravão elles em uma loja um caixão de botas ou de sapatos, ou alguns pares delles em casas de familias, os experimentavão em seus pés, e ficavão com elles se lhes servião, mas no caso contrario cortavão á faca.

Encontravão um livro, o agarravão e ião correndo pela rua virando-lhe as folhas, e chegando á casa aberta mais proxima rasgavão o livro ou lhe tiravão a capa e o lançavão á rua; ou o abandonavão na dita casa, se nella encontravão alguma cousa que fosse mais de seu gosto.

Tudo tambem lhes fazia conta: um pedaço de papel pintado ou de cadarço, uma carta, uma folhinha velha, um novello de linha, uma estampa, até um retrato a daguerreotypo foi encontrado no seio de um soldado paraguayo morto no ataque de 26 de Junho, e o retrato era do tenente-coronel Manoel Coelho de Souza, que naquella occasião foi resgatado, não o sendo, porém, suas dragonas, chapéo armado e uniforme que lhe saquearão ao mesmo tempo que o retrato, dizendo os Paraguayos terem morto na occasião o mesmo tenente-coronel, e terem-lhe tirado o uniforme.

As urnas que servem para as eleições e que estavão cheias dos nomes dos jurados, forão encontradas vazias, e não appareceu nenhuma cedula com nomes; ouvi dizer que elles juntarão todas estas cedulas com nomes, julgando que erão cedulas de papel-moeda, brazileiro. Umas urnas contendo ossos de defunto, e que se achavão depositadas em um velho cemiterio da igreja, forão carregadas pelos soldados paraguayos, umas para dentro do mato e outras para o seu acampamento, e ahi arrombadas como se contivessem thesouros, e os ossos forão atirados pelo campo.

Tiravão de um barril ou de uma pipa de vinho ou de caxaça tudo o que podiam beber, e depois a facadas ou a golpes de machado quebravão o casco, derramando todo o vinho ou toda a caxaça. E assim á proporção fazião com o arroz, farinha ou herva-mate, e com outros generos e fazendas. Não escapou nenhum lugar que elles não revistassem, para descobrir objectos escondidos. Em varias casas abrirão buracos no soalho.

Indo revistar as aguas furtadas da casa do vigario, alguns Paraguayos estiverão a ponto de cahir do forro do tecto ao

meio de uma sala, despregando com seu peso as taboas do forro. Vingarão-se matando um gato que ahi encontrarão, e que morto forão depositar dentro do bahú vazio de um aggregado da casa, onde o animal foi encontrado já corrupto mez e meio depois. Descerão até dentro do poço da mesma casa, se bem que elle estivesse cheio d'agua e profundo.

Depois de não encontrarem mais nas casas dos ausentes os objectos de sua cobiça, os officiaes e soldados paraguayos lançarão suas vistas sobre as casas dos moradores, quasi todos estrangeiros, que tinhão ficado em S. Borja. Nas casas de negocio cujos donos estavão presentes mandavão ordinariamente como donos. Venha isto, dizião elles apontando para uma garrafa de licor ou de vinho. O negociante alcançava o objecto pedido. Então se lhe dizia: abra a garrafa ou garrafão, encha este copo; o que, executado, obrigavão o negociante a beber primeiro, com receio de que a bebida fosse envenenada, e depois os Paraguayos tomavão a seu gosto.

Os soldados paraguayos são mui submissos a seus chefes, que os tratão peior que escravos, quasi como um peão trata uma manada de animaes chucros, pois que um simples cabo de esquadra, um sargento, cahe com a espada, ou com o chicote sobre cincoenta ou mais soldados para os fazer sahir de uma casa, e todos recebem os golpes sem proferir palavra, e se retirão immediatamente.

Elles não deixavão tambem de obedecer aos moradores de S. Borja, porém erão summamente teimosos em querer se introduzir nas casas que rodeavão por todas as partes, procurando com a ponta de suas armas abrir as portas e janellas, e entrando um delles por uma porta todo seu acompanhamento havia de entrar tambem, e tudo o que lhes cahia nas mãos era por elles irremediavelmente levado apezar dos gritos do dono. Os moradores de S. Borja tinhão de ter uma sentinella da banda de fóra de cada porta, e de cada janella de sua casa para que ella não fosse arrombada, sem o que em um momento ou outro ella o seria, e em consequencia saqueada.

Um Portuguez com casa de negocio deixou introduzir-se uma porção de soldados paraguayos em sua casa. Estes furarão logo um barril de vinho de que encherão um bacio.[1]) Apezar da repugnancia do Portuguez para provar o vinho em um tal copo, teve que se sujeitar a fazel-o, e tantas vezes, que o puzeram alegre, e os soldados tomarão conta de sua casa de

[1]) Em Itaqui e Uruguayana os Paraguayos fizerão tambem grande uso dos bacios para copos e pratos. Nesta ultima villa tomarão cal por farinha, e fizerão uso da cal em suas iguarias. E como esta comida matasse bastantes Paraguayos, dizião elles que os Brazileiros tinhão envenenado os comestiveis.

negocio bem sortida, saqueando-a completamente, ficando o pobre homem só com a roupa do corpo, que os soldados ainda tratarão de lhe tirar.

Os soldados paraguayos se introduzirão tambem em casa de um velho Francez e o ameaçarão para conseguir delle o que desejavão. O velho se incommodou muito e conseguio sahir incolume de sua casa, e seguio descompondo completamente, em francez, aos Paraguayos, ameaçando-os e dizendo-lhes as maiores asneiras, que felizmente os Paraguayos nem o seu coronel comprehenderão, pois tendo chegado o velho em frente da casa do Sr. Eugenio Caylar, onde se achava o coronel Estigarribia, este indagou do Sr. Caylar e dos officiaes orientaes que morrião de riso ao ouvirem taes descomposturas, que era o que gritava este homem. Disserão-lhe que elle se queixava de que os soldados tinhão avançado em sua casa e a estavão saqueando. O coronel para lá se dirigio, porém não encontrou mais nenhum soldado em casa do queixoso.

Por duas vezes os soldados paraguayos avançarão em um deposito da casa de negocio do Catalão João Comelha, e lhe tirarão até os colchões da cama, apezar de estarem elle e sua mulher bastante doentes.

Varias vezes avançarão á casa da residencia do Genovez Francisco Bergallo, por tres partes ao mesmo tempo; pelas portas de sua loja de negocio, pelo corredor da residencia de sua familia, e pelo portão do pateo. Este estrangeiro foi mui insultado pelos Paraguayos, que quasi o degolarão a 22 de Junho, para conseguir delle o que desejavão.

Na casa de negocio de D. Vicente Segui apresentou-se o proprio coronel Estigarribia, e olhando para as numerosas prateleiras da loja, exclamou: *que tienda rica!* Ao que o Sr. Segui respondeu que sua casa de negocio não era nada em comparação de muitas outras, sobretudo de Itaqui e de Uruguayanan. Haverá, continuou o coronel, *tiendas* mais ricas que esta? Muitas, lhe disse o Sr. Segui. Oh! que paiz rico é o Brazil! tornou a dizer o coronel. Então o coronel perguntou ao negociante o preço e certas fazendas que via. Póde V. Ex. levar o que quizer, lhe disse o mercador, não lhe custa nada.

Não, não, retorquio o coronel, eu não quero nada dado. O pobre do negociante indicava o preço de suas fazendas, cortava dellas os covados que o coronel pedia, o que effectuado, o coronel mandou levar as fazendas sem pagar, e se foi sem nada dizer. Isto praticou o coronel Estigarribia, nesta e em outras casas e negocio. Os officiaes e mesmo os soldados procedião tambem assim da mesma fórma.

Em uma dessas casas, um Paraguayo, depois de ter assim feito cortar e apartado uma porção de fazendas, e estando prestes a mandal-as levar, tirou mui tranquillamente da cartuxeira um cartuxo que rasgou com os dentes, e com muita fleugma carregou a espingarda em presença do negociante, e conservando a arma na mão como que prompto para atirar, dirigio-se ao negociante, perguntando-lhe — quanto custão estas fazendas? Este, atemorisado, respondeu que não custavão nada. Então não lhe devo nada? insistio o Paraguayo. Não, senhor, disse o negociante, antes sou eu que devo ao senhor... Pois então se me deve, continuou o Paraguayo, pague-me já e já, porque estou com pressa e quero-me ir embora. O negociante, além de perder suas fazendas, teve ainda que dar algum dinheiro ao Paraguayo.

A casa de familia e de negocio que em S. Borja foi mais respeitada foi a do subdito francez Eugenio Caylar, e que muito frequentavão o frade Duarte, o coronel Estigarribia, os officiaes orientaes, e em geral a officialidade, mas sem embargo o Sr. Eugenio e sua familia passarão por transes terriveis, e estiverão varias vezes a ponto de serem todos degolados, o que talvez teria acontecido se os Paraguayos tivessem descoberto em sua casa um ferido 1.º sargento cadete do 1.º batalhão de voluntarios da patria, o Sr. Fortunato Xavier dos Santos, que alli esteve constantemente escondido, tratado como um filho. Em casa do Sr. Caylar tinhão-se refugiado varias familias buscando protecção da bandeira franceza. Forão respeitadas suas pessoas, segundo se diz, porém ellas perderão todos os interesses que tinhão deixado nas casas de sua residencia.

Dentro da villa e no Passo de S. Borja forão saqueados 15 estabelecimentos publicos como igreja, camara municipal, cartorios, mesa de rendas, etc. Forão completamente saqueadas 16 casas de negocio, das quaes 5 brazileiras, além do deposito do fornecimento do exercito que se esperava. Forão igualmente saqueadas 4 casas de alfaiates, 6 livrarias particulares, 1 loja de sapateiro, 1 de ourives, 3 de ferreiros, 4 de carpinteiros, 1 botica, 3 açougues, 1 bilhar e café, 3 olarias, etc., etc., e 60 casas particulares, sendo queimadas duas pelos invasores e uma antes da invasão para lhes dar signal. Além de todas essas casas bem mobiliadas forão saqueadas muitas outras na villa e no passo que usavão menos luxo.

Fóra da villa forão pelos Paraguayos queimadas no municipio de S. Borja 8 casas de fazenda, e saqueadas umas 60 e tantas casas de fazenda, além de bom numero de casas de chacaras quasi em tão bom estado como as das fazendas.

Algumas familias decentes, para se livrarem da perseguição dos chefes e dos soldados do exercito invasor, tiverão

que esconder e ter sempre debaixo de chave as senhoras e as moças, e assim mesmo tiverão summa difficuldade para escaparem ás perseguições destes depravados, porém, com bem poucas excepções, as que não tomarão esta medida forão umas á força e outras por seu gosto conduzidas de noite ao acampamento do inimigo, e de madrugada os soldados as trazião para suas casas.

Paro aqui para poupar a todos o desgosto de uma relação vergonhosa, passando um véo sobre infamias que não terião praticado selvagens do mato, e que entretanto commetterão soldados christãos do Paraguay, commandados por um frade catholico, e que era o primeiro a dar aos soldados o exemplo da depravação, distinguindo-se elle e o coronel secretario, de todos os soldados do exercito pelas violencias e infamias que praticavão, segundo affirmão a maior parte dos moradores que ficarão em S. Borja e Itaqui durante a occupação inimiga dessas villas, e segundo referirão-me posteriormente os que ficarão em Uruguayana, sendo eu unicamente relator do que geralmente ouvi dizer a este respeito.

A 18 de Junho á tarde todo o exercito inimigo desfilou pelas ruas de S. Borja, atravessou a praça e foi com seu carretame acampar a pouco mais de um quarto de legua da villa sobre a estrada real de Itaqui. Entre os simples soldados deste exercito ia um representante do povo paraguayo descalço, e um unico cirurgião tambem descalço com a patente de sargento. A 19 de manhã este exercito seguio sua marcha flanqueando o rio Uruguay.

A meio caminho de S. Borja a Itaqui, antes de passar o rio Butuhy, o exercito inimigo queimou as casas de morada da fazenda do Sr. capitão Rufino Rodrigues dos Santos, casa nova e a melhor do rincão. Nesta fazenda o inimigo se demorou muitos dias, e era observado pelo coronel Fernandes, e parece que nella se achava nos dias 25 e 26 de Junho. O exercito paraguayo gastou sete dias para passar o rio Butuhy, que cresceu extraordinariamente depois que elle principiou sua passagem.

Devo notar que no dia em que o tenente-coronel Manoel Coelho de Souza passou deste lado do rio Camaquã, no dia 19 de Junho, uma columna de 400 Paraguayos, infantaria e cavallaria, invadio o 3.º districto do municipio de S. Borja, chamado Rincão de Camaquã, pelo Passo dos Garruchos, no Uruguay. Esta força inimiga era commandada pelo tenente Cabrera, e se conservou uns 10 ou 12 dias no referido districto, onde saqueou umas dez ou mais fazendas, e arrebanhou gados e cavallos.

Capitulo IV

Encontro da vanguarda paraguya pelo corpo provisorio n. 28 a 25 de Junho. — Combate do dia 26.

O Sr. tenente-coronel Manoel Coelho de Souza (Maneco Assumpção), commandante do corpo provisorio n. 28, se achava a 10 de Junho acampado em S. Matheus sobre a margem esquerda do Uruguay, e a uma legua á direita da margem do rio Camaquã. Elle tinha sido cortado das outras forças da brigada, pela enchente do dito rio Camaquã e pela passagem do inimigo em nosso territorio.

Nestas circumstancias tratou elle de fazer recolher os destacamentos do seu corpo que fazião as guardas dos passos do rio Uruguay, desde a foz do Camaquã até o Cerro Pellado, além do Juhy Grande. Despontando depois o rio Camaquã, veio reunindo pelas estancias a cavalhada abandonada, juntando assim mais de 2000 cavallos que conduzia, procurando fazer juncção com a brigada do Sr. coronel Fernandes, mandára ordem de se reunir quanto antes, dizendo ao commandante do corpo n. 28, que podia vir com toda a segurança pelo Rincão da Cruz, pois que toda a esquerda do inimigo era flanqueada pela brigada. Sem o menor cuidado o tenente-coronel Manoel Coelho de Souza penetrou no Rincão da Cruz persuadido de que a brigada do coronel Fernandes resguardava a sua direita; indo elle um tanto adiante do seu corpo, quando a certa altura um vizinho por nome Ladisláo veio avisar ao capitão mandante de que uma força inimiga consideravel (de 5000 homens dizia elle) se achava mui perto.

Nem o capitão nem o tenente-coronel quizerão acreditar a noticia; mas insistindo o vizinho Ladisláo, o tenente-coronel mandou um official com um piquete á descoberta, que logo regressarão perseguidos pelos Paraguayos em numero de 400 a 500, segundo se calculou.[1]) Em aquella occasião o corpo n. 28 não tinha em linha mais de 100 homens, achando-se fóra com os clavineiros o major Severino Leite, desde o dia 10 ou 11 em que foi mandado pelo commandante para vir proteger as forças e familias que se retiravão. Outros soldados se achavão em diligencias, e um grande numero empregados

[1]) O commandante foi em pessoa fazer retirar algumas familias que estavão em descuido mui perto do inimigo, como as do tenente Ignacio Pedroso e Zeferino Geraldo da Fontoura, que felizmente escaparão.

na conducção das cavalhadas. Além disso esse corpo achava-se muito mal armado, havendo soldados que só tinhão espada, outros apenas pistola, alguns unicamente lança. Demais, nunca recebeu fardamento, nem soldo, tendo que affrontar os rigores da estação, mui mal vestidos, e alguns soldados quasi nús. Chama-se as Tres Figueiras o lugar onde os Paraguayos avançarão sobre o corpo n. 28.

Este vio-se obrigado a bater em retirada, parando entretanto quando seguido de mui perto pelos Paraguayos que gritavão *chiqueiro ovelhas*. Exasperado por estes gritos injuriosos, o commandante mandou fazer alto e carregar o inimigo em frente da estancia do capitão Manoel Pereira de Escobar. Graças, porém, á valentia dos capitães José Pedroso de Moraes Netto e Bernardino Garcia da Rosa, que conseguirão com seis ou oito soldados atiradores destemidos avançar e collocar-se entre o corpo e o inimigo, e sustentar sósinhos o fogo, o corpo n. 28 retirou-se precipitadamente com o intuito de salvar as cavalhadas, e só parou nas immediações da Timbauva proximo ao Itú.

Nesse dia nenhum dos nossos nem sequer foi ferido, tendo aliás morrido tres Paraguayos que seus companheiros sepultarão dentro do cercado da casa do capitão Manoel Pereira de Escobar, e dous feridos que no outro dia forão achados mortos. Este acontecimento deu lugar a que as familias que se achavão emigradas principalmente sobre a costa esquerda do rio Itú, na serrinha de Iguaraçá, no Boqueirão de Santiago, em S. Francisco de Assis, etc., e os moradores dos mesmos lugares, possuidos de um terror panico na supposição aliás bem fundada, de que se approximava o inimigo, se puzessem precipitadamente em fuga. Comtudo este temor se desvaneceu quando lhes derão informações exactas.

Nos dias 23 e 24 de Junho estacionou a brigada nas immediações da estancia denominada do *Padre*, mudando entretanto frequentemente de campo, não sómente por causa do pasto para os cavallos, como tambem pelo máo estado dos terrenos, que em tempo chuvoso como então ficavão em um completo lamaçal, em que não se podia permanecer muito tempo.

No dia 25, poucos minutos depois de haver tocado a forrieis para repartirem a carne das rezes que acabavão de carnear, repentinamente deu-se ordem de pegar cavallos e de montar, o que causou um alvoroto e tumulto geral em toda a brigada. E' notavel julgar-se a brigada em tão perfeita segurança naquelle sitio, onde, segundo todas as probabilidades, ia pernoitar, sem medida alguma de precaução, pois que seu coronel commandante estava persuadido que todo o exercito

inimigo se achava sobre o Passo do Butuhy, sem suppôr, nem sequer idear que pudesse existir desprendida daquelle exercito uma força consideravel.

Sem embargo, a brigada naquelle momento se encontrava entre duas forças inimigas consideraveis, ignorando a existencia de uma dellas, que naquella mesma noite talvez a teria sorprendido se o commandante não tivesse sido avisado pelo tenente-coronel Manoel Coelho de Souza. Este, tendo encontrado inopinadamente a vanguarda paraguaya perto das Tres Figueiras, despachou um cabo de esquadra do seu corpo, a quem deu um cavallo de confiança para dar aviso desse encontro ao coronel Fernandes. O cabo teve quasi que cortar a linha inimiga para fazer sua diligencia.

Uma vez a cavallo, a brigada caminhou como um quarto de legua até a vizinhança da casa da Estancia do Padre; ahi parou e estendeu-se em linha de batalha. Tendo estado algumas horas nessa posição esperando a vinda do tenente-coronel Sezefredo com a 4.ª brigada, que já se achava deste lado do rio Ibicuhy, segundo participação que recebeu o commandante da 1.ª brigada, mas como o inimigo não comparecesse, a 1.ª brigada teve ordem de retroceder. Ella fez alto perto do lugar donde tinha sahido. Ahi deu-se pasto aos cavallos, etc., e se comeu, mandando buscar carne no acampamento vizinho onde não se tinha tido tempo de almoçar, e ahi pernoitar a brigada accendendo de noite grandes fogueiras.

Pouco depois da meia noite do dia 26 moveu-se de novo toda a brigada, mandando o coronel Fernandes ordem ao tenente-coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita, que se achava a alguma distancia, de se pôr em marcha com a 4.ª brigada. A primeira brigada ao mando immediato do coronel Fernandes marchou até a frente da casa de Manoel de Souza, onde parou. Ao fim de meia hora principiou-se a ouvir tiros de uma guerrilha que a major Doca, com os clavineiros do corpo provisorio n. 22, com os quaes tinha ido reconhecer o inimigo, tinha engajado com elle. Ahi deu-se ordem de emmalar os ponches e de carregar as armas.

Ao amanhecer, a brigada caminhou para o lado do inimigo, que se achava em uma planicie na vertente de uma cochilha alta, tendo em sua retaguarda um banhado, á sua direita uma baixada e um pouco além um mato espesso que atravessa em linha recta o banhado que é medonho á proporção que se approxima o mato.

A 1.ª brigada, que commandava o Sr. coronel Fernandes, compunha-se naquella occasião dos corpos provisorios ns. 10, 11, 22 e 23, e do 5.º corpo provisorio de Passo-Fundo.. Estava tambem debaixo de suas ordens a 4.ª brigada ao mando do

tenente-coronelSezefredo Alves Coelho de Mesquita, composta dos corpos ns. 19 e 26 e do batalhão de infantaria de S. Borja do major Rodrigues Ramos. Porém esta 4.ª brigida, por se achar acampada mais longe do inimigo, só chegou ao lugar do conflicto depois que a 1.ª brigada tinha dado o primeiro combate.

Logo que os corpos que ião na frente da 1.ª brigada avistarão o inimigo, o tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega, julgando de um golpe de vista a posição dos dous belligerantes, fez observar dirigindo-se altamente aos officiaes, que era necessario não dar a conhecer ao inimigo todas nossas forças, que se devião occultar a suas vistas; o que era facil effectuar em uma canhada, sobretudo havendo uma cerração forte que coadjuvava esta manobra, emquanto uma guerrilha devia procurar attrahir sobre a altura da cochilha a pequena força paraguaya que se calculava de 400 a 600 homens, os quaes sobre a cochilha, não tendo por onde escapar-se, serião facilmente rodeados, batidos e aprisionados por nossas forças, que contavão mais de 3000 combatentes, etc.

Nesse momento se apresentou ao coronel Fernandes o major Doca, seu sobrinho e pessoa de toda sua confiança, que lhe perguntou em voz alta, porque não se mandava avançar, dizendo-lhe que o inimigo era pouco numeroso, que elle calculava que só tinha 400 homens, e que avançando em poucos instantes o terião concluido.

Immediatamente o coronel mandou avançar toda a 1.ª brigada sobre uma altura, onde todas as suas forças erão vistas pelo inimigo. Este assustado, porém prevenido pelo que via, teve lugar de tomar excellente posição na costa do banhado, estendendo ahi uma comprida linha quasi recta, fazendo um pequeno codo em sua direita onde se achava sua cavallaria, pouco acima da grande baixada de que já fallei.

O coronel Fernandes mandou atacar da maneira seguinte: o corpo provisorio n. 23, ao mando do tenente-coronel Feliciano de Oliveira Prestes, e os clavineiros do corpo n. 22, ao mando do major Docca, tiverão ordem de atacar a direita do inimigo; o corpo n. 11, ao mando do major Nunes, teve ordem de atacar o centro; o corpo provisorio n. 10, ao mando do tenente-coronel José da Luz Cunha, recebeu ordem de se collocar na frente da ala esquerda do inimigo para o atacar; o corpo provisorio n. 22, ao mando do tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega, ficou de protecção aos corpos ns. 11 e 10, e o corpo n. 5 ficou de protecção ao corpo n. 23.

Dado o signal pelo coronel Fernandes, que se conservou sempre na altura durante a acção, e depois de ter dado vivas a S. M. o Imperador, etc., ao som os instrumentos marciaes,

esses corpos cumprirão em geral o seu dever. O corpo provisorio n. 23 e os clavineiros do corpo provisorio n. 22 se lançarão sobre a linha paraguaya direita que romperão, envolverão-se com ella, destruirão quasi inteiramente sua cavallaria, que principiou a fugir pela retaguarda.

O corpo n. 10, que se tinha pouco a pouco ido collocar na retaguarda da ala esquerda do inimigo, perseguio e alcançou quasi todos os fugitivos que recusando render-se forão passados pelas armas. O corpo provisorio n. 11, sobretudo o esquadrão commandado pelo capitão Rufino Rodrigues dos Santos, atacou vigorosamente o centro e a ala esquerda do inimigo, em cujo avance teve parte o major de brigada Vasco José Guimarães (segundo me assegurarão). Depois de uma hora mais ou menos de luta, os nossos corpos nella *engajados* se retirarão, sustentando em seguida uma guerrilha com a esquerda do inimigo o corpo provisorio n. 22, e com sua direita o corpo n. 5.

Nesses combates perdemos o tenente Israel, do corpo n. 11 do esquadrão do capitão Rufino, o tenente Leandro dos clavineiros do major Docca, do corpo n. 22, que ficarão mortos no campo de batalha, e o capitão João de Oliveira Prestes, do corpo n. 23, que recebeu uma ferida de que morreu dous dias depois.

Nesse interim chegou ao campo de batalha a 4.ª brigada ao mando do tenente-coronel Sezefredo, o que chamou a attenção dos dous belligerantes, que suspenderão as hostilidades. Durante este intervallo de suspensão, a ala esquerda e o centro do inimigo abandonarão sua posição, e dobrarão sobre o campo que occupavão sua direita, e formando quadrado o inimigo desceu como umas 16 quadras, e se postou na grande baixada que se acha junto ao tremendo banhado.

O coronel Fernandes mandou então todos os corpos da 1.ª e da 4.ª brigada atacar simultaneamente o inimigo. A infantaria do major Rodrigues Ramos rompeu o fogo, fazendo algumas descargas que, bem acertadas, desfalcarão as fileiras paraguayas. Entre os inimigos que perecerão por suas balas houve um official que antes desse ataque se conservou firme e sério entre suas fileiras, ao qual se ouvirão proferir as palavras: „Adelante, muchachos, elles son pocos y mal armados.“ (Adiante, rapazes, elles são poucos e mal armados). Em seguida o corpo voluntario de Missões se precipitou sobre o inimigo, precipitação funesta, segundo assegurão, que não deixou reparar que o inimigo tinha virado o cano de suas espingardas para o chão em signal de rendição, e não obstante se continuou o ataque.

Os Paraguayos, não esperando mais salvação, baterão-se com valor para vender caro suas vidas, e quando se virão in-

teiramente perdidos se retirarão a pé (pois erão infantaria), ao centro do temivel banhado, onde não podia chegar nossa cavallaria. Varios dos nossos fizerão prodigios de valor, e entre elles o tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega, que recebeu dous balaços, a cujos ferimentos felizmente escapou. Alguns soldados nossos indo em procura do inimigo atolarão-se com seus cavallos e forão mortos.

Nossos corpos, não recebendo ordem de pôr pé em terra, ficarão parados na espectativa. Então varios Paraguayos sahirão a pé do centro do banhado para o lado opposto á nossa gente, mas o major Vasco José Guimarães logo os alcançou com um piquete de cavallaria. Naquella circumstancia falsamente avisarão ao coronel Fernandes, que uma força consideravel vinha em soccorro de sua vanguarda, e em consequencia mandou elle tocar a retirar. Ao mesmo tempo o resto da vanguarda inimiga que se achava no centro do banhado se moveu tambem, e ganhou o mato de que já fallei, e nelle se internou.

Ouvi narrar os successos de 26 de Junho de 1865 de varias maneiras. Julguei prudente narrar succintamente os factos sem commentarios, como m'os contarão alguns officiaes que os presenciarão, e que me merecem fé, sem todavia ter pretenção de que minha versão seja plenamente exacta.

Em nosso campo de batalha e nos arrabaldes encontrarão-se 29 mortos nossos, entre elles os tenentes Israel e Leandro, de que já fallei, e um sargento. Contarão-se de 70 a 80 feridos, entre os quaes o valente voluntario capitão João Prestes de Oliveira, que teve o ventre varado por uma bala, e que morreu dous dias depois.

Forão tambem feridos o bravo tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega e o alferes Manoel dos Santos Pedroso que já se tinhão portado bem no dia 10 em S. Borja. Fallecerão depois uns dez de nossos feridos e não consta que os outros perigassem. Devo notar que corre por certo que usando alguns corpos nossos de camisolas encarnadas sem signal particular que os distinguisse do inimigo, que usa tambem de poncho ou camisola encarnada, no intervallo daquelle dia alguns de nossos soldados forão por falta deste distinctivo feridos e talvez algum morto por seus proprios companheiros.

Contarão-se 130 Paraguayos mortos no campo de batalha, e acharão-se muitos mortos nos arrabaldes. Calcula-se em mais de 200 os seus feridos que forão morrer mais longe. Tal foi a mortandade de seus feridos, que o inimigo dizia que as balas dos brazileiros erão envenenadas. Julga-se que só escaparão 70 homens da vanguarda paraguaya que entrou em acção no dia 26 de Junho. Ella era composta de 470 a 500

homens. Dizem que entre os cadaveres dos Paraguayos se encontrou o de duas mulheres vestidas de homens, o que não julgo verdadeiro.

Os Paraguayos não costumão fazer prisioneiros de guerra; não derão quartel a ninguem. A nossa força fez um só prisioneiro que, dizem, foi morto pelo camarada do capitão João Prestes de Oliveira, que ficou furioso quando vio seu capitão mortalmente ferido. O coronel Fernandes e nossa officialidade mostrarão-se muito sentidos por este acontecimento. Relatarei aqui os actos de barbaridade que o chefe da vanguarda paraguaya mandou praticar no mesmo dia 26 de Junho de manhã.

No dia 25 de Junho quatro Brazileiros residentes no 2.º districto de S. Borja ião em procura da brigada do Sr. coronel Fernandes, e avistando a vanguarda paraguaya se approximarão della julgando que era força brazileira. Um desses homens era um mocinho que seu pai mandava reunir á brigada; um outro era um homem de côr, soldado de um corpo; os dous outros erão paisanos, homens de idade, que ião visitar parentes e amigos a nosso acampamento.

Quando esses quatro homens reconhecerão o inimigo não tiverão mais tempo de disparar, porque já estavão cercados. Receberão ordem de se apear, e em um instante forão desarmados e saqueados. Emquanto os Paraguayos atavão os dous homens mais velhos, um official oriental approximou-se do homem de côr, e lhe disse ao ouvido que se declarasse escravo se queria conservar a vida, e foi o que lhe valeu. O menino escapou á morte por dizer que o levavão á força, e por declarar que sabia escrever. Emquanto aos dous homens mais idosos, depois de os ter tido nas estacas o resto daquelle dia e toda a noite, os Paraguayos os degolarão no dia 26 de manhã, e degollarão juntamente com elles dous soldados nossos que tinhão aprisionado antes. O mocinho, o mulato e o cabo Mariano fugirão dos Paraguayos durante o ataque do dia 26.

Capitulo V

Desordens nas villas e na campanha de Missões.

Como temos visto, os Paraguayos effectuarão sua passagem do rio Uruguay no dia 10 de Junho, e naquelle mesmo dia quasi toda a povoação de S. Borja se retirou da villa. Sómente a 9 ou 10 de Julho, um mez depois, é que alguns habitantes principiarão a entrar em S. Borja para verem os estragos que tinha havido em suas casas.[1]) Os Paraguayos entrarão em S. Borja no dia 12 de Junho depois do meio-dia, e occuparão-a até o dia 22 de tarde; porém sómente de dia, porque de noite se recolhião a seus quarteis. Nos dias 11 e 12 de manhã durante as noites de 12 a 22, e posteriormente até 10 de Julho, alguns poucos dos moradores que tinhão ficado em S. Borja fizerão uma especie de saque por sua conta, e consta mesmo que se misturarão aos Paraguayos para saquear, e depois da sahida delles reunirão o que puderão para si, do que os Paraguayos tinhão deixado meio estragado, e que ainda podia-se aproveitar.

Tanto é que a 19 e 20 de Agosto a policia de S. Borja ahi descobrio alguns depositos de fazendas, de generos e de moveis em algumas casas occupadas por moradores durante o saque dos Paraguayos, e o digno juiz municipal, Dr. Lacerda, prendeu aos que tinhão feito este deposito, e entrou a fazer diligencias para descobrir aquelles que, valendo-se da occasião, tinhão-se apoderado do alheio. Infelizmente até agora não se adoptarão estas medidas, que me tinhão assegurado executadas. Este juiz não tinha escrivão, e não podia funccionar, além de que a residencia na villa não era assás segura, e uma nova apparição do inimigo, que se temia, teria transtornado tudo e não deixava bastante liberdade para estas diligencias. O mesmo devia ter acontecido na villa de Itaqui, donde as familias se retirarão a 11 e 12 de Junho, e onde o inimigo entrou sómente a 7 de Julho. Consta que houve até partidas de salteadores que avançarão antes de 7 de Julho a Itaqui para

1) Mui poucos forão os homens que deixarão-se ficar em S. Borja, e nenhuma familia ahi regressou, como em Itaqui, com receio de que os Paraguayos regressassem a estas villas. Sómente depois que se propagou a noticia da entrega dos Paraguayos em Uruguayana, depois da visita de S. M. o Imperador a estas villas, é que as familias que puderão principiarão a regressar para as suas casas em fins de Setembro, e durante o mez de Outubro. Durante todo esse tempo, tanto as villas como a campanha forão o theatro de mil desordens.

roubar as casas desoccupadas, e que os estrangeiros que tinhão ficado na villa matarão, durante a noite, um dos principaes especuladores que emprehenderão esta nova especie de commercio.

Seria preciso que se procedesse a uma grande devassa para se descobrir a mór parte dos roubos que por esta fórma se fizerão nas villas de S. Borja e de Itaqui, e seria preciso escrever muitas folhas de papel para narrar todos os factos reprovados pela justiça que forão nellas praticados pelos Paraguayos cá do Brazil. O mesmo acontece pelas desordens que se commetterão pela campanha. O saque, a pilhagem, a destruição não forão unicamente feitos pelos Paraguayos nos lugares onde passarão; tivemos que lamentar quasi as mesmas desgraças em lugares onde elles não chegarão, e póde-se dizer que na circumferencia de 25 a 30 leguas das villas de S. Borja e de Itaqui, todas as casas que forão desamparadas por seus donos forão arrombadas e saqueadas. E com isso digo tudo, porque me é impossivel dizer e saber quaes forão os autores de tamanhas desordens.

Sei que desertores de nossas forças, em grande numero, e alguns malfeitores conhecidos por taes corrião não sómente pelas estancias e casas saqueadas pelos Paraguayos, subtrahindo o que tinha escapado á sua voracidade, á sua cubiça e a seu genio de destruição, como que percorrião a campanha fazendo a mesma cousa em toda a parte. Sei que alguns homens honestos, pensando subtrahir recursos ao inimigo, tocarão nos lugares mais vizinhos onde este se achava a cavalhada e os gados abandonados por seus donos com intenção de os restituir.

Essa columna paraguaya de que já fallei assassinou sete Brazileiros, segundo narrão, naquelle districto; e com certeza quatro, chamando-se tres destes ultimos Pedro Nunes de Siqueira, um Ivo e um Caetano de tal.

Durante o mez de Junho alguma forças paraguayas se mostrarão na costa do Uruguay, e passando pelo Passo dos Garruchos saquearão algumas estancias e casas de nosso districto de Camaquã. Não tardou a chegar por esses lugares, em Agosto, uma brigada do Sr. barão de Jacuhy, e o major Isaias tratou de reunir um novo corpo em S. Nicoláo, procedendo a um recrutamento que desesperou as pobres familias, e que pelas providencias que tomou fez levantar grandes clamores não só aos moradores do districto de Camaquã, como aos do districto de S. Luiz, e mesmo aos moradores do departamento de S. Xavier, do outro lado do Paraguay, e aos dos Hervaes, de Corrientes.

Não me compete decidir se estes homens erão justos ou não; porém a desordem chegou a tal ponto que os animaes vaccuns e cavallares parecião ser de propriedade geral, e que houve homens que pararão rodeios em estancias alheias, e que tocarão todos os animaes que encontrarão, indo-os vender ao longe, formar invernadas a grandes distancias, e até fazendo marcas de arcos de barril para contramarcar os ditos animaes. Muita cavalhada assim tomada e roubada foi vendida para a nação, e uma vez *reiunada* está perdida para seus donos toda esperança de a rehaver.

Com o mesmo fim de tirar recursos ao inimigo, ou por não terem cavallos para os caminhos, os proprios soldados levavão ordinariamente todos os cavallos que encontravão, e os deixavão a 15, 20, 30 e mais leguas da estancia de seus donos, espalhados em diversos pontos, de sorte que estes os têm por perdidos e lhes ha de ser impossivel reunir, se não morreram no serviço. Ha estancieiros de Missões que possuião 800 cavallos, e que só têm agora 20, perdendo portanto 780, que lhes desapparecerão desta fórma.

O estancieiro de quem fallo aqui é o Sr. tenente Felisbino José Pinheiro, bizarro official do corpo provisorio n. 22. Ouço dizer que forão os proprios soldados da 1.ª brigada que estragarão os moveis das casas do Rincão da Cruz, e que ahi commetterão varias desordens apezar da vigilancia do coronel Fernandes. Escreverão-me da cidade de Alegrete, que os soldados da 1.ª divisão ligeira commetterão as mesmas desordens na comarca de Alegrete. Mais de 300 cavallos forão levados desta mesma maneira da estancia de Santa Rita, pertencente ao Exm. Sr. conselheiro barão de Porto-Alegre, no municipio de S. Borja.

Houve certo espertalhão que para melhor conseguir seus fins se deu por capitão encarregado de prender os desertores, e de reunir gente para a brigada do Sr. coronel Fernandes, que seguio a campanha desde perto de S. Borja, até proximo da serra de Iguaraiaçá juntando toda a cavalhada que encontrava, e roubando mesmos os cavallos mais gordos e de mais estimação das familias emigradas, e que dizia que ia fazer uma expedição a S. Borja para descobrir se ainda os Paraguayos se achavão na villa (isso se passava em principios de Julho), e que queria ser um dos primeiros a entrar. De certo elle pretendia fazer um descobrimento semelhante ao que fez outro sujeito de que vou fallar.

Outro individuo, tambem grande especulador, sahio de perto de S. Martinho com seus tres ou quatro homens. Tomou o titulo de alferes, que ia de sua livre vontade em descobrimento das forças paraguayas (era tambem em principios de

Julho), para tranquilisar as pobres familias emigradas. S. S. ia mal montado, mal armado, e levava apenas umas malas vazias. Mostrava muita compaixão para com os desertores que encontrava mal vestidos, dizia-lhes que tinhão feito bem de desertar, visto serem tão maltratados por seus chefes, e conseguio levar comsigo alguns desses desertores, pedindo cavallos emprestados pelo caminho.

O supposto alferes chegou aos arrabaldes de S. Borja, onde achou alguns homens vindos de fóra, que não tinhão animo de entrar na villa com receio de que nella existissem ainda forças paraguayas. Elle mostrou muita coragem, e conseguio entrar com elles na villa antes do regresso de qualquer outra pessoa. Alli se constituio de sua propria autoridade, *alferes de policia,* e policiou tão bem que alguns dias depois sahio da villa com dous cargueiros carregados, e se juntava com quatro companheiros seus, que tinhão ficado como a uma legua da villa reunindo toda a cavalhada dos suburbios.

O que valeu a alguns moradores de S. Borja naquella occasião, é não sómente que com o supposto alferes entrarão algumas pessoas de fóra, como já tenho dito, mas que logo depois chegou o alferes Joaquim Vieira de Oliveira com vinte e tantos soldados, encarregado pelo commandante da brigada de policiar a villa; senão talvez tivessem acontecido nella algumas desgraças, pois consta que o supposto alferes de policia levava por escripto o nome dos tres principaes negociantes que tinhão ficado em S. Borja, que assegurão tinha elle proposito de justiçar como cumplices dos Paraguayos para saquear depois suas casas, as unicas quasi que tinhão ainda algum sortimento.

Posteriormente o mesmo individuo veio procurar dentro da villa attestados de sua conducta, que me consta lhe derão os moradores que nada soffrerão delle. Direi de passagem que não é este o unico crime projectado que felizmente não pôde realizar-se. Pessoas sérias me tem contado que a umas 18 leguas de S. Borja, por vingança politica ou por estupidez, um outro individuo tencionou ir esperar em uma estreita passagem, no mato, o vigario de S. Borja, que por ahi se achava emigrado, sob pretexto que no mato (a umas trinta e tantas leguas do inimigo) o vigario ia-se communicar com elle.

Quando em seu regresso o supposto alferes subio a serrinha de Iguaraiaçá, já levava onze companheiros que tocavão 160 cavallos de differentes marcas e donos, e ia reunindo os cavallos e mulas que encontrava pelos campos, tirando ás vezes ás pessoas que via as armas que ellas levavão.

Não devo omittir de citar um crime horroroso que se commetteu no districto de S. Xavier, termo de Itaqui, junto ao povinho do boqueirão de S. Thiago.

Ahi no dia 16 de Julho appareceu barbaramente assassinado o Italiano Luiz Vignolle, homem intelligente e activo, que, apezar de sua avançada idade, tinha estabelecido nestes ultimos annos diligencias particulares de Pelotas a Alegrete, e que acabava de contratar o fornecimento geral de pão para o exercito brazileiro. No dia 8 de Junho este prestimoso cidadão chegára de Bagé a S. Borja acompanhado de varios officiaes de padeiro para nesta villa principiar o fornecimento. No dia 10 de Junho teve que fugir a pé com a mór parte dos moradores da infeliz villa, conseguindo fazer levar suas canastras em uma carreta de familia.

Depois de varios gyros o Sr. Vignolle ficou addido a um comboio de emigrantes que estabeleceu seu acampamento de carretas á margem de um arroio no lugar já citado.

Conservava comsigo alguns officiaes de padeiro, e entre elles um joven allemão de 16 annos de idade. Quasi ao anoitecer, no dia 15 de Julho, o Sr. Vignolle e o Allemão sahirão do acampamento para pescar em uma especie de lagôa que formava o arroio. O Allemão levou emprestado um machado, com o qual, disse elle, queria cortar umas ramas para tapar melhor sua cabeça e tambem para abrir picada se preciso fosse.

O caso é que o Allemão não tardou a regressar, dizendo que D. Luiz o mandára procurar uns charutos em suas canastras. Com effeito, elle trazia as chaves das canastras de D. Luiz Vignolle, que as abrio. Dellas tirou alguns objectos (sem duvida o dinheiro), algumas roupas, e foi muito a seu descanso pegar um cavallo que estava á soga e desappareceu sem que ninguem suspeitasse de nada.

No dia 16 de manhã, como D. Luiz não tivesse regressado da pescaria, em cujo entretenimento ás vezes costumava passar uma parte da noite, foi-se á sua procura. O miseravel ancião foi encontrado dentro da lagôa, morto por dous golpes de machado, um sobre a nuca e outro na altura dos olhos, e descalço. O perverso Allemão o tinha assassinado, lhe tinha tirado os botins, apoderando-se das chaves das canastras, e lhe fôra roubar o dinheiro e algum vestuario, e se escapára.

Derão-me noticia de mais quatro assassinatos perpetrados por desertores e malfeitores, sem que eu saiba os pormenores, assim como de alguns roubos de moças. Emquanto a roubos de bens moveis, e sobretudo de cavallos e gado, são tão numerosos que não têm conta. Póde-se dizer, sem medo

de errar, que os habitantes de Missões entre os rios Uruguay, Ibicuhy, Itú e Juhy Grande perderão em geral a maior parte de seus bens moveis e ficarão arruinados. Maiores perdas soffrerão todavia os vizinhos de S. Borja e de Itaqui, por cujos campos e casas transitou o exercito inimigo, que queimou uma porção de casas, inutilisou todos os trastes que não pôde carregar, e estragou todas as criações de animaes de qualquer especie que fossem.

Eu tinha escripto o que precede antes que o inimigo passasse o rio Ibicuhy, desde o Passo de Santa Maria até Uruguayana. Por todo o caminho que o inimigo trilhou queimou todas as casas que encontrou, queimando e saqueando todos os moveis, apoderando-se dos gados de toda a especie, e causando os mesmos prejuizos no caminho de S. Borja a Itaqui.

Em pricipios do mez de Setembro, quando os alliados apertarão mais o sitio de Uruguayana, onde estava encerrada a divisão inimiga, tratou-se de formar um novo corpo no centro dos municipios de S. Borja e de Itaqui. Mui pouca gente se achava nesta campanha apta para o serviço militar; porém, pretendendo-se, a toda a força, formar um novo corpo, os encarregados da reunião recrutarão quasi todos os varões que encontrarão, de 10 annos para cima, aptos ou não para o serviço, deixando ao desamparo e na desolação multidão de familias, que ficarão sem um só homem para carnear, e comitivas de carretas de emigrados sem um só homem para jungir os bois ás carretas, e portanto na impossibilidade de caminhar e de regressar para suas casas, agora que podem vir sem receio do inimigo.

Não erão sufficientes os males que todos soffremos por causa da invasão do inimigo; porque é que, estando livres delles, as infelizes familias continuão a soffrer os mesmos males, e ainda peiores vexames, como os que aponto aqui em termos demasiado brandos? Pela mesma falta de homens durante o mez de Outubro não se pôde estabelecer açougue em S. Borja; e as familias que a essa villa regressarão tiverão que passar muita fome, havendo aliás quasi plena escassez de todos os generos alimenticios. O seu unico recurso até fins de Outubro foi um pedaço de carne, que lhes davão como de esmola de sua ração os soldados quando o podião fazer.

Capitulo VI

Approximação do inimigo a Itaqui. — Saque da mesma villa. — Retirada dos Paraguayos de Itaqui e sua passagem do rio Ibicuhy no Passo de Santa-Maria.

Depois de sua derrota no dia 26, sem tratar de sepultar seus mortos, a vanguarda paraguaya procurou fazer juncção com o corpo de seu exercito que se achava na vizinhança do passo real do rio Butuhy. Depois de ter passado este rio, o exercito queimou a casa do official Belizario Lopes da Silva, e, tendo incorporado os restos de sua vanguarda, destacou uma força consideravel para ir procurar o campo de batalha, que não encontrou.

Em seguida a força inimiga saqueou e incendiou as moradas de casa da estancia do coronel José dos Santos Loureiro, e se dirigio pouco a pouco para o acampamento do Passo das Pedras, sendo sempre observado pela brigada do Sr. coronel Fernandes, que esperava com anciedade que o general Canabarro se viesse junta a elle com sua divisão e com a artilharia de que dispunha, para desbaratarem de uma vez o inimigo, quasi todo composto de infantaria, e que elle não podia prudentemente atacar sem artilharia e quasi sem infantaria. Porém vã esperança!

Do Passo das Pedras o exercito paraguayo se dirigio em mui pequenas marchas sobre a cochilha por onde passa a estrada geral que vai da Cruz Alta e dos Hervaes para a villa de Itaqui. Ahi, durante alguns dias de chuva e de frio, descuidando-se um pouco da boiada das carretas que acompanhavão o exercito, o valente major Docca lhes arrebatou 118 bois no dia 2 de Julho, e mais 9 bois no dia 4, que apezar de seus esforços os Paraguayos não puderão rehaver, puxando depois suas caretas a braços, segundo affirmão. Mas elles se vingarão de seus guardiões dos bois, degollando dous delles no lugar do pastoreio, onde os deixarão nús e sem sepultura. Esta boiada gorda aprezada ao inimigo dá signal de ter sido trazida do Paraguay, ou ao menos de Corrientes, por serem todos bois de carro. Ella foi levada para S. Francisco de Assis.

O coronel Fernandes conservou-se na espectativa do exercito paraguayo pelos lados do rio Ibicuhy, e da sua Estancia da Lagôa, e pelo Rincão da Cruz, arrebanhando as cavalhadas e os gados que podia para não cahirem em poder dos Paraguayos, estando persuadida a officialidade da brigada

que emquanto não chegassem reforços de infantaria e de artilharia era escusado atacar o exercito paraguayo, quasi todo composto de infantaria montada.

Entretanto, do outro lado do rio Uruguay, pouco mais ou menos, em frente de Itaqui, se divisava outra força paraguaya, que se suppôz composta de 5000 homens, e constou que as canôas que servião ao inimigo para passarem o Uruguay, em S. Borja, estavão descendo o rio, e que acompanhavão mais ou menos a marcha do exercito de terra. Devo notar aqui, uma vez por todas, que a divisão paraguaya que se achava sobre o nosso territorio na margem esquerda do rio Uruguay, a columna inimiga que se achava sobre a margem direita do mesmo rio, e as canôas que elles tinhão, marchavão sempre a par. Assim sahirão de S. Borja, assim chegarão a Itaqui, assim forão á Uruguayana, servindo-se das canôas para passar forças de um lado ao outro do rio quando necessitavão, ou quando bem lhes parecia.

Em sua approximação da villa de Itaqui, os Paraguayos saquearão todas as casas que encontrarão, e a quasi todas atacarão fogo, que em algumas mui poucas se apagou por si mesmo sem as queimar. Porém é certo que a 4 ou 5 leguas de Itaqui uma unica casa escapou do incendio. As cavalhadas e os gados tambem forão arrebanhados pelos Paraguayos, que depois de sua entrada em Itaqui fizerão passar ao outro lado do rio Uruguay em numero de 12.000 cabeças, segundo ouvi dizer. Tudo era recebido do outro lado do rio, o mesmo que o saque de Itaqui, pelas forças inimigas que ahi se achavão e a que davão o competente destino.

Foi no dia 7 de Julho que o exercito paraguayo fez a sua entrada na villa de Itaqui, abandonada pela maior parte das familias desde 11 e 12 de Junho. Sómente alguns estrangeiros e suas familias ahi tinhão ficado para receber tão estranhos hospedes. Os Paraguayos procederão ao saque de Itaqui da mesma maneira que tinhão procedido ao saque de S. Borja, e como tenho-me estendido bastante sobre o saque daquella ultima villa julgo desnecessario estender-me para descrever o desta.

Quem lê a descripção de um póde fazer uma idéa exacta do outro. A unica differença que ha entre os dous é que, tendo tido as familias de Itaqui tempo de retirar uma parte de seus moveis, e os negociantes uma parte de suas fazendas, o inimigo não achou ahi tanto que saquear como em S. Borja; porém vingou-se desta penuria contra os estrangeiros que tinhão ficado em Itaqui, que pela maior parte perderão consideravelmente em seus interesses.

Tal era o máo trato que se lhes dava, que um Francez chamado Mosqueira, aproveitando a licença que os Paraguayos offerecerão aos moradores de Itaqui de irem até o Povo da Cruz, sito duas leguas ao sul do outro lado do Uruguay, onde os Paraguayos tinhão já forças, preferio abandonar sua casa e seus interesses em Itaqui, fazendo-se despachar para o Povo da Cruz, e em lugar de abordar ao porto deste Povo o Francez seguio aguas abaixo e fugio. Os paraguayos se vingarão delle destroçando completamente a sua casa, e inutilisando absolutamente seus moveis, como bilhar, etc. Um official paraguayo tinha levado de S. Borja uma carta de recommendação de um Italiano para outro Italiano residente em Itaqui.

O official não se importou muito de procurar o Italiano a que ia recommendado, porém, em uma reunião onde ambos se achavão, ouvio nomear o Italiano por seu nome. Então, dirigindo-se a elle, perguntou: „Vm. é fulano? Sobre a resposta affirmativa do Italiano o cortez official lhe disse: „Estimo muito achal-o, porque trago uma cartinha de recommendação para V. E hoje vou jantar com V." O Italiano, julgando ter achado um protector neste official, o levou alegre para sua casa e lhe deu um excellente jantar. Ao meio da comida o official queixou-se de não ter um ponche, e pedio ao Italiano que lhe regalasse um. Este disse que só tinha um de seu uso; este mesmo serve, retorquio o Paraguayo.

Depois do jantar este formulou outro pedido. Estou fóra de minha patria, disse elle, e mui pobre; não tenho onde me rebuscar; procure-me algumas oncinhas de que preciso, lh'as devolverei depois; porém V. deve-me dar algumas oncinhas de qualquer maneira que seja. O que o Italiano teve que cumprir, pagando assim caro a carta de recommendação que lhe levava o esperto official paraguayo.

Geralmente fallando, os moradores que se deixarão ficar em Itaqui soffrerão mais em seus interesses do que aquelles que se deixarão ficar em S. Borja. O saque das casas dos ausentes foi o mesmo, porque na villa de Itaqui, como na de S. Borja, saquearão tudo o que puderão, estragarão e inutilisarão tudo que não quizerão ou não puderão carregar. Os moveis ficarão estragados, as portas e janellas das casas ficarão arrombadas e abertas, os vidros, os copos e as louças todos quebrados.

A villa de Itaqui é uma povoação nova, que tem tido um augmento rapido por causa do extraordinario desenvolvimento do seu commercio de herva mate. Não foi possivel durante os poucos annos de sua existencia fazer nella bons edificios de pedra, de tijolo, cobertos de telha, para accommodar a crescente população. Varios habitantes remediados e toda a pobreza tinhão casas de páo a pique cobertas de capim,

que ião pouco a pouco substituindo por melhores edificios. Os Paraguayos, sentindo falta de lenha para o fogo em Itaqui, por causa da falta de madeiras na costa do Uruguay naquellas paragens do sul, desmancharão todas as casas de capim, afim de fazerem lenha para queimar. Assim os inhumanos invasores deixarão sem abrigo na villa de Itaqui uma porção de familias das mais pobres.

O que os depravados Paraguayos praticarão na villa de S. Borja com o sexo debil foi por elles tambem praticado em Itaqui, e até me assegurão que nesta ultima villa a sua depravação teve incremento. Em algumas casas as infamias que praticarão forão aggravadas por taes actos de crueldade e de barbarismo que causa horror nellas pensar.

Varias motivos exigem meu silencio a respeito. Não sómente os enviados do barbaro despota Lopez maltratarão, desrespeitarão a infeliz familia do subdito portuguez Antonio Gomes Jardim, que deixára-se ficar em Itaqui, mas ainda degollarão a este desgraçado, depois de o terem conservado preso alguns dias, applicando-lhe torturas, com o fim de descobrir alguns factos de que o suppunhão inteirado.

O Sr. Jardim fôra alguns annos secretario particular do Sr. coronel Fernandes, porém subsistia agora de sua industria e de sua agencia. Os paraguayos prohibirão de dar sepultura a seu cadaver, que depois foi encontrado em estado de putrefacção e com a cabeça quebrada, o que fez suppôr que lhe tinhão applicado a tortura do torniquete.

Em Itaqui foi tambem assassinado pelos Paraguayos um patricio seu velho, que, confiado em sua idade e em sua nacionalidade, tinha-se deixado ficar em sua villa. Porém para as hordas brutas do selvagem Lopez todo o Paraguayo que sahio do seu paiz é inimigo do Paraguay, e é procurado por seu exercito (como fez em S. Borja a respeito de alguns Paraguayos que ahi existião) afim de lhes applicar a pena dos traidores.

Em sua invasão devastadora nesta fronteira do Uruguay, pouco ou nenhum respeito tem tido o exercito paraguayo para com os estrangeiros. Para elles, os Portuguezes são Brazileiros, e como taes tratados. Em algumas casas de negocio os soldados do frade Duarte têm procurado abaixar a bandeira hespanhola ou italiana, para as poder saquear com franqueza e a seu gosto. Em outras casas estrangeiras saquearão tudo o que lhes cahia sob as mãos, e fazendo-se-lhes observar que uma bandeira estrangeira tremulava naquella casa, e que portanto elles a devião respeitar, sua resposta era que não fazião injuria nenhuma á bandeira, que elles a respeitavão, mas que as fazendas que tomavão não era a bandeira, nem tinhão nada

com ella. E assim sempre conseguirão o seu intento, que era saquear.

Os Paraguayos fizerão passar ao outro lado do rio Uruguay os objectos que tinhão saqueado em Itaqui, e tudo foi conduzido em carretas e levado ao Paraguay. Formou-se para esse fim um comboi de quatorze carretas, das quaes sete erão carregadas de objectos e de fazendas saqueadas, e sete com soldados feridos e doentes. Esta comitiva passou por S. Thomé em caminho para o Paraguay, sendo escoltada por 50 soldados.

A igreja matriz de Itaqui não foi tão maltratada pelo inimigo como a de S. Borja; mas foi tambem arrombada e profanada. Consta que as alfaias da igreja forão pelos Paraguayos saqueadas na casa de um estrangeiro onde tinhão sido depositadas.

Consumada a obra do saque de Itaqui, o exercito inimigo principiou a evacuar a villa, e della se retirou a 18 e 19 de Julho, tomando a direcção de Uruguayana e costeando o rio Uruguay, pela margem esquerda. Acampou na fazenda do tenente-coronel José da Luz Cunha, que devastou, queimando a rica sotéa, onde o commandante do corpo provisorio n. 10 tivera sua residencia habitual. Para ir á villa de Uruguayana o exercito paraguayo tinha que atravessar o possante rio Ibicuhy, que desemboca no rio Uruguay umas nove leguas ao norte de Uruguayana, e umas sete leguas ao sul de Itaqui. Em mui poucos dias percorreu esta ultima distancia, e se achou sobre o Passo de Santa Maria no Ibicuy, que se acha mui proximo da barra deste rio, no Uruguay.

A brigada inteira do Sr. coronel Fernandes flanqueava o inimigo pela esquerda, e tomava sua retaguarda. Durante tres dias a guarda nacional missioneira sustentou guerrilhas contra o exercito invasor, que disparou contra ella mais de 3000 tiros de espingarda e 26 tiros de peça, que unicamente ferirão um cavallo velho e magro. Dizem que o commandante da 1.ª brigada recebera ordem do general de sua divisão de não atacar o inimigo; portanto, a mesma brigada teve que ser espectadora passiva da passagem do exercito paraguayo no Passo de Santa Maria no Ibicuy,[1]) e esta passagem se achou

1) A brigada do Sr. coronel Fernandes aprisionou naquella occasião um tenente e dous soldados paraguayos que vinhão do outro lado do Uruguay, com despacho para o exercito deste lado do rio. O coronel Fernandes remetteu estes prisioneiros para o quartel-general da divisão Canabarro.

Soube-se depois que era um sargento e não um tenente que se aprisionou.

effectuada no dia 23 de Julho á tarde, sem que se désse um tiro na margem opposta do Ibicuy para a impedir!!!

Sem embargo as familias em seu retiro vião aggravarem-se cada dia mais os trabalhos e as miserias da emigração. Acampadas pela mór parte na beira dos matos, estavão soffrendo cada vez mais frio e fome. De frio por causa dos rigores da estação invernosa que progredia diariamente, e pela falta de roupa, porque o pouco vestuario que tinhão levado já se achava quasi sem serventia, e carecião de meios para o substituir. De fome pela falta de mantimentos nos desertos de seu retiro, e porque o pouco gado que tinhão conduzido tinha-se em parte perdido, por não ter quem o cuidasse, e o que ficára tinha emmagrecido summamente pela mudança de pasto. Esta circumstancia do emmagrecimento dos animaes tornava tambem quasi impossivel sua mudança de acampamento, dado o caso que as familias tivessem que fugir para mais longe; porém ellas nutrião a esperança, e tinhão quasi a certeza de poderem regressar brevemente para suas casas, para seus campos... e esta illusão alliviava, mitigava seus padecimentos.

Poucos dias depois da invasão paraguaya em S. Borja dava-se por certo que o brigadeiro Canabarro já estava em marcha, que a brigada do coronel João Antonio da Silveira já estava passando o Ibicuhy, que o commandante da divisão não tardaria a chegar com artilharia e infantaria, e que em S. Borja mesmo o inimigo ia ser derrotado. Correu tambem por certo que o general Caldwell sahido do Rio-Pardo a 7 de Maio para S. Borja, não podia tardar a chegar, e todos estavão persuadidos que, achando-se este intelligente e veterano chefe á testa de nosso exercito, havia de tomar providencias activas para expellir quanto antes o inimigo do nosso territorio.

Cidadãos que merecião credito e vindos da cidade de Bagé asseguravão que o Sr. barão de Jacuhy tinha sahido daquella cidade a mez e meio com sua divisão, e que com ella S. Ex. marchava dia e noite para S. Borja. Outros davão noticia de forças brazileiras vindas da republica oriental, e que já se achavão em nossa fronteira e Quarahim. Estas noticias em globo, e mesmo cada uma de per si, infundião animo e esperança entre as familias da fronteira. Ellas esperavão que o inimigo fosse completamente batido: 1.º na villa de S. Borja, 2.º no Passo do rio Butuhy, 3.º no Passo das Pedras, e 4.º finalmente no Passo de Santa Maria no rio Ibicuy.

Porém tendo-se propagado a infausta nova de que o exercito paraguayo tinha effectuado sua passagem no rio Ibicuhy sem que se désse um tiro em nosso exercito para lhe impedir a passagem em um ponto, ao dizer da pluralidade

dos homens, tão apropriado senão para bater, ao menos para enfraquecer o inimigo, o desanimo, e até a desconfiança se apoderou de uma parte das familias e dos habitantes da fronteira do Uruguay.

E, com effeito, nunca o governo tratou esta fronteira com mais descuido que agora, precisamente na circumstancia em que ella é ameaçada e depois invadida por um inimigo selvagem e barbaro. Logo depois da conquista das sete Missões Orientaes do Uruguay, o governo considerou a fronteira do Uruguay como da maior importancia, e mandou para a commandar officiaes de linha de reconhecida bravura e intelligencia, como forão o marechal Francisco das Chagas Santos e outros, e S. Borja foi sempre a parada de alguns batalhões de linha; sempre nella houve algumas peças de artilharia, chegando até a decretar que a villa de S. Borja fosse a parada do 8.º batalhão de caçadores, e a deixar nella parte do regimento n. 25 de cavallaria miliciana, se bem que insufficientes, como observa em seus annaes o visconde de S. Leopoldo, para guardar a extensa barreira do Uruguay. Quando o governo do Brazil se preparou para a gloriosa expedição que teve em resultado a pacificação da Republica Oriental do Uruguay, e a expulsão do tyranno de Buenos-Ayres; além das guardas nacionaes desta comarca, estacionou na villa de S. Borja uma brigada de tropa de linha ao mando do coronel Feliciano Antonio Falcão: isso era em fins de 1850 e a principio de 1851.

Em tempo de paz, quando esta fronteira nada tinha a receiar do inimigo, o governo mandou a S. Borja pelos annos de 1854, 1855, 1856, etc., uma secção de artilharia ao mando do tenente Manoel Gama Lobo d'Eça, uma ala de infantaria ao mando do capitão Salustiano Jeronymo dos Reis, o 2.º regimento de cavallaria; e o Sr. brigadeiro Manoel Luiz Osorio, commandou alguns annos a fronteira de S. Borja.

Em fins de 1857 e principio de 1858, quando estava imminente um rompimento entre o Imperio do Brazil e o Paraguay, o governo brazileiro mandou para a villa de S. Borja uma brigada de tropa de linha commandada pelo coronel Sampaio, além da guarda nacional da comarca que ahi se achava destacada. Naquella occasião uma divisão de 6000 homens commandada pelo bravo marechal Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, foi enviada pelo governo ás margens do Ibicuhy, em estado de entrar immediatamente em operações.

Quasi pelo mesmo tempo o governo do Imperio, reconhecendo a necessidade de ter uma esquadrilha no rio Uruguay, mandou organisar uma para segurança desta fronteira; porém o mesmo governo a mandou desarmar quasi ao mesmo tempo em que mais necessidade havia della.

A importancia que derão á fronteira de S. Borja e do Uruguay os governos anteriores, contrasta de uma maneira notavel com o descuido do governo para com ella na guerra actual com o Paraguay. Desde 30 de Agosto de 1864 o despota que governa o Paraguay atira a luva á face do Brazil; a 12 de Novembro declara a guerra por um acto de selvagem pirataria; no mez de Dezembro as tropas paraguayas invadem uma provincia brazileira e commettem toda sorte de atrocidades.

Desde então os empregados da fronteira de S. Borja, e mesmo os particulares, participão ás autoridades superiores, aos generaes, ao presidente da provincia, os preparativos que se fazem no Paraguay para invadir o nosso territorio, falla-se-lhes no numero das forças do inimigo, explica-se-lhes que construirão canôas, que têm carretas promptas para transportar estas canôas, á beira do rio Uruguay, dá-se-lhes parte da marcha do inimigo, a imprensa de toda a provincia repete os mesmos avisos e estimula o governo.

A unica medida que o governo toma é mandar reunir com atropellação a guarda nacional da comarca de Missões, sem ao menos cuidar de lhe mandar armas e fardamento, e pensa ter por esta fórma posto em salvaguarda a fronteira do Imperio. O inimigo se approxima desta fronteira; a 9 de Maio de 1865 apodera-se do povo de Santo Thomé, sito a duas leguas ao norte de S. Borja, chega á barranca do rio Uruguay só lhe falta dar um passo, atravessar este rio, e a fronteira do Imperio é invadida. Novos avisos, novas participações, novos pedidos partem de S. Borja para os commandantes do exercito brazileiro, para o presidente da provincia; porém em vão!...

Emfim chega o malfadado dia 10 de Junho de 1865. O exercito paraguayo se apresenta em frente do Passo de S. Borja para atravessar o rio, e invadir a provincia do Rio Grande do Sul. Não ha um só lanchão de guerra para molestar o inimigo em sua passagem. Um punhado de homens, guardas nacionaes de S. Borja, fazem o seu dever, muitos morrem defendendo o sacrosanto sólo da patria; mas os outros tem que o ceder perante a numerosidade bruta do inimigo. Mas o exercito brazileiro!!! onde está?

A elevação da bandeira do cruel tyranno do Paraguay sobre a torre da matriz de S. Borja no dia 10 de Junho, arrancou um brado de indignação ao Brazil inteiro, desde o Amazonas até o Prata. Tudo está em movimento nas grandes cidades, nas opulentas provincias do Imperio Americano, todos jurão vingar esta nova afronta feita ao estandarte da terra de Santa Cruz. Legiões numerosas de voluntarios da patria empunhão as armas e vão ao encontro do inimigo. Chegarão

elles a tempo para afastar de nossa querida patria as grandes desgraças de que é ameaçada? Deos assim o permitta!

Mas entretanto quando o exercito paraguayo se apresentou no Passo de Santa Maria para varar o rio Ibicuhy e sahir do territorio das Missões brazileiras, já fazia quarenta dias que suas plantas profanavão o territorio do Imperio, sem que um só soldado (exceptuando o 1.º batalhão de voluntarios da patria que se lhe mostrou em S. Borja) se lhe apresentasse para embaraçar sua marcha, a não ser a valente guarda nacional de Missões e a 4.ª brigada que se lhe reunio depois.

Em quarenta dias depois da invasão do territorio do Imperio pelo inimigo, em setenta dias depois da chegada do inimigo na barranca do rio Uruguay em frente de S. Borja, não teve tempo o brigadeiro Canabarro, de se mover com sua divisão, com sua artilharia, de S. Gregorio, ou das pontas de Ibiraocay para a margem do rio Ibicuhy a disputar ao inimigo a passagem?

Que fazião o mesmo brigadeiro e o Sr. general Caldwell do outro lado do Passo de Santa Maria, que não fizerão dar um tiro aos bravos de sua divisão, ao ponto de ouvirem os nossos, que se achavão emboscados no mato, os Paraguayos gritarem: *Vamos a Uruguayana porque o Sr. Canabarro nos deu licença para ir.* Ao menos assim me contarão.

Esta estupenda passagem do inimigo no rio Ibicuhy; o abandono em que o brigadeiro Canabarro deixou o coronel Fernandes antes e depois da invasão paraguaya; o descuido do governo da provincia de não mandar approximar de S. Borja durante este tempo tropas brazileiras, sob o pretexto de uma informação erronea de que o clima de S. Borja é pestifero, o que é completamente desmentido pela experiencia, e pela experiencia mesmo do obsequioso informante; emfim a morosidade com que as diversas divisões do exercito brazileiro têm-se movido, sem se approximarem até agora do theatro da guerra, tem feito nascer na mente de bom numero de habitantes de Missões a idéa de que esta fronteira, esta provincia, erão victimas de um plano tenebroso que tendia a mudar a fórma do governo do paiz, sacrificando á barbaridade dos Paraguayos, que servião de instrumentos, as pessoas de mais influencia affectas á monarchia, e que podião oppôr seria resistencia a este plano nefando, talvez já de antemão designados aos algozes do presidente da *celebre* Republica do Paraguay, o que refiro aqui, não por ser esta minha opinião, porém para dar a conhecer as idéas e os temores dos habitantes da fronteira de Missões.

Mas felizmente poucos dias depois que o exercito inimigo se achava sobre a margem esquerda do rio Ibicuhy, espalhou-se

pelas serras, pelos sertões, e pelas campanhas onde se acha a emigração missioneira, a grata noticia da vinda de Sua Magestade o Imperador, o Sr. D. Pedro II, a esta provincia do Rio Grande do Sul. A proclamação de Sua Magestade o Imperador aos Rio-Grandenses, as medidas energicas tomadas pelo Sr. conselheiro Ferraz, ministro da guerra, a nomeação do Sr. tenente-general barão de Porto-Alegre para commandante em chefe do exercito brazileiro, tem feito renascer a confiança e a esperança no coração de todos os missioneiros, promptos sob a egide do pavilhão imperial a vingar a honra nacional e revindicar seus lares.

Quando chegou á capital do Imperio a noticia do escandaloso acontecimento da invasão de nossa bella provincia pelas hordas de salteadores do tyranno do Paraguay, o Sr. D. Pedro II determinou immediatamente voar em pessoa ao lugar do perigo. Nenhuma consideração pôde abalar a resolução do magnanimo monarcha. A 10 de Julho S. M. o Sr. D. Pedro II, com seu imperial acompanhamento deixavão a côrte. A 16 Sua Magestade desembarcava na cidade do Rio Grande, e em uma tocante proclamação convidava aos Rio-Grandenses a reunirem-se sob o pavilhão imperial para vingarem a honra nacional.

A 19 do mesmo mez o inclito monarcha brazileiro era recebido com uma alegria enthusiastica na capital da provincia do Rio Grande do Sul, onde confiava a administração da provincia e o commando das armas ao distincto general visconde da Boa-Vista, e de onde mandava incontinente o bravo tenente-general barão de Porto Alegre, tomar conta do commando em chefe do nosso exercito em operações nesta provincia.

Com a chegada do grande chefe desappareceu a fatal inercia que nos tolhia; tudo está em movimento, o facho do enthusiasmo aclarou todos os recantos de nossa provincia, sobre toda a superficie da qual se propagou com rapidez do raio a fausta noticia de estar *aqui* nosso Imperador modêlo, o Sr. D. Pedro II, que desde aquelle dia fica sendo o idolo do povo, do povo que divisa no seu imperante um pai extremoso, principalmente do povo da fronteira do Uruguay que confia nas energicas medidas do seu adorado monarcha, para bater quanto antes o exercito de salteadores que tem assolado nossas campanhas, saqueado e estragado nossas villas, e arruinado a maior parte dos seus habitantes.

Capitulo VII

Approximação do inimigo á Uruguayana. — Entrada na mesma villa, seu saque e deterioraçao.

A facilidade com que os Paraguayos effectuarão sua passagem no rio Ibicuhy, fez-lhes crear nova coragem. Elles consagrarão o dia 24 de Julho na coxilha de Japejú á alegria, festejando, quanto lhes era permittido em sua posição, o dia de S. Francisco Solano, cujo nome tem o seu grande *mariscal*. Ninguem os inquietou em seu descanso e em seus divertimentos, porque sómente umas pequenas forças commandadas pelo tenente-coronel Trindade, desprendidas da 1.ª divisão ligeira, tinhão-se approximado a distancia respeitavel delles, como para os reconhecer.

O Sr. brigadeiro Canabarro, á testa do grosso de sua divisão, tinha tomado posição áquem do rio Toropasso á esquerda da estrada real que segue para Uruguayana, contentando-se em arrebanhar alguma cavalhada e gado manso dos moradores mais vizinhos da estrada. Porém o inimigo encontrou muitos recursos de toda sorte de animaes nos campos que talava, nos rincões da costa do Uruguay, e aproveitou mesmo os animaes mansos retirados por nossas forças, porque elles fugião continuamente e procuravão suas querencias, onde os Paraguayos os aproveitavão, porque não encontrarão obstaculo nenhum em seguirem a estrada real, apoderando-se de tudo o que encontravão á sua direita e esquerda e continuando em sua tarefa de destruição, queimando todas as casas que se achavão em sua passagem.

O Sr. coronel Fernandes teve ordem de ir ao acampamento do Sr. brigadeiro Canabarro, emquanto a 1.ª e 4.ª brigadas principiavão sua passagem do rio Ibicuhy no mesmo passo de Santa Maria, e em seu regresso estas duas brigadas acabarão de effectuar sua passagem. O que feito, ellas flanquearão sempre a retaguarda do inimigo. Parece que houve projecto de atacar o inimigo pouco além da coxilha de Japejú, mas mas não sei o motivo que fez desistir os chefes de nosso exercito deste intento. O certo é que a divisão paraguaya continuou sua marcha pela estrada real, caminhando e parando quando bem lhe parecia, e fazendo o que queria.

Quando o inimigo caminhava, o brigadeiro Canabarro com o grosso de sua divisão caminhava em sua vanguarda, porém a distancia, na esquerda da estrada real; e o coronel

Fernandes com a 1.ª e 4.ª brigada seguia em sua retaguarda. Assim se passou o banhado de S. Marcos e assim se effectuou a marcha até o rio Toropasso. Então o brigadeiro Canabarro adiantou-se do inimigo e passou este rio no Passo Real, ficando os Paraguayos deste lado do mesmo passo, que dista como duas leguas da foz deste rio ao Uruguay.

O inimigo ahi fez alto varios dias, e suppôz-se que elle tinha receio de ser atacado na passagem do Toropasso, que é fundo e feio. Elle se occupou, sem ser inquietado, em formar uma especie de ponte na passagem do dito rio, e entretanto enviou parte da sua gente ao fundo do rincão, sobre o rio Uruguay, de certo para ver se conseguia restabelecer novas communicações com sua columna expedicionaria do outro lado do rio, cujas communicações acabavão de ser cortadas pela chegada do nosso vapor *Uruguay*, que tinha chegado armado em guerra, e que, collocado ao meio do rio, impedia todo o transito de canôas.

O chefe do exercito invasor mandou collocar uma bateria de algumas peças sobre a margem do Uruguay e bastante força para fazer fogo ao vapor, que, zombando dos tiros do inimigo, não cessou de lhe atirar emquanto elle se conservou naquella posição, e lhe inutilisou uma peça de artilharia. Não podendo ser bem succedido em seu intento, o inimigo tratou de passar o rio Toropasso o que sem novidade realizou em sua ponte.

Emquanto isso se passava, o coronel Fernandes com a 1.ª e 4.ª brigada ia despontar o Toropasso pelo Passo do Cemiterio, e ia se reunir á 1.ª divisão ligeira na costa do arroio Imbaá, um pouco acima do passo real do mesmo arroio. O inimigo ficou pacifico possuidor do rincão entre Toropasso e Imbaá, desde a estrada real até o Uruguay, onde queimou, destruiu todas as casas, agarrou todos os gados, e passou além do Imbaá pelo passo real quando lhe aprouve.

Por ordem do brigadeiro Canabarro a villa de Uruguayana tinha sido fortificada como para soffrer um sitio. Se ella não tinha sido cercada totalmente de fortificações, tinhão-se feito cercos de parede de tijolo, de taboas e varios fossos. Nella tinhão armazenado grandes provisões de viveres com o mesmo fim de sustentar um sitio. O Sr. general Canabarro tinha dado sua palavra aos habitantes da villa de Uruguayana que os Paraguayos não havião de entrar naquella villa, e em consequencia as casas de commercio e a alfandega estavão atopetadas de fazendas, e de generos; os particulares não tinhão quasi retirado seus interesses.

Mas quando o inimigo se achou no arroio Imbaá, como a umas duas leguas de Uruguayana, o Sr. brigadeiro Canabarro,

que nunca tinha ido visitar as fortificações e que talvez não as mandára dirigir por pessoas competente habilitadas, lembrou-se de as mandar examinar por uma commissão de homens profissionaes. Esta commissão cumprio o seu mandato no dia 3 de Agosto, e segundo se julga não as achou boas; em consequencia S. Ex. mandou no dia 4 inutilisar parte dellas, e foi só então que o commercio e os moradores de Uruguayana comprehenderão que sua villa ia ser entregue ao inimigo, como já lhe tinhão sido entregues as de Itaqui e de S. Borja. Porém não havia barcas no porto nem carretas na villa; força foi, pois, aos moradores de tratar de se escapar da melhor forma que podião, abandonando seus interesses.

Sem embargo no acampamento do exercito brazileiro, que se achava sobre a margem do arroiozinho Sauce, entre Uruguayana e o arroio Imbaá, havia então, além do brigadeiro Canabarro, o brigadeiro barão de Jacuhy e o tenente-general João Frederico Caldwell, que como commandante das armas da provincia era commandante em chefe do exercito brazileiro. Todos esperavão que este general em chefe intelligente e veterano mandasse atacar o inimigo sobre a margem esquerda do arroio Imbaá, no momento em que elle se punha em marcha para entrar em Uruguayana.

O general em chefe chegou mesmo a mandar estender a linha do nosso exercito para fazer o ataque; porém exigindo delle o brigadeiro Canabarro ordem por escripto de atacar, e não podendo S. Ex. se prestar a esta exigencia insolita de um subordinado, formou-se uma questão que a marcha do inimigo veio resolver a favor do brigadeiro Canabarro, pois elle já se achava tão approximado da villa que já nosso exercito não podia fazer suas manobras de ataque.

Sem embargo, o corpo do tenente coronel Bento Martins e mais algumas forças nossas se collocarão em frente da vanguarda paraguaya, entre o arroiozinho Sauce e a villa de Uruguayana. O general em chefe e o barão de Jacuhy forão tomar posição na esquerda, mui proximo á estrada real que seguia o inimigo, e mandarão pedir algumas peças de artilharia ao brigadeiro Canabarro, que tinha oito, para ao menos inquietar os Paraguayos em sua entrada na villa. Assegurão, porém, que o Sr. brigadeiro Canabarro lhes mandou quatro peças de artilharia, porém sem artilheiros e sem munições!!! A obra da entrega de Uruguayana estava consummada.

O tenente-coronel Bento Martins, indo sempre na vanguarda do inimigo, entrou pelo lado do norte, e atrás delle entrarão immediatamente os Paraguayos, e com tanta velocidade que dentro da villa ainda agarrarão alguns soldados do tenente-coronel Bento Martins, que atravessando a villa sahio

logo della pelo lado do sul. Seus pobres soldados que forão agarrados pelos Paraguayos forão por elles conduzidos a uma cochilha fóra da villa, nas vizinhanças do Cemiterio, onde acamparão, e ahi degollados á vista do brigadeiro Canabarro e de todo nosso exercito. Isto se passava a 5 de Agosto de 1865.

A noticia deste infausto acontecimento encheu de consternação todos os moradores da campanha da fronteira do Uruguay, e os teria desesperado e talvez feito tomar a muitos o caminho de Santa Catharina e de S. Paulo, se suas tribulações não tivessem sido mitigados pelo suave pensamento de que o solicito pai de todos os Brazileiros, S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, se achava na provincia com seus augustos genros os principes conde d'Eu e duque de Saxe, com S. Ex. o Sr. conselheiro Ferraz, nosso activo ministro da guerra, com o Sr. marechal marquez de Caxias e em geral com os melhores cabos de guerra do Imperio, como o Ex. Sr. tenente-general barão de Porto-Alegre ,que com suas sabias medidas havião de castigar brevemente a ousadia de nosso barbaro inimigo, que tudo destruio e devastou nos terrenos que talou.

Os Paraguayos encontrarão em Uruguayana mui poucas familias, e essas erão todas estrangeiras. Não tiverão maior respeito com ellas do que com as familias que encontrarão em S. Borja e em Itaqui. Primeiramente saquearão as casas dos ausentes, tanto brazileiras como estrangeiras, tanto particulares, como edificios publicos e casas de commercio. E durante o apertado sitio a que forão reduzidos, quando lhes faltarão os recursos nas casas dos ausentes, os forão procurar onde os achavão. E finalmente quando, poucos dias antes de sua rendição, consentirão que sahissem da villa as poucas familias que tinhão ficado dentro, afim de lhes poupar as desgraças de um bombardeamento, os Paraguayos se apoderarão de todos seus comestiveis e de todos seus interesses, levando com bem poucas excepções sua obra de destruição a todas as casas.

O saque foi feito em Uruguayana, como em S. Borja, como em Itaqui. Não me demorarei, portanto, em fazer sua descripção, enviando meu leitor ao que disse do saque destas duas villas. Farei sem embargo notar que, como o inimigo se demorou muito mais tempo dentro de Uruguayana do que de S. Borja e Itaqui, onde saqueou tudo, a sua obra de destruição foi mais pronunciada em Uruguayana, onde não sómente saquearão os interesses, inutilisarão os bens moveis, mas tambem destruirão grande numero de bens immoveis.

Em S. Borja saquearão todos os interesses, e, como a villa foi sorprehendida de uma hora para outra, encontrarão mais abundancia e mais riqueza, ao ponto de dizerem ainda agora nossos prisioneiros paraguayos que S. Borja é pequeno,

mas que o encontrarão mais riquinho que todos os outros povos. Mas, como só oito dias ahi se tinhão demorado, não inutilisarão absolutamente todos os moveis, nem fizerão damno de mais aos bens immoveis. Em Itaqui, cujos habitantes tinhão tido tempo de se prevenir, o inimigo encontrou menos para pilhar; mas, como não se demorasse muito, não inutilisou tão pouco absolutamente todos os bens moveis; porém, por falta de lenha, desmanchou algumas casas para ter lenha que qeimar.

Em Uruguayana o inimigo não encontrou grandes riquezas, porque seus donos as tinhão levado com antecipação; mas lá achou fazendas e comedorias, de que se utilisou sem nada deixar, e, como occupasse a villa desde 5 de Agosto até 18 de Setembro, teve tempo de inutilisar quasi todos os bens moveis; e para se fortificar, para construir lanchas afim de fugir e para ter lenha para o fogo, destruio grande numero de predios.

O inimigo em Uruguayana continuou as fortificações principiadas pelo brigadeiro Canabarro e circulou toda a villa com um fosso bordado de uma parede ora de tijolo, ora de taboas. Abateu todas as casas que se achavão fóra das fortificações para fazer servir os tijolos de que erão construidas as mesmas paredes das fortificações e para que as casas não servissem de reducto ás nossas forças. Lançou mão das taboas dos forros, dos soalhos das casas e das armações das casas de negocio para paredes e parapeitos nas fortificações.

Servio-se tambem de todas as taboas que encontrou, das portas, das janellas, das casas, dos armarios, dos caixões, para construir umas cento e tantas canôas grandes, das quaes forrou uma porção com couros, afim de se evadir nellas como tentarão fazer tres dias antes da conclusão do sitio. Servirão-se do mesmo material para construir dous fortes. Era com estas mesmas madeiras que elles fazião fogo, que accendião ás vezes dentro as casas, prendendo fogo a algumas e queimando o soalho de outras.

Desta fórma, a villa de Uruguayana foi prejudicada em um bom numero de casas, todos seus moveis forão inutilisados a ponto de não se achar alli, depois da entrega do inimigo, um copo, um vidro ou uma garrafa para preparar remedios para o grande numero de doentes nossos e do inimigo que ahi se achavão.

A matriz de Uruguayana foi saqueada e profanada. A propria imagem do Senhor Crucificado do altar-mór foi quebrada. Ignoro se suas alfaias tinhão sido guardadas de antemão, bem como os livros parochiaes.

Com as poucas familias de estrangeiros que se deixarão ficar dentro de Uruguayana ficou um Brazileiro demente que dizia tudo o que lhe passava pelo transtornado cerebro. Em um bello dia o infeliz poz-se a gritar viva o exercito brazileiro! e outras cousas semelhantes. Immediatamente foi preso pelos Paraguayos, que sem attender a seu estado de alienação mental o puzerão em tortura, cingindo-lhe a cintura com uma corrente de ferro, que, com o adjutorio de um páo, apertarão de maneira a quasi cortar pelo meio o corpo do desgraçado, que depois acabarão a baionetadas. Dizem que os Paraguayos matarão tambem uma preta velha meio demente. Ouço contar que ahi exercerão violencias até contra senhoras cujos parentes erão addidos a seu partido.

Capitulo VIII

Estado de nossas forças. — Batalha de 17 de Agosto na Restauração. — Chegada do general Barão de Porto-Alegre e do Visconde de Tamandaré. — Passagem das forças alliadas para este lado do rio Uruguay. — Diligencias para conseguir a rendição do inimigo. — Varios acontecimentos. — Chegada do ministro da guerra e do presidente Mitre.

Emquanto o inimigo saqueava Uruguayana, onde achou grande quantidade de fazendas, tanto nas casas de commercio como na alfandega, bom sortimento de bebidas de toda classe e uma immensa quantidade de viveres alli armazenados pelos Brazileiros que pretenderão a principio defender-se dentro da villa, constando estas provisões de dez mil quintaes de bolacha, cerca de oito mil de farinha, de quatro mil arrobas de carne salgada e muitas outras provisões, o exercito brazileiro acampava na coxilha, como cercando a villa, soffria de fome, de frio e de nudez.

Soffria de fome, porque passou bastante tempo sem farinha, sem herva-mate, sem fumo e varias vezes sem carne; e de frio e de nudez, porque por aquelle tempo a estação invernosa cresceu de intensidade, cahirão chuvas em abundancia, o frio fez-se mais sentir, e nossos soldados em geral não tinhão recebido fardamento, nem soldos para comprar roupas com que se cobrir; chegando a desgraça de alguns no campo raso em que estava nosso exercito acampado, a terem

sómente uma xerga velha, que dobravão no chão, para nella se sentar, afim de não se sentarem no meio do barro, e a se cobrirem com um couro fresco, que furavão ao meio, para lhes servir de ponche, faltando-lhes absolutamente todo o vestuario, como ceroulas, calças, camisas, blusas.

E o que lhes tornava mais sensiveis seus soffrimentos era verem em sua frente o inimigo basto de vestuario e de comedorias, e ter á sua disposição boas casas para se abrigarem da intemperie. Anciosos desejavão elles todos o dia do combate, esperando conseguir lenitivo a seus padecimentos.

Emquanto nosso exercito passava por estas miserias em frente da villa de Uruguayana, ficando doentes varios soldados nossos, nossa esquadra colhia um novo triumpho. Descia ella o rio Paraná no dia 12 de Agosto, quando a bateria de *Cuevas*, guarnecida com forte infantaria e vinte e quatro bocas de fogo pelo inimigo, começou um fogo terrivel. A esquadra respondeu com energia, sem interromper a sua marcha, conseguindo forçar aquella passagem, que os Paraguayos suppunhão obstada por elles. Ha quem diga que havia 40 peças de artilharia em *Cuevas*.

Sem embargo, a estrella do exercito paraguayo em operações sobre o rio Uruguay ia principiar a empallidecer. Duas divisões consideraveis do exercito alliado, ao mando dos valentes generaes Flôres e Paunero, se approximavão da Restauração (Pueblo de los Libres), sito sobre a margem direita do Uruguay, onde o inimigo tinha uma columna de 3500 homens, mais ou menos, sob as ordens do major Duarte. Os generaes Flôres e Paunero que dispunhão de forças muito superiores, mandarão á sua chegada intimar ao major Duarte de se entregar com sua tropa.

Este, depois de ter feito consultar seu chefe o tenente-coronel Estigarribia, que se achava em Uruguayana, e depois de ter recebido em seu acampamento o frade Duarte, que passou de Uruguayana para a Restauração, para dirigir, segundo dizem, a defesa daquella praça, mandou, conforme assegurão, tirar o couro ao parlamentario que lhe tinha sido enviado, que era um subdito francez, principiando pelas costas, e depois de o ter assim martyrisado vivo, o fez matar a baionetaços, sem dar outra contestação ao general Flôres. Este então, com o general Paunero, apresentou batalha ao inimigo sobre uma pequena cochilha, onde este se tinha formado, como a meia legua ao norte da Restauração sobre a margem direita do arroio Yatahy, no dia 17 de Agosto.

Os Paraguayos forão completamente vencidos. O numero de prisioneros que os alliados lhes tomarão foi de 1300, e o de seus mortos de mais de 2000. Muitos devem se ter afogado,

pela precipitação com que em sua fuga se atiravão a nado no arorio Yatahy, que estava mui cheio, assim como o rio Uruguay. Ficarão em poder dos alliados 4 carretas, 3 chalanas e muito armamento.

Algumas carretas forão queimadas pelos proprios Paraguayos. Em 6 chalanas puderão escapar noventa e tantos extraviados para a Ilha Grande, e dahi, a favor da escuridão da noite, para Uruguayana, apezar da vigilancia de nosso vapor *Uruguay* e de alguns lanchões.

Do numero destes fugitivos era o frade Duarte, que fôra de Uruguayana dirigir o ataque como favorito e confidente do presidente Lopez, a quem descobrio, ha alguns annos, uma conspiração, que tinha por objecto fazel-o baixar do poder, cuja revelação motivou a prisão de trezentos cidadãos dos mais distinctos do Paraguay, que gemem ainda hoje nas masmorras, mas que lhe valeu toda a confiança do dictador.

As perdas do exercito alliado, naquelle dia, sobem a trezentos homens, entre mortos e feridos. O coronel Fidelis foi baleado em uma perna.

Dos *blancos* orientaes, que estavão no exercito paraguayo, na Restauração, morreu o coronel Orrégo, escapando-se, porém, Apparicio e os dous Floridas, segundo contão.

Os Paraguayos prisioneiros não feridos forão distribuidos pelos batalhões dos generaes Flôres e Paunero e augmentarão o exercito alliado.

O major Pedro Duarte cahio no numero dos prisioneiros. Dizem que o general Flôres quiz mandal-o fuzilar por causa da morte cruel que dera a seu parlamentario. Assegurão, porém, que este major apresentou a Flôres a ordem por escripto que recebera de Estigarribia para proceder assim, e como o major Duarte gozasse da fama de ser um dos mais humanos de seus patricios, e os moradores da Restauração intercedessem por elle, o general Flôres se contentou de o remetter ao presidente general Mitre.

Entre os papeis tomados ao major Duarte, commandante da derrotada columna paraguaya, quando foi feito prisioneiro, acharão-se revelações importantes relativas á guerra. Se assegura que elles fazião menção de um accordo e plano de uma sublevação entre os Paraguayos e certos chefes entre-rianos e orientaes no caso de um revez do exercito alliado. Mas o general Mitre, apezar de todas as desculpas e satisfações, não se deixou burlar pela hypocrisia e perfidia.

Este digno presidente da Confederação Argentina expedio ordens terminantes para que os batalhões entre-rianos que se

fossem reunindo seguissem sem demora para o exercito nacional, afim de serem alli nomeados os respectivos commandantes por escolha do governo; não querendo o mesmo governo reconhecer outro exercito na Republica Argentina senão o nacional. Dispensou Urquiza de tomar parte na guerra. Desterrou os caudilhos *blancos*, que em Entre Rios e nas forças estavão conspirando: entre estes se achavão, os Aguirre, Carreras e Sáa (Lança Secca) em outra provincia da Confederação.

Depois do successo do dia 17 foi mais apertado o cerco de Uruguayana e os chefes do exercito alliado mandarão por um tenente, aprisionado no dia 17, intimação ao chefe paraguayo para que se rendesse.

Entretanto, no dia 19 de Agosto, o inimigo, que se achava em Uruguayana, moveu-se com todo seu equipamento, e caminhou em retirada até a meia lagua da villa. Esta marcha deu lugar a que a gente do tenente-coronel Bento Martins entrasse por alguns instantes na povoação. Porém a divisão Canabarro se pôz á frente do inimigo, que não se animou a passar por meio della, e voltou outra vez á Uruguayana. Ha quem diga que foi no dia 18 que o inimigo fez esta excursão.

Por esses dias propalou-se em nosso exercito a noticia de que Lopez, á testa de uma columna maior de 25.000 homens passára o rio Paraná, e se approximava da Restauração com o grande exercito paraguayo para soccorrer Estigarribia. Embalado de certo por esta esperança, o altivo commandante dos Paraguayos firmou a resposta á intimação que recebera, assim concebida:

„Viva a Republica do Paraguay!

„Commando em chefe da divisão em operações no rio Uruguay. — Quartel-general em marcha. — Uruguayana, 20 de Agosto de 1865.

„A S. Ex. o Sr. brigadeiro David Canabarro. — O mesmo official paraguayo, prisioneiro no combate do dia 17, que me entregou sua nota e a do brigadeiro Flôres, é portador de minha contestação a V. Ex. e ao general Flôres. Digo que defendo e sustento a causa da Republica e a independencia de minha patria, e que, como soldado de honra, não posso, nem devo aceitar proposição de classe alguma. Confio muito na nobreza e acreditado valor dos soldados paraguayos para bater-me ao lado delles, como já souberão fazer com soldados de V. Ex. nas pontas do Butuhy. Com a devida consideração, etc.. etc. — *Antonio Estigarribia.*"

Corre impressa outra resposta dada no mesmo dia por Estigarribia ao tenente-general Caldwel, que só nos termos differe da que acabo de citar.

A' vista desta resolução do chefe paraguayo encerrado na villa de Uruguayana, os chefes das duas divisões alliadas, que se achavão na Restauração, principiarão, no mesmo dia 20, a passar com suas tropas o rio Uruguay, afim de as reunir ás nossas que sitiavão Uruguayana. Ao pisar o solo brasileiro, o bravo general Flôres expedio a seguinte ordem do dia:

„Soldados do exercito de vanguarda! — Já estamos no territorio imperial, unidos ás legiões dos valentes Rio-Grandenses, que vos esperão anciosos para novamente combater os escravos do despota paraguayo, que, fechados na rica villa de Uruguayana, se divertem em incendiar os seus melhores edificios, sem ter animo de dar um passo para diante, e alli mesmo em poucos dias ficarão sepultados sob as ruinas da villa. Desde já me antecipo a saudar-vos como vencedores e triumphantes de Uruguayana, porque perante vossas baionetas e vosso arrojo não ha inimigo que resista. — *Venancio Flôres.*"

A 20 de Agosto, de noite, chegou ao exercito de operações, junto a Uruguayana, o tenente-general conselheiro barão de Porto Alegre e tomou o commando em chefe do exercito, com geral satisfação de nossas tropas.

A 21 de Agosto, ao meio-dia, chegou nas aguas de Uruguayana nossa tão desejada esquadrilha com o Ex. Sr. Almirante visconde de Tamandaré, que foi recebido com o maior alvoroço e alegria. Ella se compunha de 4 vapores e alguns lanchões, e trazia o corpo de *zuavos bahianos*, e mais 1500 praças de desembarque.

Naquella data, segundo dados officiaes, constava que as forças alliadas em operações contra o Paraguay erão de 62.500 homens, divididos da maneira seguinte: general Osorio 21.000, general Mitre 8000, outros chefes argentinos 9500, general Flôres 5500, brigadeiro Canabarro 9500, em marcha 9000 homens.

O exercito alliado em frente de Uruguayana contava vinte mil e tantos homens.

As forças paraguayas erão orçadas em 66.000 homens por tudo. A saber: no Passo da Patria 3000, em Corrientes, capital, 2000, nas baterias do Paraná 4000, grande exercito do Paraná, repartido em 4 divisões, 32.000, exercito do Uruguay 15.000 homens.

Como vemos, nestas forças estavão inclusas as que operavão sobre o Uruguay, em numero de 15.000 homens, mas que erão as seguintes:

As que forão destroçadas em Yatay compunhão-se de dous batalhões de infantaria de 840 praças cada um (os batalhões ns. 28 e 16), commandados pelos tenentes Zorrilha e Patinho. Um batalhão provisorio de 300 praças dos doentes que ficarão na villa da Encarnação, commandado por um alferes. Dous regimentos de cavallaria ns. 28 e 26, commandados pelo major Duarte, chefe tambem de toda a força. Cada regimento de cavallaria compunha-se de quatro esquadrões de 130 a 140 homens cada um. Total 3020 homens.

Não tinhão musicas, e sim alguns tambores e cornetas. Aggregados a esta força havia tambem para mais de 200 Orientaes e muitos Correntinos, commandados pelos *blancos* Apparicio e Orrego. Mas esta força já não existia, ficavão sómente as que estavão encerradas em Uruguayana, sob as ordens do tenente-coronel Estigarribia e do director deste chefe, o celebre frade Duarte. Ellas constavão:

De seis batalhões de infantaria de ns. 14, 15, 17, 31, 32 e 33. Quatro regimentos de cavallaria, 5 peças de artilharia, 1 obuz e mais 2 peças que acharão alli. Os batalhões erão de 800 homens, os regimentos de 500, e as peças guarnecidas por 10 homens. Com elles havia muitos Orientaes, como os Salvagnac, Zipitria e Capato.

A' vista da inferioridade numerica do inimigo, nutrião-se algumas esperanças de que elle capitulasse, evitando assim a effusão de sangue e poupando-se a villa. Tendo o commandante Estigarribia deixado perceber sua predilecção em tratar com o general Flôres, este lhe enviou o coronel D. Nicasio Borges, munido de instrucções convenientes e honrosas para um ajuste, de combinação com os chefes alliados. Em consequencia do que, naquelles dias se espalhou pelos alliados a noticia de que o exercito paraguayo tinha deposto as armas e se tinha entregue á discrição.

Poucos dias depois do triumpho da Restauração, o general Flôres enviou em commissão, para cumprimentar S. M. o Imperador, o coronel D. Barnabé Magarinos, o Dr. Herrera y Obes Hijo e uma comitiva, que encontrarão S. M. o Sr. D. Pedro II e seu imperial acompanhamento entre Caçapava e S. Gabriel a 29 de Agosto. Esta distincta commissão levou ao conhecimento do monarcha brazileiro as esperanças lisongeiras que nutrião os chefes do exercito alliado. S. M. o Imperador, depois de ter conferenciado com os enviados, fez seguir immediatamente para nosso exercito, em frente de Uruguayana, o Sr. conselheiro Ferraz, intelligente e activo ministro da guerra do Imperio.

Mas as negociações de paz entaboladas pelo general Flôres tinhão sido improficuas, não tanto pela tenacidade de Estigarribia, como pela vontade de ferro do frade Duarte.

Entretanto os chefes do exercito alliado não ficarão em inacção.

A 29 de Agosto o general Flôres fez sahir uma forte columna de cavallaria de 1200 homens, a rumo do rio Aguapehy para descobrir o campo das Missões Argentinas até Itapua, que dista muitas leguas da Restauração. O commando dessa columna foi confiado ao general D. Henrique Castro, e com elle foi o coronel Reguera, mui pratico dos terrenos.

A 30 de Agosto foi tomada pelas forças do general Flôres uma partida paraguaya de seis homens com um official e com um vaqueano (Correntino este), que sahio de Uruguayana, julgando escapar á vigilancia de nossas avançadas. O official declarou que ia a Humaitá pedir reforço em nome de Estigarribia, porque a sua posição era mui grave, e elle julgava perecer. O vaqueano foi fuzilado por traidor. O official e os soldados forão postos em liberdade, mas todos declararão ao general Flôres que desejavão servir no exercito alliado, e pedirão armas e alistamento.

No mesmo dia 30 de Agosto um official paraguayo com 50 soldados se passárão para o general Flôres. Esses homens disserão que os Paraguayos de Uruguayana já tinho acabado seus comestiveis, que estavão reduzidos á ultima necessidade, sustentando-se com carnes de cavallos e de eguas.

Emfim, o general barão de Porto Alegre, o almirante viconde de Tamandaré, o general Flôres e o general Paunero resolverão em conselho mandar fazer uma ultima intimação ao inimigo, impondo-lhe condições honrosas e compromettendo-se a deixar livres com as honras de guerra o chefe Estigarribia, seu estado-maior e os officiaes, ficando prisioneira de guerra toda a tropa, petrechos e munições existentes em Uruguayana.

O frade Duarte, que na acção de Yatay escapou em uma canôa ao justo castigo, e que, segundo dizem, influia fanaticamente contra qualquer combinação tendente a evitar a effusão inutil de sangue, fez ainda falhar esta ultima negociação. Então o barão de Porto Alegre com os chefes alliados e os officiaes generaes do exercito resolverão atacar o inimigo no dia 7 de Setembro, anniversario da independencia do Imperio do Brazil.

Em fins de Agosto e principios de Setembro chegou ao municipio de S. Borja uma brigada da divisão Jacuhy, que

acampou na estancia da Timbahuba, a vinte e tantas leguas a N E. de S. Borja e a umas 12 leguas da costa do Uruguay. Esta brigada era commandada pelo coronel David Pereira Machado.

O major Isaias, da mesma divisão, foi pelo mesmo tempo estabelecer-se no antigo povo de S. Nicoláo, tratando de crear um corpo no 5.º districto de S. Borja, ao mesmo tempo que o coronel Joaquim Rodrigues Lima tratava tambem de formar outro novo corpo em Santo Christo quasi nos limites dos municipios de S. Borja e d'Itaqui, deixando um e outro as familias no maior desamparo, e levando quasi ao desespero as pobres familias emigradas, como já notei.

Pelo mesmo tempo o brigadeiro Portinho fazia chegar varios corpos da guarda nacional da Cruz-Alta, que fazem parte da sua divisão, até os limites do municipio da Cruz-Alta com o de S. Borja, a muitas leguas de distancia da fronteira e do theatro da guerra, sem que até agora tenha dado um passo mais adiante, tanto a divisão do brigadeiro Portinho, como a citada brigada do Sr. barão de Jacuhy. Consta que falta-lhes muito armamento.

A chegada do Sr. general Mitre, presidente da Confederação Argentina, ao exercito alliado em frente de Uruguayana, teve lugar quasi ao mesmo tempo que a do Sr. conselheiro Ferraz, ministro da guerra. E' de suppôr que a vinda deste influisse sobre o animo do general em chefe para demorar o ataque contra o inimigo até a chegada de S. M. o Imperador, que, segundo ouço contar, manifestára desejo de atacar fogo pessoalmente á primeira peça que atirasse contra os Paraguayos.

S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, com os principes seus genros, com seus ajudantes de campo e sua imperial comitiva chegarão sem estrepito, e quasi incognitos, ao exercito no 11 de Setembro de 1865.

Capitulo IX

Chegada de S. M. o Imperador ao exercito alliado. — Seu effeito. — Rendição do exercito inimigo a 18 de Setembro de 1865. — Proclamação de S. M. o Imperador. — Ordens do dia dos Ex.mos Srs. ministro da guerra e general em chefe. — Decreto de 20 Setembro de 1865. — Recepção do ministro inglez em audiencia imperial em 23 de Setembro de 1865.

A chegada de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II ao exercito, em cuja frente na cochilha mais proxima ao inimigo Sua Majestade mandou levantar sua tenda, produzio nelle um effeito incalculavel, e talvez superior ao que se tinha previsto e que se acha bem descripto em uma correspondencia que transcrevo aqui do Echo do Sul n. 201:

„Esquadra imperial em operações no Paraná. — Chimboral, 1.º de Agosto de 1865. — Bordo da canhoneira Belmonte.

„Os officiaes de mar e terra, soldados e marinheiros, todos forão tocados de uma commoção singular, pela noticia que nos trouxerão da partida do Imperador para o theatro da guerra. Pedro II é em minha opinião um patriota ás direitas, e que comprehendeu profundamente a melindrosa situação actual. Elle vê agora dissipar-se a cerração que lhe occultava a verdade! Ainda é possivel a regeneração. Queira o monarcha debellar os abusos e as prevaricações, e a patria será salva.

„E' custoso crer como, nestas circumstancias difficeis, em que a honra e a dignidade da nação têm sido conculcadas por um tyranno brutal, em que cada cidadão deve esforçar-se para concorrer com o seu imposto de sangue para desaggravar a nacionalidade ultrajada, em que até a ultima camada social ergue-se vertiginosa, com esse rancoroso enthusiasmo de que sóe possuir-se a santa canalha quando quer figurar no drama sangrento da guerra, appareção bofarinheiros prostituidos, eivados do criminoso instincto da delapidação e do furto!

„Miseria!... Mas ainda se deve nutrir a esperançça de que esses caracteres marcados pela avidez do ouro, á custa da fome, da sêde, da nudez, frio e privações a que podem estar sujeitos os positivos defensores do direito e do throno, sejão em breve conduzidos ao pelourinho da opinião publica, e arrancadas as mascaras, para que o povo veja de perto a feição desses salteadores.

„Repito: a noticia da vinda do Imperador foi recebida na esquadra com inexprimivel contentamento. Nenhum de nós deseja que elle arrisque seus dias nesta campanha; mas sua presença ás tropas é de um effeito incalculavel; sympathico, bem educado, com os melhores precedentes no paiz quanto á sua bondade, moderação e moralidade elle póde determinar sacrificios espontaneos, e aplainar certas difficuldades que a desharmonia tem creado, imprimir mais celeridade ás operações de nosso exercito da fronteira, e finalmente, figurando o Imperador no meio dos soffrimentos porque passarem os seus soldados, seu prestigio será immenso e sua superioridade incontestada.

„Considero a viagem do Imperador como a resolução do problema. Lastimo que por causa daquelle miseravel cacique tivesse elle de incommodar-se: mas, como esse passo traz-lhe o augmento de amor e de dedicação do povo e assim procedendo dá mostras de patriotismo, estou satisfeito."

Immensa foi a alegria de nossas tropas ao ver S. M. o Imperador á sua frente, e o seu enthusiasmo subio ao mais alto ponto.

S. M. o Imperador procurou informar-se por seus proprios olhos do estado de nosso exercito, examinou seu fardamento, seu armamento, inteirou-se das comidas que se davão aos soldados, visitou os hospitaes de campanha, deu providencias para tornar melhor o estado de salubridade assaz deteriorado pelos frios, pela humidade e sobretudo pelos restos de muitos milhares de animaes cavallares que tinhão succumbido de frio e de trabalho, e que se achavão espalhados pelo acampamento e por algumas leguas a seu contorno. S. M. o Imperador era incansavel.

Desde o amanhecer até o anoitecer nossos soldados vião Sua Majestade o Sr. D. Pedro II, ora a pé, ora a cavallo, acompanhado de SS. AA. Imperiaes, os Srs. conde d'Eu e duque de Saxe, de seus ajudantes de campo, etc., percorrer o acampamento, fallar com os soldados, attendêl-os, consolar os enfermos, fazer-lhes dar os soccorros corporaes e espirituaes de que precisavão. Emfim Sua Majestade era o verdadeiro pai dos soldados, que como tal o idolatravão. Não sómente nossos chefes e generaes, mas tambem os chefes e generaes dos alliados, sobretudo o general Flôres, presidente da Republica Oriental do Uruguay, e o general Mitre, presidente da Confederação Argentina, que lhe tributavão as mais delicadas attenções de respeito e de veneração; homenagens tanto mais honrosas para o Senhor D. Pedro II, que não lhe erão dadas por

causa do explendor do throno, e sim merecidas pelas eximias qualidades que todos divisavão em sua augusta pessoa.

Emquanto a presença do adorado monarcha brazileiro infundia um ardor enthusiastico em nosso exercito, e dava um novo incentivo á intrepidez de nossos valentes alliados, elle fazia perder ao inimigo encerrado em Uruguayana toda a esperança de subtrair-se ao merecido castigo.

Ao menos é de presumir assim, pois que alguns dias depois da chegada de S. M. o Imperador ao exercito e tres dias antes de se entregarem tratou de fugir. Para esse fim tinha elle preparado, trabalhado dia e noite, umas cento e tantas canôas ou lanchas chatas, que podião cada uma conter cincoenta e tantos homens. Seu projecto era, aproveitando a escuridão da noite, embarcar nessas canôas, ás 8 horas, todos os soldados que nellas coubessem, degolar aquelles que não podião levar, pôr o comboio em marcha pela costa do rio Uruguay, procurando escapar á vigilancia dos dous unicos vapores que tinhamos então em Uruguayana e que estavão fundeados ao meio do rio. (Nossos outros vapores estavão então em diligencia de transportes de tropas com algumas chatas.) Ouço narrar que havia divergencia entre os chefes do exercito paraguayo sobre a derrota que devião levar se fossem bem succedidos em sua empreza.

Uns querião que seu exercito atravessasse o rio Uruguay e desembarcasse na costa corrientina abaixo da Restauração, onde os alliados não tinhão deixado forças consideraveis, e que erão quasi todas de cavallaria. Esperavão não ser presentidos por estas forças, ou batêl-as em caso contrario. Em seguida os Paraguayos tomarião a estrada de Corrientes, deixando á direita a Laguna Ibera, e muito á esquerda o grande exercito alliado, que se achava ainda na provincia de Entre-Rios, e farião juncção com o grande exercito paraguayo nas immediações do rio Corrientes.

Outros chefes do exercito inimigo, e particularmente os officiaes orientaes, querião que as lanchas paraguayas descessem Uruguay abaixo, e que seu exercito fosse desembarcar na costa oriental, em Santa Rosa, por exemplo, dizião os officiaes orientaes assegurando estes que em qualquer ponto da costa da Republica Oriental que elles desembarcassem haveria immediatamente um pronunciamento dos blancos em seu favor, e que infallivelmente elles se apoderarião de toda a Republica.

Porém a miseria a que estavam reduzidos os soldados paraguayos em Uruguayana era extrema. Elles tinhão ao principio gastado com prodigalidade, e mesmo inutilisado, por malvadez, os grandes recursos de viveres que ahi encontrarão, pensando demorar-se menos tempo naquella villa, e em con-

sequencia os comestiveis lhes tinhão faltado. Havia tempo que elles se sustentavão com carne de egua, de cavallo, de gatos, de cachorros, de ratos e de outros insectos, que podião encontrar dentro dos muros de Uruguayana.

Os soldados deperecião: muitos adoecião por falta de comida, ou pela má qualidade dos alimentos com que se sustentavão, e, faltando-lhes todo o recurso de curativos, morrião. Os miasmas infectos dos restos de eguas e dos cavallos que comião, e que deixavam amontoados dentro das casas, nos quintaes, e quasi em toda parte, fazião enfermar os mais robustos, que não podião supportar a infecção espantosa que reinava na villa, e acabavão por succumbir. Os miseraveis Paraguayos parecião mais cadaveres ambulantes do que homens vivos.

Os padecimentos tornavão as sentinellas menos activas e menos vigilantes, e o instincto da conservação da vida os impellia a desertarem se se lhes proporcionasse occasião opportuna. Um soldado que conseguio poder desertar na tarde do dia 15 de Setembro se apresentou no corpo de guarda nacional do tenente-coronel Bento Martins, a quem contou os soffrimentos de seu patricios dentro da villa, concluindo por lhe declarar que naquella noite ás 8 horas elles ião effectuar sua fuga embarcados, etc.

Immediatamente este commandante, cujo corpo estava collocado na orelha mais proxima do Uruguay, por onde o inimigo devia tentar fugir, poz sua gente em alarma, fez dar varias descargas para pôr álerta o exercito, mandou avisar o visconde de Tamandaré, que collocou os vasos de guerra em posição conveniente para impedir o embarque e a fuga do inimigo, e em poucos momentos todos os chefes do exercito alliado estavão prevenidos e tomarão as devidas providencias. Percebendo o inimigo que seu plano de fuga era descoberto, não tentou realizal-o nem aquella noite nem nas subsequentes. Porém os Srs. barão de Porto Alegre e visconde de Tamandaré continuarão a tomar as mais serias precauções para obstar a fuga.

No dia 16 de Setembro S. M. o Imperador dignou-se passar revista ao nosso exercito, e correu o boato de que o inimigo seria atacado no dia seguinte. Mas, se bem que naquella manhã nosso exercito se formasse na coxilha, não se realizou o ataque. Foi no dia 17 que reunindo o conselho privado deliberou S. M. o Imperador atacar no dia seguinte.

No dia 18 de Setembro de 1865, designado para o ataque dos Paraguayos entrincheirados na villa da Uruguayana, conforme as ordens do general em chefe o Sr. barão de Porto Alegre, ás 6 horas da manhã se achavão formadas em uma

coxilha á margem esquerda do Imbaá todas as forças do exercito imperial, tendo a nossa infantaria o numero de 4000 praças, incluindo 2000 homens de cavallaria armados como infantaria, que marchou em columnas contiguas em 5 brigadas, acompanhando a artilharia com 40 bocas de fogo e 4 estativas em direcção á villa.

S. M. o Imperador, o principe conde d'Eu, o ministro da guerra, o general em chefe, os ajudantes de campo de Sua Majestade e comitiva occupavão a frente da força.

O Sr. visconde de Tamanaré, acompanhado do principe duque de Saxe, se achavão então a bordo da esquadrilha, composta de seis vapores, e de varios lanchões e chatas. Elles não tardarão muito em se reunir á comitiva imperial.

Antes de marchar com as forças o general em chefe, Barão de Porto-Alegre, dirigira-lhes a seguinte proclamação:

„— Camaradas! Approxima-se o momento em que os vandalos que tem levado o incendio e a desolação aos habitantes inermes de uma e outra margem do Uruguay deverão expiar seus nefandos crimes.

„— Ahi os tendes á vossa frente entrincheirados no ambito que offerece o recinto da villa de Uruguayana, que com barbaro prazer tem quasi de todo arruinado.

„— O nosso adorado monarcha nos honra com sua augusta presença, em companhia dos augustos principes seus genros, e do ministro da guerra.

„— Tendes por companheiros n'esta luta de honra os valorosos soldados das nações alliadas, e para testemunhas de vossos feitos os chefes das mesmas nações, que commigo vos guiarão na marcha gloriosa que vamos emprehender.

„— Camaradas! Demos ao nosso inimigo uma lição assim de valor como de civilisação e humanidade. Offereçamos-lhe ainda uma vez, antes de principiarmos o combate, algumas horas para refletirem, e ao mundo inteiro uma prova de que no nosso justo resentimento nos quitamos de suas atrocidades por actos dignos de um povo livre. Viva Sua Majestade o Imperador! Viva a nação brazileira! Vivam as nações alliadas! — Barão de Porto Alegre. —"

„A divisão oriental, que se achava acampada na esquadra, ao mando do general Flôres, e a argentina que se achava no centro, commandada pelo general Paunero, tendo ambas á sua frente o general Mitre, tambem em columnas contiguas e na ordem em que se achavam, seguiram na mesma direcção de Uruguayana.

„Nada tão grandiosamente bello (como fez observar almas vezes o tenente-coronel Cabral, um dos ajudantes de Sua Majestade) como o espectaculo que offerecia então o exercito

alliado, composto de vinte e tantos mil homens, formados em um simi-circulo de mais de legua de comprimento e de mais de meia legua de largura, approximando-se pelas coxilhas, pelas vertentes, por toda a parte, das fortificações que circulavam Uruguayana.

„Tendo chegado á distancia de tiro de praça, o ministro da guerra, o general em chefe, o Visconde de Tamandaré, fizeram respeitosas observações a Sua Majestade o Imperador, que estava sempre na linha junto d'elles, de não expor seus dias, tão preciosos para todo o Brazil. Sua Majestade respondeu ás mesmas observações que occupava a posição digna de si.

„O Sr. D. Pedro II dizia: — Se eu estivesse dentro da praça atirava agora balas para fóra.

„Ao meio dia menos 11 minutos ja a praça se achava investida inteiramente, e toda a força disposta em ordem de ataque. Occupava o exercito brasileiro a direita da linha a distancia de tiro de fuzil ordinario das trincheiras do inimigo, ficando entre as mesmas trincheiras e o cemiterio, que fica por fóra da villa; a divisão argentina occupou o centro e a oriental a esquerda. Collocou-se toda a cavallaria á esquerda da linha e á retaguarda, na posição conveniente de protegêl-a.

Ao meio dia o tenente-general Barão de Porto-Alegre em nome dos chefes alliados dirigio ao inimigo a seguinte intimação:

„— A prolongação do rigoroso sitio em que se acham as forças sob o mando de V. S. deverá por certo têl-o convencido de que sentimentos meramente humanitarios retêm os exercitos alliaos em operações n'esta provincia ante o ponto do territorio que V. S. occupa.

„Estes sentimentos, que nos animam e que sempre nos dominaram, qualquer que seja o resultado da guerra a que fomos levados pelo vosso governo, me obrigam a ponderar a V. S. que semelhante posição e estado de cousas deve ter um paradeiro, e, em nome do nosso Imperador e dos chefes alliados, annuncio a V. S. que, dentro do praso de duas horas, nossas operações vão começar.

„— Toda a proposição que V. S. fizer que não seja a de renderem-se as forças do seu commando sem condições não será acceita, visto que V. S. repellio as mais honrosas que lhe foram pelas forças alliadas offerecidas. Qualquer que seja pois, a sua resolução, deve V. S. esperar da nossa generosidade o tratamento consentaneo com as regras admittidas pelas nações civilisadas.

„— Deus guarde a V. S.

„— Acampamento junto aos muros de Uruguayana, 18 de Setembro de 1865. — Barão de Porto-Alegre. — Ao Sr. tenente-coronel Antonio de Estigarribia, commandante da divisão paraguaya. —"

„Porém assim não aconteceu, porque, findo o prazo de meia hora que se tinha concedido, foi entregue ao general em chefe a seguinte resposta á sua intimação, que logo entregou a Sua Majestade o Imperador:

„— O commandante em chefe da divisão paraguaya offerece render a guarnição da praça de Uruguayana, sob as seguintes condições:

„— 1.ª O commandante da força paraguaya entregará a divisão do seu commando, desde sargento inclusive, guardando os exercitos alliados para com elles todas as regalias que as leis da guerra prescrevem para com os prisioneiros.

„— 2.ª. Os chefes, officiaes e empregados de distincção sahirão da praça com suas armas e bagagens, podendo escolher o ponto onde queiram dirigir-se, devendo o exercito alliado mantêl-os e vestil-os emquanto durar a presente guerra; se escolherem algum lugar que não seja o Paraguay, devendo ser por sua conta se preferirem o mesmo lugar.

„— 3.ª Os chefes e officiaes orientaes que estão n'esta guarnição ao serviço do Paraguay, ficarão prisioneiros de guerra do Imperio, guardando-se-lhes todas as considerações a que tenham direito.

„— Feito em Uruguayana, em 18 de Setembro de 1865. — Antonio Estigarribia. —"

„Logo que o general em chefe recebera esta resposta, mandára convocar os chefes alliados, que chegaram junto a Sua Majestade o Imperador, no momento em que comparecia em sua augusta presença o capitão paraguayo Baptista Ibanha.

„Assentou-se que, acceitar as condições 1.ª e 3.ª, sem restricções, se declarasse ao inimigo que os officiaes da praça não podiam sahir com armas, e por generosidade se lhes concedia o escolherem livremente qualquer lugar que não pertencesse ao Paraguay.

„O Exm.Sr. ministro da guerra offereceu-se para ir pessoalmente levar esta declaração ao commandante da praça e entender-se com elle, o que fez dirigindo-se logo a mesma.

„Tendo passado as trincheiras e penetrado na praça, o Exm. Sr. ministro fez a declaração ao commandante Estigarribia, que a pedio por escripto, e S. Ex. a escreveu nos seguintes termos:

„— Os generaes alliados concedem e admittem a 1.ª e 3.ª condições sem restricção alguma. Quanto á 2.ª admittem-a com as seguintes restricções:

„— Os officiaes de qualquer cathegoria se renderão, não podendo sahir da praça com armas, sendo-lhes livre escolher para sua residencia qualquer lugar que não pertença ao territorio do Paraguay.

„— Uruguayana, 18 de Setembro de 1865, ás 2½ horas da tarde. — Pelos chefes alliados, o ministro da guerra do Imperio do Brazil, Angelo Moniz da Silva Ferraz. —"

„O tenente-coronel Estigarribia pedio ainda meia hora para ouvir os seus otficiaes, o que lhe foi concedido.

„Expirado, porém, o prazo de meia hora que se lhe tinha concedido, elle respondeu pelo seguinte modo:

„— Commando em chefe da divisão paraguaya, sitio da Uruguayana, 18 de Setembro de 1865.

„— O abaixo assignado aceita as proposições de V. Ex. e deseja unicamente que seja Sua Majestade o Imperador do Brazil o melhor garante de tal convenio.

„— A elle e a V. Ex. me confio e me entrego prisioneiro de guerra com a guarnição, attendendo ás prescripções contidas por V. Ex.

„— O abaixo assignado espera que V. Ex. procederá immediatamente a ajustar com elle o modo como se deve effectuar o desarmamento e entrega da guarniçãço.

„— Deus guarde a V. Ex. — Antonio Estigarribia. —"

„Immediatamente S. Ex. declarando que estipulava a garantia em nome dos chefes alliados, mandou participar ao general em chefe, afim de dar todas as providencias necessarias para a evacuação da praça; feito o que começou o inimigo a entregar suas armas. Uma das bandeiras dos vencidos, apresentada ao Imperador, foi por Sua Majestade offerecida ao general D. Bartholomeu Mitre.

„A outra o foi igualmente ao general D. Venancio Flôres.

„Ficaram em nosso poder mais de 5000 prisioneiros praças de pret que foram no dia seguinte repartidos entre os tres alliados, e 59 officiaes, sendo no outro dia os Paraguayos entregues ao 11.º batalhão de linha e os Orientaes com o commandante da vanguarda confiados ao Exm.Sr. Barão de Jacuhy; 6 bocas de fogo, 540 espadas com talins, 850 lanças, 34 clavinas, 110 pistolas, 3690 espingardas de adarme 17, 3700 cinturões com patronas, 231.000 cartuxos, 7 bandeiras, 19 carretas, 1 carretilha e outros objectos.

„No outro dia (19 de Setembro) o Exm. Sr. ministro da guerra publicou a ordem do dia de que faço o seguinte extracto:

„— Gabinete do ministro da guerra. — Uruguayana, 19 de Setembro de 1865. — Ordem do dia n. 8.

„— Em nome de Sua Majestade do Imperador, S. Ex. o Sr. ministro da guerra com jubilo felicita o exercito pelo grandioso feito do dia de hontem. (S. Ex. faz a narração do que se passou). . .

„— Mandando dar publicidade a tão grandioso triumpho, tem a satisfação o mesmo Exm. Sr. de declarar que Sua Majestade o Imperador e seus augustos genros os Srs. Conde d'Eu e Duque de Saxe, acompanhados de S. Ex. e de seus ajudantes de campo e comitiva, assistiram sempre a todos os actos e movimentos occupando a frente das forças imperiaes.

„— Para conhecimento do exercito e de ordem de S. Ex. tambem se publicam os seguintes avisos. —"

„— Uruguayana, 19 e Setembro de 1865.

„— Tenho a satisfação de louvar em nome de Sua Majestade o Imperador, o modo por que as forças ao mando de V. Ex. se comportaram durante a jornada de 18 do corrente. O enthusiasmo com que marcharam á frente do inimigo, a precisão dos movimentos e pericia com que occuparam as posições que lhe foram assignaladas, são dignos dos maiores encomios.

„— Se, em virtude do prompto rendimento da praça, não puderam pôr em relevo seu valor, a satisfação e o alvoroto que se divisavam em seus semblantes, sua attitude bellicosa auguravam um feliz exito, e se este não se obteve por força de combate, a gloria para as armas alliadas não foi somenos, porque as vantagens colhidas pelo rendimento sem effusão de sangue, deverão por certo pelo seu effeito moral acarretar aos exercitos alliados grandes bens.

„— Não deve finalisar este sem ao mesmo passo louvar a V. Ex. em nome do mesmo augusto senhor a pericia com que dirigio as operações preparatorias para o combate.

„— Deus guarde a V. Ex. — Angelo Moniz da Silva Ferraz.

„A' S. Ex. o Sr. tenente-general Barão de Porto-Alegre. —"

„— Uruguayana, gabinete do ministro da guerra, 19 de Setembro de 1865.

„— A attitude e enthusiasmo que a brigada que V. S. commanda demonstrou na jornada de 18 do corrente mez são dignos de elogios, o que tenho a viva satisfação de declarar-lhe em nome de Sua Majestade o Imperador, que o testemunhou.

„— Deus guarde a V. S. — Angelo Moniz da Silva Ferraz. — Sr. tenente-coronel Joaquim Rodrigues Coelho Kelli. — No impedimento do ajudante general, o coronel Antonio Pedro de Alencastro. —"

„O Sr. general em chefe publiçou tambem a ordem do dia que se segue.

„— Quartel general do commando em chefe do exercito em operações n'esta provincia, na villa da Uruguayana, 19 de Setembro de 1865. — Ordem do dia n. 13.

„— Soldados do Imperio Brazileiro em operações n'esta provincia! Guerreiros do exercito alliado no Rio Grande do Sul! Companheiros na vindicta da honra nacional das tres primeiras potencias sul-americanas. A divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay, á vossa presença depôz as armas sem disparar um só tiro.

„A' frente de vossas armas, ante o vulto augusto de Sua Majestade o Imperador, em presença do Exm. ministro da guerra, dos augustos principes e da côrte, vistes desfilar hontem desarmados, ás 4 horas da tarde, sete regimentos de infantaria, e um corpo de cavallaria do exercito paraguayo!

„— Vossos fuzis e vossas lanças estavam descançados. Vossos canhões não annunciavam um combate de sangue, quando os hymnos da triplice alliança proclamavam a explendida victoria da civilisação contra o vandalismo.

„— Soldados da liberdade, em nome do Imperador o general em chefe do exercito imperial vos sauda e vos conjura a que respeiteis a desgraça do inimigo vencido.

„— O general em chefe agradece a dedicação de cada um de vós, assim como o enthusiasmo de todos, esperando poder ainda uma vez orgulhar-se de haver-se achado á vossa frente. — Barão de Porto Alegre. —"

No dia 20 Sua Majestade o Imperador expedio o seguinte decreto:

„— Querendo commemorar o rendimento da divisão do exercito da Republica do Paraguay que occupava a villa da Uruguayana, hei por bem conceder a todos os officiaes, soldados, magistrados, empregados e pessoas da minha comitiva que assistiram e tomaram parte no referido feito, o uso de uma medalha conforme o desenho e instrucções que com este baixam assignados por Angelo Moniz da Silva Ferraz, senador do Imperio, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, que assim o tenha entendido e faça executar.

„— Palacio da villa de Uruguayana, 20 de Setembro de 1865, 44.° da Independencia e do Imperio.

„— Com a rubrica de Sua Majestade o Imperador. — Angelo Moniz da Silva Ferraz. —"

„A 21 de Setembro de manhã Sua Majestade o Imperador mandou celebrar em uma capella improvisada junto á sua imperial tenda, uma missa e entoar um Te Deum em acção de graças pela victoria do dia 18.

„Assistiram com Sua Majestade os principes Conde d'Eu e Duque de Saxe, seus ajudantes, os Exms. Srs. ministro da guerra, general em chefe, Visconde de Tamandaré, os chefes alliados com suas comitivas e alguns corpos de nossas tropas. Sua Majestade convidou em seguida os generaes Mitre e Flôres, seu estado-maior, todos os generaes, etc., a almoçar em sua tenda, reinando a maior cordialidade entre todos. Os officiaes do estado-maior do general Mitre, apezar de convidados, recusaram de se sentar á mesa, dizendo que entre elles ninguem podia se sentar á mesa do chefe da nação.

„A 23 de Setembro de 1865, o Imperio do Brazil conseguio uma victoria não menos explendida e importante do que a do dia 18. Sua Majestade recebeu em audiencia imperial, em sua tenda, junto á villa de Uruguayana, o ministro de Sua Majestade a Rainha da Grã-Bretanha.

Capitulo X

Passagem das tropas alliadas do outro lado do rio Uruguay. — Sua Majestade o Imperador em Uruguayana. — Viagem de Sua Majestade o Imperador a Itaqui e S. Borja. — Regresso das familias para as villas de Uruguayana, Itaqui e S. Borja. — Conclusão.

„Depois da capitulação da divisão paraguaya em Uruguayana, principiaram no dia 19 de Setembro a passar d'aquella villa para a Restauração, nos vapores e lanchões da nossa esquadrilha, as forças ao mando do general Flôres.

„Em seguida passaram tambem as forças argentinas ao mando do general Paunero, que se juntaram n'aquella povoação á Legião Paraguaya Liberal, ao mando do coronel Hurburo, e dos Srs. Machain, que ahi tinham ficado.

„Concluida a passagem do Uruguay, o general Mitre seguio com seu piquete a reunir-se ao grande exercito alliado, que se achava nas vizinhanças do Mandaçoby-Chico, e o general Paunero com sua divisão foi tomar posição na frente do grande exercito paraguayo sobre o rio Corrientes. O general Flôres com suas forças devia tomar a mesma direcção poucos dias depois.

„Querendo se informar por si mesmo dos estragos feitos pelo inimigo nas villas de S. Borja e de Itaqui, Sua Majestade

o Imperador no dia 25 de Setembro de manhã embarcou a bordo do vapor Onze de Junho, que tinha as insignias do Exm. Sr. almirante Visconde de Tamandaré, com o fim de seguir para Itaqui e S. Borja.

„A's 10 horas da manhã o Onze de Junho se pôz em marcha.

„Pelas 7 horas da tarde do mesmo dia 25 o vapor fundeou no porto da villa de Itaqui.

„No dia 26 de manhã, apezar da chuva que cahia, Sua Majestade o Imperador desembarcou, acompanhado dos Srs. Conde d'Eu e Duque de Saxe, dos Exms. Visconde de Tamandaré e tenente-general Cabral, ajudante de campo de Sua Majestade e demais comitiva, não podendo desembarcar por estar meio incommodado o Exm. Marquez de Caxias.

„Pelas 6 horas da manhã do dia 27 o vapor Onze de Junho sahia de Itaqui levando a bordo Sua Majestade o Imperador e comitiva.

„Eram 3½ horas da tarde quando o Onze de Junho fundeou no porto do passo de S. Borja, onde esperavam pelo Imperador a officialidade do corpo provisorio da guarda nacional n. 10, estacionado desde dez ou doze dias em S. Borja, e alguns habitantes.

„A's 4½ horas Sua Majestade o Imperador e comitivas desembarcaram.

„No dia 28 de Setembro de 1865, Sua Majestade o Imperador desembarcou ás 6 horas da manhã com Suas Altezas Imperiaes os principes Conde d'Eu e Duque de Saxe, os Exms. Visconde de Tamandaré, ajudante tenente-general Cabral, conselheiros Beaurepaire Rohan, de Lamare, Dr. Meirelles e comitiva, ficando a bordo o Exm. Marquez de Caxias por continuar incommodado. Sua Majestade e comitiva montaram a cavallo (preparados os cavallos pelo tenente-coronel Luz) e tomaram o caminho da villa de S. Borja, distante mais de meia legua do passo, sendo Sua Majestade acompanhado pelo tenente-coronel Luz, a officialidade do corpo n. 10, do Dr. Lacerda e de varios outros cidadãos.

„No trajecto Sua Majestade se fez mostrar o caminho que seguiram os Paraguayos para virem a S. Borja, e examinou alguns instantes o campo em que elles se encontraram com o 1.º batalhão de voluntarios da patria, e a guarda nacional que no dia 10 de Junho se achava em S. Borja, em cujo campo estavam levantadas umas dez cruzes pequenas em cima das sepulturas dos bravos que ahi succumbiram.

„Poucos foram os cidadãos que foram encontrar Sua Majestade ao entrar na villa, se bem que todos os moradores d'ella fossem n'aquelle momento avisados pelos repiques dos

velhos sinos dos Padres da Companhia da chegada do seu idolatrado Imperador. A villa estava ainda quasi deserta, poucos homens tinham regressado da emigração, e familias quasi nenhuma.

„S. M. montou immediatamente a cavallo e regressou ao passo de S. Borja, attendendo em toda parte ás pessoas que sollicitavam a graça de lhe fallar, mandando dar soccorros a algumas.

„A's 2½ horas da tarde o Onze de Junho suspendia os ferros e Sua Majestade regressava para Uruguayana.

„Foi somente depois d'esta viagem de Sua Majestade o Imperador, que as familias das villas do littoral do Uruguay, saqueadas pelo inimigo, julgaram poder regressar com segurança para seus lares.

„Tenho concluido a narração da invasão do inimigo paraguayo na fronteira do Uruguay, que durou 100 dias, desde 10 de Junho, em que a divisão paraguaya passou o rio Uruguay, que em grande parte ficaram reduzidos á miseria.

„Invasão, deve-se dizer, vergonhosa para o paiz, que, dispondo de recursos consideraveis de toda a qulidade, não sómente para impedir a invasão, mas para esmagar o Paraguay inteiro e dez republicas como a intitulada Republica do Paraguay, pela indolencia e pelo descuido deixou chegar as cousas ao ponto que temos visto n'este memorial. Não é sufficiente que o governo repare os prejuizos causados e faça indemnisar os damnos que soffreram os habitantes, deve tambem tratar de prevenir as desgraças de igual genero que poderão sobrevir para o futuro.[1])

„O Exm. ministro da guerra em data de 27 de Setembro, ordenou ao general em chefe do exercito em operações n'esta provincia, de nomear uma commissão de engenheiros para colher todas as informações que possam esclarecer os factos relativos á invasão da divisão paraguaya pelo nosso territorio e submetteu a conselho de guerra os chefes a quem o governo tinha confiado a guarda e defesa do mesmo territorio. Necessariamente esta commissão, que está funccionando, ha de ministrar ao governo os esclarecimentos precisos sobre os factos consumados, e lhe indicar os meios com que elles teriam sido prevenidos.

---

[1]) Agora não é militar que falla, é um padre que conhece os erros da administração militar em occasião de guerra; ora quando um homem de profissão opposta á sciencia militar assim se exprime, o que devem dizer aquelles que estão instruidos na sciencia e administração militar, na politica internacional e na arte da guerra?

„Que o governo lance mão d'esses meios para se precaver para o futuro. O estabelecimento de colonias militares em alguns pontos do littoral do Uruguay, nas visinhanças das povoações existentes, além de fomentar seu augmento, serviria em parte de barreira aos inimigos do Imperio. Eu escrevi ha quatro annos, na ultima pagina de minha Historia da Republica Jesuitica do Paraguay. „— Se se estabelecessem sobre a margem esquerda do Uruguay tres ou quatro colonias, ao norte de S. Borja, desde a foz do rio Camaquam até a do arroio Commandahy... a provincia do Rio Grande do Sul e o Imperio do Brazil teriam n'esta fronteira (em poucos annos) uma povoação compacta, rica e activa, que os guardaria e defenderia contra qualquer tentativa de um inimigo visinho. A seguridade e a fortuna particular e publica cresceriam extraordinariamente. —"

„Em todo caso, o governo deve estar persuadido de que a fronteira de S. Borja é de grande importancia, que ella foi tida por tal desde a conquista das Missões Orientaes do Uruguay, como attesta o nobre Visconde de S. Leopoldo em seus Annaes da provincia de S. Pedro, segunda edição pag. 268.

„Ella é a porta de entrada para o Paraguay na provincia do Rio Grande do Sul, como desgraçadamente tem provado a invasão d'este anno. Além d'isso ella confina com a provincia argentina de Corrientes, de que só é separada pelo rio Uruguay; deve, pois, cuidar de a ter sempre em estado conveniente de defeza. — Fim."

INDICE

Pag

J. B. Hafkemeyer. (Murr) Historia dos jesuitas no ministerio do Marquez de Pombal 3

Major Em. Souza Docca. (Conego Gay) Invasão Paraguaya..... 227

Errata

Pag. 11, l. 10 de b. leia: factos são favoraveis aos jesuitas, que ha de fazer quem